Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/18864 4$00

QUINTA-FEIRA 11 SETEMBRO 1975

ASSALTO ÀS 9 DA MANHÃ

MILHARES DE CONTOS ROUBADOS AO B.P.A.

«Agarra, agarra que é um assalto» — ouviu-se gritar às 9.10 da manhã de hoje. Quatro homens saiam do Banco Português do Atlântico, (delegação de S. Sebastião da Pedreira) entravam para um automóvel e punham-se em fuga. Segundos antes, eles tinham posto os funcionários do Banco» em respeito» ameaçando igualmente os depositantes com pistolas com silenciadores incorporados. Foram roubados milhares de contos.

O assalto verificou-se, conforme referimos, logo a seguir à abertura do B. P. A. (instalações da Avenida António Augusto Aguiar) tendo os ladrões preferido que lhes abrissem a porta a tentar o processo de arrombamento.

Segundo o testemunho de alguns populares o grupo de assaltantes serviu-se de um carro de marca «Toyota», branco, com uma faixa preta atrás, matrícula HF-83-01, que acabaria por ser perseguido, mas sem êxito.

Testemunhas oculares afirmam ainda que o último dos assaltantes ao sair do Banco, deixava cair notas de mil e de cem, que ia apanhando ao mesmo tempo que apontava a sua pistola para um lado e para o outro, em diferentes direcções, protegendo os companheiros e tratando de safar-se. Todavia, a estupefacção era geral, e não houve quem tentasse travar o passo aos ladrões. Só depois, os gritos: «Agarra, agarra que é um assalto».

Outra testemunha dizia que todos os assaltantes entraram no estabelecimento com o rosto coberto por um pano, tendo notado que um deles «era um homenzarrão, tinha uma blusa creme e um boné da mesma cor, do tipo que usam na legião estrangeira. Trazia também uma sacola de linho onde metera notas».

Segundo outro depoimento, houve o caso de uma senhora que não se apercebeu do assalto e que se apressou a apanhar várias notas de mil espalhadas pelo chão, entregando-as depois a um funcionário. Um dos assaltantes que se preparava para abandonar o sítio voltou então atrás e «recuperou» o dinheiro.

Sobre o montante agora roubado da filial B.P.A., as informações não são ainda seguras. Todavia, um funcionário da sede, contactado pelo «D.

Continua na pág. 13

CONSELHO DA REVOLUÇÃO REUNIDO EM BELÉM

"CENSURA" ACABA HOJE?

Esta manhã, em Belém, prosseguiram as conversações entre delegações do P.S. e do P.C., que desde as 10.30 se reuniram conjuntamente com Costa Gomes e Pinheiro de Azevedo.

Mário Soares, Lopes Cardoso, Cardia e Campinos representavam o P.S., enquanto Álvaro Cunhal e Octácio Pato compunham a delegação do P.C. Esta reunião vem na sequência dos encontros de ontem, continuando os dois partidos a discutir o projecto político apresentado por Pinheiro de Azevedo.

Por outro lado o Conselho da Revolução reuniu-se a partir das 15 horas. A agenda não foi divulgada mas tem-se como certo que será debatida a actual situação política portuguesa e a reestruturação do próprio Conselho, pois Vasco Lourenço, presidente da Comissão que vai proceder à sua reestruturação, tem mantido intensa actividade nos últimos dias. Fonte digna de todo o crédito afirmou-nos esta manhã que o Conselho Superior da Revolução se vai debruçar sobre a contestada lei Constitucional que impede as notícias de carácter político-militar, sendo muito provável que a venha a revogar. Pelo menos, a acreditar nessas informações, um dos conselheiros vai propor a sua revogação em face da reacção violenta e generalizada dos profissionais da Informação.

. Apesar dos encontros sucessivos que ontem decorreram em Belém entre o PS e PCP, por um lado, e PS e PPD por outro, na presença do Presidente da República e do indigitado Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, a constituição do VI Governo Provisório parecer estar ainda longe de ser conhecida. Ontem à noite, com uma certa suspresa, os representantes dos secretariados do PS e do PC voltaram a encontrar-se, em Belém, desta vez também com a presença do major Melo Antunes, que, de acordo com informações prestadas esta manhã por elemento muito ligado ao grupo dos nove, fará parte do VI Governo como Ministro dos Negócios Estrangeiros. Embora os responsáveis nada tenham revelado deste segundo

Continua na pág. 13

PLENÁRIO DA CUF

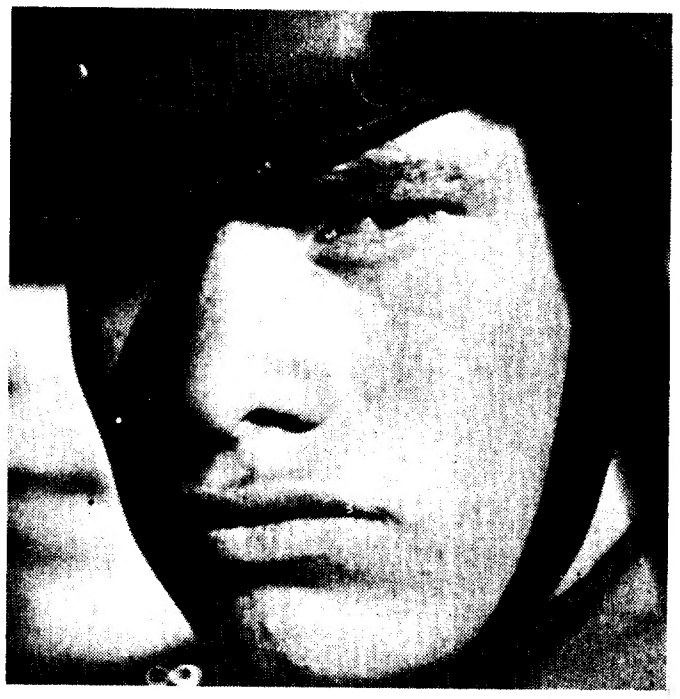
"Vencer ou morrer"

A promulgação imediata do decreto que nacionaliza a C.U.F., já aprovada em Conselho de Ministros, foi uma das exigências dos milhares de trabalhadores daquele grupo no plenário ontem efectuado no Barreiro e a que assistiu o comandante Ramiro Correia e outros militares progressistas.

É preciso não esquecer, afirma-se também nessa moção, que a essa decisão de nacionalizar a C.U.F. «está ligada a queda do IV Governo Provisório».

Sem querer insinuar ou especular, não deixamos nós aqui de recordar que também nas vésperas do 28 de Maio de 1926, quando da implantação da ditadura fascista, se procurava nacionalizar as empresas de tabacos e cervejas ligadas à C.U.F. Nessa altura venceu o fascismo. Agora, as massas trabalhadoras lutarão. Uma resistência de 48 anos deu alguma experiência. «Vencer ou morrer» — foi o resumo do plenário, impressionante de força revolucionária. (Pag. 7)

20 PÁGINAS



CHILE

A imagem trágica do fascismo

. «Trabalhadores da minha pátria, tenho fé no Chile e no seu destino. Viva o Chile, viva o povo, vivam os trabalhadores!» — foi com estas palavras que Salvador Allende se despediu do seu povo, pouco antes de ter encontrado a morte, em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas, no Palácio Presidencial, no dia 11 de Setembro de 1973. O golpe militar fascista que há precisamente dois anos pôs termo ao Governo de Unidade Popular foi o acto que veio a culminar três anos de conspiração e sabotagem permanentes contra a tentativa revolucionária de libertação do povo chileno. Em diversos pontos do nosso País realizam-se hoje manifestações de solidariedade para com o povo chileno.

Nacional

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DA ZONA DE QUELUZ !

No momento difícil e de extrema gravidade que o nosso País atravessa em que é preciso consciencializar e alertar todos os trabalhadores, a Direcção deste Sindicato, num espírito de apoio e solidariedade à luta encetada por um grupo de camaradas chilenos, cedeu nas instalações da sua Sede um Gabinete de trabalho onde este grupo funciona.

Estes nossos amigos, vítimas da queda do Governo de Allende pelo ditador Pinochet, revoltados e conscientes dos erros cometidos e que levaram ao derrube da sua Revolução, não querem e repudiam energicamente que erros idênticos se pratiquem no nosso País de cujas consequências eles viveram a trista experiência.

Baseados nessa experiência, os camaradas chilenos alertam todos os trabalhadores e a classe operária para estarem atentos e vigilantes. Com um elevado espírito de sacrifício, profundamente revolucionário estão estes amigos na disposição de contar e explicar, esclarecendo os nossos trabalhadores do que foi a sua Revolução e as causas que a levaram à derrota.

Alerta Camaradas! É preciso contactarmos, sabermos e divulgarmos, tudo o que possa contribuir para a marcha da nossa Revolução.

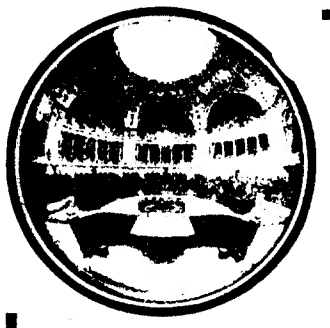
É, pois, dentro do mesmo espírito revolucionário, que o nosso Sindicato apela para todos os camaradas verdadeiramente progressistas, que num gesto de solidariedade compareçam a uma sessão a realizar nas instalações do Refeitório da firma J. Pimenta, no Monte Abraão (Queluz), dia 12, às 18 horas.

Esta Sessão será acompanhada da projecção de filmes e contará com a presença de membros da Direcção do Sindicato e camaradas chilenos.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS !
APOIO ACTIVO À RESISTÊNCIA CHILENA !
O CHILE VENCERÁ !

Lisboa, 10 de Setembro de 1975.

A DIRECÇÃO



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

P.P.D. NA OFENSIVA

. A sessão de ontem em S. Bento foi particularmente animada pelo P.P.D. Nada menos de 10 deputados daquele partido usaram da palavra quatro das quais antes da ordem do dia. Furtado Fernando (P. P. D.), intervindo na ordem do dia a propósito da discussão dos direitos económicos, sociais e culturais, diria, nomeadamente que «não é a unicidade sindical uma conquista revolucionária como por vezes apregoam algumas correntes partidárias. Antes pelo contrário ela confunde-se com um elemento estranho à nossa Revolução que é democrática e não é totalitária».

Fernando Roriz, também P. P. D. pretendeu fazer humor a propósito de declarações do coronel Varela Gomes. Alguns deputados acharam piada ao «discurso do espirro». Copiando o estilo do «Eça orfão» o representante do P.P. D. depois de insistir várias vezes no espirro diria que «espirro por espirro seria muito mais legítimo o nosso do que o do coronel Varela Gomes» e perguntaria «quererá o coronel Varela Gomes que o Norte se demita para ele continuar a dar a todo o País o seu contributo revolucionário sem necessidade de espirrar? Exemplos.

Costa Andrade, igualmente P. P. D. seria mais claro. As reacções às palavras no Porto de Moura Guedes («dissolver já o M. F. A.») ou Emídio Guerreiro (50 mil homens armados» levaram-no, a dada altura, a dizer «Os factos, as declarações estão aí! Na plenitude da sua verdade e realidade! Nas páginas dos jornais ou no testemunho de milhares de pessoas (...) declarações livres, fruto do exercício de um direito duma liberdade.» Atacaria ainda (para justificar as declarações do seu secretário-geral?) as declarações de Álvaro Cunhal a uma jornalista italiana e o último comunicado do P. C. P. visando o P. P. D.. A este propósito acabaria por dizer: «Os *Nove* sabem porém que o P. P. D. fez a sua luta e nós sabemos que o P. P. D. não a fez».

Eduardo Vieira, ainda P. P. D. ao denunciar elementos da L. C. I, do M. D. P. e do P. R. P. / B. R. que exerciam vigilância revolucionária, algures em Amarante, iniciaria a sua intervenção prestando homenagem «à memória do grande amarantino e meu conterrâneo, António Candido, aquele que, e muito bem, cognominaram de «Águia do Marão», e que foi o maior orador parlamentar de todos os tempos, tendo sido o anglo complementar dos homens grandes da sua geração e, talvez o primeiro a chamar a atenção das nações de origem latina se premonirem contra as ambições da Rússia.»

P.S. «VERSUS» P.P.D.

Facto, porém bastante curioso foi a intervenção de Manuel Pires do Partido Socialista. Denunciando as intenções do P. P. D. no ataque ao controlo de gestão o deputado socialista diria nomeadamente: «quando se diz que os direitos económicos e sociais serão efectivados pela extensão da propriedade social dos meios de produção — o P P. D. vem-nos dizer que isto é uma declaração contida na constituição da União Soviética e que está carregada de marxismo. Aqui nós sentimos de facto o P. P. D. pôr-se no seu devido lugar. Se o P. P. D. não aceita que direitos só podem ser garantidos de acordo com a apropriação colectiva dos meios de produção temos de perguntar que socialismo é este de que o P. P. D. se reclama» (...) é aqui que temos de reflectir, nós trabalhadores, no insulto que nos é feito. Para a social-democracia não passamos de simples animais, basta-nos encher a barriga e ficamos satisfeitos. Para a social-democracia não temos o direito a mais nada a não ser: sermos bem alimentados e possivelmente bons procriadores repormos as forças produtivas».

E. A.

LIBERTAÇÃO DO CAXITO:

"NENHUM ANGOLANO PODE DEIXAR DE ESTAR SATISFEITO"

. LUANDA, 11 — (Especial para o «DL») — A libertação do Caxito por forças do M.P.L.A. surge como o ponto mais destacado da evolução dos acontecimentos em Angola nas últimas 24 horas. Para além da grande vitória militar que constituiu a libertação daquela vila do domínio da F.N.L.A., ela representa também uma importante vitória psicológica, dada a desmoralização que se patenteia entre as hostes de Holden Roberto.

O presidente Agostinho Neto, falando em Luanda durante um encontro regional da juventude do M.P.L.A., integrado na «semana de defesa popular», referindo-se a esta vitória, afirmou que «nenhum angolano poderia deixar de se sentir satisfeito», já que ela marca mais uma «importante etapa na difícil luta que os angolanos travam contra o imperialismo e os seus agentes internos». O dr. Agostinho Neto, fazendo a análise da situação político-militar, salientou que «foram as agressões estrangeiras, por parte do Zaire, a coberto da F.N.L.A., a Norte, e da África do Sul, com a cobertura da U.N.I.T.A., a Sul, que determinaram o início da segunda luta armada de libertação nacional em que o povo angolano está engajado».

A CONQUISTA DO CAXITO

Tropas do M.P.L.A. reconquistaram a vila de Caxito, após renhidos combates que se prolongaram por dois dias e em que foram utilizados, pelas F.A.P.L.A., blindados e armas pesadas.

Caxito estava em poder das forças da F.N.L.A. há cerca de um mês e a sua posse tem sido amplamente disputada pelos dois movimentos, devido à sua importante posição estratégica, como nó rodoviário das ligações para o Norte, sobretudo, para Carmona.

A perda de Caxito significa ainda, para a F.N.L.A. um desaire quase catastrófico, pois estrategicamente aquela posição era fundamental para o tão falado e propagandeado avanço sobre Luanda. Além disso, a perda de Caxito é também um grande abalo psicológico para os homens da F.N.L.A. Defacto, a partir de agora, abriu-se mais uma porta para a penetração das F.A.P.L.A. em direcção ao Norte, ainda bastião das forças de Holden Roberto.

INTENSIFICADA A PONTE AÉREA ANGOLA-LISBOA

. Foi intensificada, a partir de ontem, a ponte aérea entre Angola e Lisboa. Aviões portugueses, americanos, suíços, ingleses, franceses, alemães (R. F. A.), começaram a operar conjuntamente na evacuação de refugiados. A estes voos, juntar-se-ão, durante o corrente mês, dezasseis outros a efectuar pela Força Aérea Portuguesa.

Ontem, aterraram no Aeroporto de Lisboa sete aviões vindos de Angola transportando cerca de 2000 retornados. Para hoje, espera-se a chegada de cerca de uma dezena de outros aviões, que poderão transportar entre 2000 a 3000 passageiros.

A assistência aos retornados está a ser feita, no Aeroporto de Lisboa, pela Cruz Vermelha e pelo I. A. R. N. (Instituto de Assistência aos Retornados Nacionais). As equipas destas duas organizações, contudo, são impotentes para atenderem ao trabalho com que se veem a braços. A desorganização faz-se sentir, com centenas de pessoas dispersas pelas salas da Alfândega, entre bagagem amontoada, e dificultando o trânsito de outros passageiros de voos internacionais que circulam pela aerogare principal do Aeroporto de Lisboa.

O Governo português isentou de direitos alfandegários toda a bagagem procedente das ex-colónias e as formalidades de entrada foram reducidas ao mínimo. Contudo, surgem numerosas dificuldades com a inspecção sanitária e a inspecção de bagagens, tornado obrigatório. No que respeita à inspecção de bagagem, destinada, sobretudo, a impedir a entrada no País de armas e de droga, ela é, no entanto, praticamente inexistente, dado o descontrolo provocado pelo movimento.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE
SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

Fundo de Fomento da Habitação

AVISO

EMPREITADA N.º 20/75 — CONSTRUÇÃO DE 90 FOGOS EM ALMADA — MONTE DA CAPARICA

CANCELAMENTO DO CONCURSO

Avisam-se os interessados que foi cancelado o concurso para a realização de empreitada n.º 20/75 (construção de 90 fogos em Almada, Monte da Caparica), cujo anúncio foi publicado no «Diário do Governo» n.º 196 — III Série de 26 de Agosto de 1975 e que se deveria realizar no dia 23 de Setembro de 1975. Posteriormente será aberto novo concurso para a realização desta empreitada.

Fundo de Fomento da Habitação, em 9 de Setembro de 1975.

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE PRODUÇÃO
Serafim de Oliveira
Engenheiro

COLÉGIO MODERNO

RUA DR. JOÃO SOARES, 10
(antiga Rua de Malpique)
Telefones: 77 50 38 - 76 12 3

COMUNICA

que as matrículas para os ensinos PRIMÁRIO PREPARATÓRIO e LICEAL para **AMBOS OS SEXOS** se encerram no próximo dia 12 de Setembro

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

REPARTIÇÃO TÉCNICA

REPARAÇÃO DA ESTRADA MUNICIPAL 510 DA TELHA À PENALVA

ANÚNCIO

Faz-se público, de harmonia com a deliberação de 28 do corrente mês, que está aberto concurso público para adjudicação da empreitada acima mencionada.

Base de licitação 2 714 250$00
Depósito provisório 67 856$30

Alvará de empreiteiro 1.ª Subcategoria da 4.ª categoria e na classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas dever ser apresentadas no prazo de vinte dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo» e a sua abertura terá lugar na primeira reunião da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado, pelas 21.30 horas.

O programa de concurso e o caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição Técnica desta Câmara.

Barreiro, 30 de Agosto de 1975.

Pela Comissão Administrativa
Hélder da Silva Nobre Madeira

ESCOLHA!
COSTA do SOL
8 DIAS TUDO INCLUIDO DESDE
5.048$00
PALMA DE MAIORCA
8 DIAS TUDO INCLUIDO DESDE
5.428$00
Mundicolor inclui passagens, hoteis e excursões.
Procure o alegre sol de Mundicolor na sua Agência de Viagens.
Os preços indicados referem-se a viagens com partida de Lisboa. Mediante um pequeno suplemento, poderá igualmente partir do Porto ou de Faro
MUNDI COLOR IBERIA
A VIAGEM QUE SONHOU FEITA REALIDADE

post scriptum

Defina-se, sr. general

Já vai sendo lugar comum, nesta coluna, vir à baila o senhor general Otelo Saraiva de Carvalho como grande obreiro do 25 de Abril. É assim que Fidel de Castro o convidou para visitar Cuba (...) e durante a sua estadia ali, se lhe abriu, o que não parece ser normal neste homem sempre ocupado com a sua revolução (...).

Os amigos cubanos terão motivos para desconfiar da missão de Otelo no seu País. As revoluções fazem-se com mais facilidade do que se consolidam...

Terá o senhor general Otelo ainda a possibilidade de se definir de vez? O seu mutismo de hoje, a contrastar com a exuberância ainda recente, leva-nos a desconfiar.

De uma vez para sempre, defina-se, senhor general.

Augusto Costa Rocha — Lisboa

Traidores, documentos e jornalistas

Camaradas deste País, cada vez mais cheio de traidores, é hora de todos nos unirmos, esquecendo os partidos de nossa simpatia, para lutarmos pelos nossos direitos e não mais sermos subservientes perante esses que nas nossas costas nos são mais traidores, que ninguém. Não, não é com documentos burgueses que nós vivemos e nem podemos acreditar: 48 anos de fascismo já foi grande pena e sacrifício.

(...) De palavras e promessas está o mundo cheio, e os portugueses mais do que nenhum povo. Hoje, mais do que nunca, os responsáveis pelo Governo e pela ordem pública devem fazer um exame de consciência, se é que a têm, e reconhecer que o dinheiro que recebem ao fim do mês, que não é pouco, é deste povo, que dia e noite trabalha e continua a ser explorado e traído. Não, meus senhores, não é desses capitalistas que sai a alimentação, o suor, a dor do esforço, de um duro dia de trabalho.

(...) Um apelo aos jornalistas: o vosso trabalho é hoje tão válido como semear um campo de trigo. Mas para que assim seja, pensem nas informações que estão a dar ao povo a quem pertencem e não se vendam a esses capitalistas que apenas se servem de vós.

António Lopes M. de Aguiar — Reboleira Sul

A revolução é ou não do P.S.?

Ainda há pouco tempo, um alto responsável do MFA dizia que a revolução portuguesa não era pertença de nenhum partido. Muito bem! Porém, os factos contradizem flagrantemente esta afirmação. O PS não gosta da 5.ª Divisão; cala-se a 5.ª Divisão! O PS não gosta de Correia Jesuíno; manda-se «descansar» Correia Jesuíno! O PS não gosta de Vasco Gonçalves; fora com o Primeiro-Ministro! O PS não quer como chefe do Estado-Maior; acaba-se de uma vez para sempre com Vasco Gonçalves! O PS não gosta do brigadeiro Corvacho; fora com ele do Conselho da Revolução!

A revolução é ou não é do PS? E eu, que cada vez acredito menos no «socialismo à portuguesa», só queria saber quando mandam embora o almirante Rosa Coutinho. É que o sr. Mário Soares já começou a apontar para ele!

Ant. Soares

«O próprio povo se interroga em Tavira...»

A cidade de Tavira é uma entre outras, em que os detentores do mando e os parasitas do fascismo, continuam a mostrar a sua força do 24 de Abril. O próprio povo se interroga, quando aqueles que foram informadores da P. I. D. E., não surgindo nenhuma lista oficial, para que possam agir de encontro a tais indesejáveis da sociedade. Elementos que serviram a P. I. D. E. no Ultramar, refugiam-se na cidade, tornando-se um pouco suspeitos. No entanto, o caso mais evidente, é a situação da corporação de bombeiros, que tem como comandante José Filipe Ribeiro. Este senhor foi elemento activo da A. N. P. e íntimo colaborador de Henrique Tenreiro na zona do Algarve. A situação na corporação agrava-se dia-a-dia, com tentativas de represálias ao pessoal; tenta-se criar o divisionismo e a desconfiança entre o pessoal mais progressista; faz interrogações ao pessoal gravando todas as conversas, num sentido pidesco; faz alterações nas contas quilométricas do serviço de ambulância; torna o filho membro da corporação, sendo seu auxiliar na vigilância ao pessoal; envia tanques cheios de água, sem pagar um tostão à Câmara, para regar as fazendas; afirma que o oficial responsável dos serviços do Copcon da cidade, tem recebido variadas queixas, mas tem-se abafado; ameaça certos bombeiros com a saída da corporação, só por se defenderem das suas atitudes fascizantes. Por outro lado certos bombeiros não reagem, por não se sentirem politizados e esclarecidos, e tal personagem ser director dos serviços municipalizados, onde exercem a sua vida laboral. Todas estas anomalias estão a gerar certo pânico, que poderão originar cenas lamentáveis.»

Horácio Caliço — TAVIRA

AS TAREFAS PRIORITÁRIAS DA PESCA DO BACALHAU

Por J SILVA FALCÃO

. A C.I.A. constitui na actualidade o sucedâneo da teoria económica de Keynes. Surgida esta após a grave crise do capitalismo mundial verificada em 1929, o aristocrático economista atribuía especial importância aos factores determinantes da procura efectiva de bens e serviços, geradora de desemprego e inflação. Era uma tentativa de salvação de um sistema em perigo. Não resultou a tentativa porque, efectivamente, não poderia resultar. A história segue a sua marcha inexorável. Não há hoje dinheiro suficiente para deter essa marcha. Kissinger preocupa-se com as revoluções. Também ele sente que o capitalismo está no seu estertor. Tal como em 1929 crescente crise agita o sistema esclavagista dos nossos dias. Mas não há na actualidade argumentação possível. Resta a força bruta sinistra, da C.I.A. Esta tenta o impossível: adiar a queda de um corpo na realidade morto. Uma sociedade corrompida a ponto extremo representa o odor pútrido de um organismo em decomposição. Há, entretanto, outro balão de oxigénio: a social-democracia, embuste criado para enganar a classe trabalhadora. Os verdadeiros progressistas, homens de uma só face, não aceitam o logro. O futuro está no socialismo, via para a felicidade dos homens, não de alguns homens. De todos.

No contexto de uma crise generalizada assume particular acuidade a crise sentida no sector das pescas, o que se compreende com naturalidade. Uma diminuição da produção piscatória, por menores capturas, ao mesmo tempo que se verifica uma elevação de salários, a acompanhar fenómenos inflacionistas, veio afectar, por forma notória, os detentores dos meios de produção. A pesca é hoje bom negócio para os intermediários. Lucram estes e perde o público, sujeito a uma inflação que os intermediários provocam por duas vias: porque elevam os preços do produto do mar, porque beneficiam de meios de pagamento que não correspondem à retribuição de qualquer factor produtivo.

Há quem explore com desígnios facilmente detectáveis a actual crise económica portuguesa — quando ela se insere no conjunto da crise económica nacional. É uma parcela de um todo. Uma parcela afectada pelo todo, pelo boicote, pela denúncia, pela infâmia, tarefas empreendidas por quem quer manter Portugal como sua colónia. Os portugueses conscientes, orgulhosos da ideia de Pátria recusam-se a tal qualidade. Queremos ser independentes. Fora do controlo de blocos, quaisquer que sejam.

Há também (e são os mesmos sacripantas) quem explora as crises sectoriais da economia nacional como a crise das pescas, igualzinha à que se depara em países capitalistas. É o sector das pescas o que nos queremos reportar, designadamente aos problemas prioritários que se colocam à pesca do bacalhau.

Considerando os últimos dez anos, de 1965 a 1974 constata-se que decresceu o número de embarcações da frota do bacalhau. Existiam, em 1974, 57 embarcações quando havia em 1965, 71 embarcações. No entanto, subiu o total da tonelagem de arqueação bruta, de 74 160 para 81 951. Motivo da aparente contradição: a entrada em actividade de unidades de maior porte.

A referida diminuição do número de embarcações deriva da redução do número de navios da linha, 39 em 1965 e 2 em 1974. Prevê-se a extinção dos navios de linha. Em conntrapartida o número de arrastões ascendem de 32 (em 1965) a 41 (em 1974). Por outro lado, entraram em actividade, em 1970, 3 navios com redes de emalhar. Existiam, em 1974, 14 navios com redes de emalhar, mais adequadas às actuais condições de exploração da pesca do bacalhau.

Revela-se entrementes, preocupante a idade média dos navios que compõem a frota bacalhoeira. Exceptuando os arrastões pela pôpa, de construção recente e idade média de cerca de 6 anos, é bastante elevada a idade média dos restantes tipos de navios bacalhoeiros: arrastões laterais — 25 anos; navios com redes de emalhar — 24; navios de linha — 28. Estes elementos, alguns aproximados assentam na publicaçao do Instituto Nacional de Estatística, «Estatísticas da Pesca».

Vale a pena referir que a propriedade das 57 embarcações, em 1974, se distribuía irregularmente por 22 empresas: 9 por cento das empresas possuíam 33 por cento da frota; 23 por cento possuíam 28 por cento da frota e 68 por cento possuíam 39 por cento da frota.

Do que se mencionou ressalta a necessidade, não facilmente superável, de renovação de toda a frota bacalhoeira, tarefa de que o sector público não se poderá alhear. Esta é uma das tarefas prioritárias no domínio das capturas do bacalhau.

Com uma capacidade de capturas que não desceu de 1965 a 1974, muito embora tivesse decrescido o número de unidaddes piscatórias, constata-se que essa capacidade está longe de ser esgotada. Na realidade, tem decrescido por forma acentuada, o volume de bacalhau pescado, com um ritmo de decrescimento medido pela taxa média anual de cerca de 5 por cento.

Este não aproveitamento da total capacidade dos navios bacalhoeiros poderá (e deverá) ser compensado pela captura de outras espécies, o que impõe o prosseguimento da instalação de frio a bordo das embarcações que ainda o não possuem, designadamente nos navios com redes de emalhar. A remoção de condicionalismos que impedem a utilização integral da capacidade de captura da frota do bacalhau, com a prática de outros tipos de pesca, nomeadamente arrasto do alto ou longíquo (pesca polivalente). Estas tarefas constituem também tarefas prioritárias no capítulo da pesca do baccalhau.

Em síntese, impõe-se: a) renovar a frota bacalhoeira e b) preparar essa frota para uma captura polivalente.

Estranhar-se-á este cacharolete (mais que nunca apropriado) de C.I.A. e pesca do bacalhau. É natural: a C.I.A. está presente em toda a vida nacional, inclusivé no comportamento de rostos da nossa anti-revolução. Oh, se estivessem intactos os ficheiros em poder da Comissão de Extinção da ex-P.I.D.E.!

A MALÁSIA, PRÓSPERA E FRÁGIL!

1. A TRAGICOMÉDIA DO SABAH

Por PATRICE DE BEER

. Ainda ameaçada no mês passado, a Federação da Malásia acaba de sair reforçada de um confronto entre o Poder Central e o primeiro-ministro de Estado do Sabah, Mustapha. Personalidade forte e corrupta, este não hisitou em encorajar — para preservar o poder —, as tendências separatistas do território do norte de Borneo, que há oito anos dirige. O chefe do Governo de Kuala-Lampur conseguiu finalmente vencer este potentado que, no dia 3 de Setembro, declarou que abandonaria as suas funções a 31 de Outubro. Será substituído pelo seu adjunto Syed Kervak.

A fim de reforçar a coesão da Federação, Abdul Razak visita actualmente o Sarawak, Estado vizinho do Sabah. Mas deve preocupar-se com a manutenção da ordem mesmo em Kuala-Lumpur, isto devido ao atentado cometido há dias contra as forças paramilitares.

Quem é este homsm que, sozinho, parece ter feito vacilar a Federação de treze Estados malaios?

. Há dois meses, o «caso Mustapha» nome do chefe do Estado do Sabah, na parte malaia de Borneo, dava que falar em Kuala-Lumpur. A imprensa local, conformista e geralmente aborrecida, tinha começado a publicar em Julho as acusações que eram lançadas à cara dos protagonistas da tragicomédia representada no Sabah, dando a entender claramente que ela se situava do lado bom, o do Governo Central.

As histórias que há vários anos se contavam em voz baixa sobre Mustapha, brilhante personalidade de cinquenta e sete anos, natural do sul das Filipinas e **chief minister** do Sabah desde 1967, não são decerto a principal razão que levou Kuala-Lampur a convidá-lo a pedir a demissão, e a provocar uma cisão no seio do partido que no Sabah detinha o poder.

Mustapha é conhecido pelos métodos desembaraçados que utilizou a fim de ganhar as eleições.

O ano passado, logo após a prisão de alguns irredutíveis, todos os candidatos da Aliança do Sabah, a USNO, foram eleitos sem oposição. Muçulmano fanático, Mustapha também teve a mão suficientemente pesada para «convencer» os não — muçulmanos — a grande maioria da população do Estado — a converterem-se. A obtenção de licenças para exploração florestal — de lucros mirabolantes, — a nomeação para postos administrativos, estavam muitas vezes ligados a uma conversão à religião islâmica. Tornou-se por fim conhecido devido ao auxílio que prestou aos separatistas muçulmanos de Mindanao, ao sul das Filipinas.

Até ao mês de Julho, Kuala-Lampur não teve nada a dizer, pelo menos oficialmente, a tais abusos, assim como à exuberante vida privada de Mustapha, e à sua propensão para misturar as suas finanças pessoais com as do Estado.

Muito dado às damas, grande amador de champagne, e apaixonado executante de violino — consta que um dia, estando em Kuala-Lampur, mandou um dos seus aviões particulares a Kota-Kinabalu, capital do Sabah, a fim de lhe trazerem o violino que lá esquecera, — esse homem tem uma resistência excepcional: é capaz, após uma noite perdida, de ir à mesquita às 7 horas, de olhar vivo e voz clara, o songkok (toque preta) sobre o rosto magro, a fim de exortar os recem-convertidos a respeitar os mandamentos do Islão. «Se as mulheres gostam de mim é porque me acham belo», diz modestamente.

Os seus lucros pessoais são calculados nuns doze mil contos mensais (há quarenta anos, antes de se lançar na política, era criado numa casa de colonos britânicos).

Quase sempre em viagem fora do seu Estado, dispõe de dois pequenos aviões a reacção, e comandou antes da queda, dois Boing 707, para desenvolver o turismo, dizia. Mas os requintes com que enriqueceu os aparelhos — estereofonia, toilettes suplementares, globo terrestre indicando constantemente o local onde os aviões se encontravam, e que ultrapassavam em luxo os do Boing do director de **Playboy** — aumentaram consideravelmente o seu preço.

Os inimigos acusam-no de investir o seu dinheiro no estrangeiro — em Londres, por exemplo, — em imóveis. Respondeu a tais acusações declarando que agia desse modo para dar mais possibilidades aos habitantes de Sabah. Em contrapartida acusou os adversários de investirem no próprio país em detrimento da população. Curioso raciocínio.

O BERJAYA CONTRA MUSTAPHA

A 15 de Julho, quando Mustapha, se dedicava, em Londres, às suas ocupações fa-

Continua na pág. 18

COMUNICADO

ABASTECIMENTO DE ÁGUA À TRAFARIA

REMODELAÇÃO DA REDE DE DISTRIBUIÇÃO

O Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Almada, visando dar solução aos problemas que actualmente se verificam na distribuição de água à Vila da Trafaria, mandou executar por firma da especialidade, o estudo para resolução dos mesmos.

Estes problemas que, se traduzem por faltas de água, por insuficiência de pressão e por avarias ou roturas das condutas, abrangem, não só aspectos ligados à distribuição propriamente dita, como aspectos relacionados com o armazenamento e com a alimentação dos reservatórios. O Estudo foi dividido em duas partes, uma dizendo respeito à rede, a outra ao sistema de adução e armazenamento, a considerar em fase posterior.

Esta divisão do estudo em duas partes, teve como objectivo conseguir-se uma maior celeridade na execução das obras.

No que se refere à distribuição, está já concluído e superiormente aprovado o projecto para completa remodelação da mesma, cujo custo se estima em cerca de 2670 contos, estando já garantida uma comparticipação do Estado em 50 % do custo.

Em conformidade vai ser aberto concurso público para execução dos respectivos trabalhos.

Almada, 9 de Setembro de 1975.

O Presidente do Conselho de Administração
Eng.º José Manuel da Costa Morgado

C. P. – CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 24 de Setembro de 1975, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração da cantina da estação de Bragança.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 9000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Bragança
Mirandela
Tua
Sector Comercial da Região Norte
PORTO (S. BENTTO)
Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar — Lisboa-2, acrescentando-se aquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração da cantina da estação de Bragança».

CURSO NOCTURNO

PARA AMBOS OS SEXOS

COLÉGIO MODERNO

(ao Campo Grande)

Informações:

RUA DR. JOÃO SOARES, 19 (antiga Rua de Malpique)
Telefones: 77 50 38 - 76 12 39
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Externato Padre Cruz

Alameda D. Afonso Henriques, 3, 1.º, Dt.º
Telef. 830198 — LISBOA

INFANTIL — PRIMÁRIO

ABERTO TODO O ANO das 8.30 às 20 h

Mensalidades sem alteração de preços

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

Nacional

DIZ O P. C. DA FINLÂNDIA:

O FASCISMO REPRESENTA UMA AMEAÇA PARA A PAZ E A SEGURANÇA DOS POVOS

«O desenvolvimento democrático em Portugal está seriamente ameaçado». Constatação fácil, repete-se porque parte do Partido Comunista da Finlândia, e abre uma declaração deste sobre a actual situação política em Portugal. O texto foi divulgado em Portugal pelo Serviço de Informação e Propaganda do PCP.

O desenvolvimento democrático em Portugal está ameaçado, por quê? — Diz o PC da Finlândia: «A contra-revolução procura provocar a confusão, que abriria caminho a um golpe de Estado fascista e ao restabelecimento do antigo regime ditatorial. As forças reaccionárias fascistas continuam, com o apoio do imperialismo internacional, o terror contra os comunistas e as outras forças democráticas. A pressão económica do exterior e a sabotagem no interior do país reforçam-se». E o PC da Finlândia denuncia: «os meios do grande capital em Portugal, as grandes empresas internacionais, a direcção política dos países da CEE e também a internacional Socialista. Os meios imperialistas — diz — ingerem-se nos assuntos internos do país, em completa contradição com os princípios aprovados pela conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa. A divisão nas forças democráticas em Portugal aumenta o perigo da reacção. O Partido Socialista Português arca uma pesada responsabilidade no nascimento da divisão. Foi justamente o P.S. que abriu o caminho às dificuldades actuais, desligando-se do Governo e orientando-se para um anticomunismo aberto.»

Solidária com o P.C.P., o P.C. da Finlândia apela para todas as forças finlanesas «para que dêm apoio às forças antifascistas e progressistas em Portugal» e ainda para «todos os meios de informação do nosso país para que transmitam informações justas e variadas sobre Portugal. Reclamamos particularmente que a Rádio-TV finlandesa renuncie às transmissões falsificadas e hostis».

A terminar: «O fascismo representa uma ameaça para a paz a segurança dos povos, a democracia. A defesa da democracia em Portugal é a causa comum de todas as forças progressistas e democráticas».

PARA PUBLICAÇÃO BREVE:

DECRETO-LEI INSTITUI CONTROLO OPERÁRIO

Diploma enviado para publicação no «Diário do Governo», depois de aprovado em Conselho de Ministros, acaba de institucionalizar certas formas de «controlo da produção» pelos trabalhadores, fomentando mesmo a criação de estruturas de controle nas empresas, «sempre que a iniciativa dos trabalhadores se manifeste nesse sentido e quando a sua dimensão o permitir».

Este controlo poderá ser posto em prática nas empresas com mais de 50 trabalhadores, ou com um volume anual médio de vendas superior a 10 000 contos, nacionalizadas, públicas ou com participação estatal ou, ainda, onde o Estado interveio ao abrigo do Decreto-Lei N.º 660/74. O mesmo para as empresas onde se verificou sabotagem económica.

É, no entanto, a via administrativa que delimita o alcance do referido «controle» que, no texto legal, surge mais limitado do que aquele já exercido em algumas unidades de produção pelos trabalhadores. De facto, as atribuições dadas às estruturas de controlo em pouco ultrapassam a função consultiva, deixando todo o aparelho de decisões de fundo fora desse mesmo «controle». Logo de início se diz que tais estruturas não deverão nunca «entravar a normal actividade da empresa, nem interferir no exercício das funções que ccompetem ao seu administrador ou órgãos de gestão». A função secundária deste «controle» aparece mais claramente na enunciação concreta das atribuições, fundamentalmente: «apreciar, emitir parecer e garantir a execução dos planos gerais da empresa, em particular da produção e investimento». A instrumentalização dos órgãos ditos de «controle» da produção por quem produz é mais clara quando se aponta para a sua transformação em executores da política económica decidida no Governo e «apreciar, emitir parecer e garantir a execução dos planos gerais da empresa, em particular da produção e investimento». A instrumentalização dos órgãos ditos de «controle» da produção por quem produz é mais clara quando se aponta para a sua transformação em executores da política económica decidida no Governo e destinada às fábricas: «velar pelo cumprimento dos programas do Governo para o sector, ou empresa, e pelo cumprimento das normas legais e regulamentares». Completando esta, outra disposição atribui-lhes a missão de «zelar pelo cumprimento rigoroso das medidas de austeridade que o Governo adopte». Remetendo para os órgãos centrais a definição de políticas económicas e para as administrações, estatais ou privadas, a gestão do capital, que é dizer da sua rentabilidade, o decreto-lei a publicar deixa apenas um leque de atribuições que têm como preocupação principal organizar formas de vigilância à sabotagem e de melhoria e racionalização da produtividade, mas que não são decisivas sobre o próprio modo produtivo.

As comissões encarregadas desse controlo, que poderão ter por base comissões ou delegados sindicais, serão legalmente reconhecidas uma vez comunicada a sua constituição aos Ministérios da Coordenação Económica e do Trabalho. Não deverão ter mais de 3 elementos nas empresas até 100 trabalhadores; nas unidades de maiores dimensões, juntar-se-ão mais dois elementos por cada duzentos trabalhadores existentes. Reconhece-se prioridade à criação de tais órgãos nas empresas nacionalizadas, nos sectores em crise e «naqueles em que a intervenção do Estado é preponderante».

A articulação destes órgãos com o planeamento central e com a organização sindical é deixada para despachos ministeriais que tal deverão regular.

INDUSTRIAIS PEDEM QUE A HOTELARIA SEJA "INDÚSTRIA EM CRISE"

Os patrões hoteleiros desejam que o sector seja declarado «indústria em crise». A Associação dos Industriais Hoteleiros de Faro dirigiu ao secretário de Estado do Trabalho uma exposição onde se sugere «a promulgação de um decreto-lei que considere a indústria hoteleira como indústria em crise» e se pede a concessão «de vários esquemas de apoio, nomeadamente, redução dos preços de combustíveis líquidos e gasosos, electricidade, água, impostos, suspensão de encargos com a Previdência, financiamento, etc.». Estas medidas, segundo os industriais não seriam, ainda suficientes: paralelamente, dever-se-ia iniciar um estudo urgente de reconversão da indústria turística. Esta atitude teve como pretexto as dificuldades na negociação do novo Contrato de Trabalho (vertical) com os seus assalariados.

OPERÁRIOS DA ENOBRA CONTRA ATITUDE DE RETORNADOS DE ANGOLA

Trabalhadores da Enobra aprovaram uma moção repudiando a atitude de alguns retornados de Angola, que teriam solicitado, junto da embaixada dos Estados Unidos em Lisboa, a intervenção daquele país em assuntos internos de Portugal.

É o seguinte o texto da moção:

«Os operários da construção civil da obra n.º 42 do Cacém da firma Enobra, tendo tomado conhecimento pelos órgãos da Imprensa, de que os retornados de Angola teriam solicitado junto da embaixada dos EUA, a intervenção imperialista daquele país nos assuntos internos de Portugal, manifestam o mais veemente repúdio por esta atitude antipatriótica e consideram-na uma traição a todo o povo trabalhador de Portugal, que quer construir livre e independentemente o seu futuro».

PRÉ-INSCRIÇÕES NO 4.º ANO DE MEDICINA

Abrem no próximo dia 15 e prolongam-se por mais dois dias, até 17, as pré-inscrições no 4.º ano da Faculdade de Medicina de Lisboa. O objectivo das pré-inscriçoes é obter — segundo uma informação da Comissão do Curso do 4.º ano — uma estimativa do número de alunos de forma a melhor facilitar a planificação da sua distribuição pelas diversas instituições hospitalares.

As inscrições podem ser feitas nos dias referidos entre as 10 e as 13 horas e entre as 15 e as 17 na Sala 7 de Maio da FML, ou, no caso dos alunos que se encontrem fora de Lisboa, pelo correio, para a secretaria, no mesmo prazo.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

NOTARIADO PORTUGUÊS

ERE — SOCIEDADE COOPERATIVA DE MONTAGENS DE ALUMÍNIO, SOCIEDADE COOPERATIVA ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Eu abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, 202, rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que por escritura de 6/6/1975 lavrada nas notas deste Cartório no Livro C-171 de folhas 14 verso a folhas 25 foi constituída uma cooperativa operária de produção, sob a forma de sociedade cooperativa anónima de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe. A cooperativa tem a sua sede e escritório em Lisboa, na Avenida Óscar Monteiro Torres, número 66, 5.º andar esquerdo, freguesia de São João de Deus. O objecto social é o exercício de actividades relativas à construção civil, construção de montagens em alumínio, decoração de exteriores e interiores, bem como quaisquer outras que a cooperativa delibere abarcar, no desenvolvimento da sua actividade. O capital social no valor mínimo de 1000$00 já realizado, é variável, ilimitado, e representado por acções nominativas de 100$00 cada uma. Considera-se sócio da cooperativa todo e qualquer indivíduo que como tal seja admitido pela assembleia geral, por proposta da direcção da sociedade, ou da assembleia geral.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 12 de Junho de 1975.

A ajudante,
Maria Antonieta dos Santos Carrico Esteves

Nacional

CIDADE MARGINAL

UM TIRO DE DESPEITO

A luta de classes gerou mais uma vítima: o padeiro Fernando Dias, de 19 anos que namora a sobrinha do construtor cívil Luís Valente. Este não está de acordo com o idílio (tem outras ambições para a Maria Teresa), e ontem à noite, quando o padeiro se apresentou no 3.º andar do prédio n.º 23 da Rua Alferes Carvalho Pereira, para falar um pouco com a jovem, desfechou-lhe um tiro de caçadeira à queima-roupa. Atingido nas costas, o infeliz Fernando recolheu ao Hospital de S. José.

SOFRER A FIM DE ALGUÉM

Desempregado e em desespero, o motorista Domingos Graça, de 33 anos, solteiro, natural de Évora, arrombou o vidro de um carro estacionado, no Largo de S. Domingos, e com uma chave de parafusos retirou um relógio próprio para instalar em automóveis. Mas o Polícia de giro estava atento e o motorista foi detido. Para desabafar na esquadra: «Eu não sou tipo para isto. Só que as duas filhas pequenas que tenho lá em casa com fome fazem-me perder a cabeça».

A IRONIA DAS PALAVRAS

Palavras ofensivas e gestos indecorosos foram as armas utilizadas pela doméstica Maria Albertina, de 25 anos, natural de Monção, para demonstrar a sua aversão à Polícia Militar e ao Copcon. E implicitamente aos objectivos perseguidos pelo 25 de Abril. E fê-lo na pessoa de um furriel miliciano no momento em que este atravessava a cidade no comando de uma pequena força militar. Uma ironia: Maria Albertina reside em Almada numa rua chamada Liberdade.

A MORTE DO TAXISTA

Continuam a resultar infrutíferas todas as tentativas feitas pelos investigadores da Polícia Judiciária para identificarem os indivíduos que, na madrugada de ontem, assassinaram a tiro de pistola, nas proximidades de Linda-a-Velha, o taxista Joaquim Castanheira, de 64 anos, natural de Vale de Cambra, e resideme na Quinta da Lomba (Barreiro). Joaquim Castanheira é o segundo motorista morto em menos de seis meses e o terceiro crime de morte verificado naquela localidade em pouco mais de um ano.

AMANHÃ EM LISBOA:

MANIFESTAÇÃO DE APOIO AOS SOLDADOS DA P.M.

. Vai realizar-se amanhã ao fim da tarde em Lisboa uma manifestação de apoio aos soldados da Polícia Militar (PM) que recentemente se recusaram a embrcar para Angola.

A manifestação começa com uma concentração no Rossio cerca das 19 horas, desconhecendo-se, de momento, se haverá qualquer marcha e o respectivo itinerário.

Trata-se de uma iniciativa conjunta de várias organizações populares. Entre as organizações de que se conhece a adesão à iniciativa, regitem-se as Intercomissões de Trabalhadores, as Comissões de Trabalhadores dos TLP, das OGMA, do BPA, da Cometna (Palmela) e da Timex, e as Comissões de Moradores de Moscavide, Beato, Bairro da Liberdade, Charquinho (Benfica), Afonseiro, (Montijo), e Alhos Vedros. Manifestaram já a sua adesão os Sindicatos dos Escritórios, dos Ourives e as listas concorrentes à direcção dos Metalúrgicos e dos CTT, respectivamente «Por um sindicato nas mãos dos Metalúrgicos» «Por um sindicato democrático». Apoiam igualmente a manifestação os solados do Depósito Geral de Adidos.

A OCMLP APOIA SOLDADOS DA PM

«O povo irmão de Angola vive hoje a hora de mais uma etapa dura da sua longa mas certamente vitoriosa luta de libertação nacional» — lê-se num comunicado da OCMLP, Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa, ontem emitido a propósito da recusa dos soldados da Polícia Militar embarcarem para Angola.

A OCMLP pronuncia-se sobre a situação em Angola, reafirma o seu apoio político ao MPLA, põe em questão o comportamento das autoridades de Lisboa no processo de descolonização daquele território. Para a organização, a atitude dos soldados da PM é justa, no que ela representa contra «as medidas tomadas pela burguesia governante, ao serviço do seu plano neo-colonialista»: Por isso — «nós saudamos a justa luta dos camaradas soldados da PM, apelamos para o apoio de todo o povo à sua luta e exortamos os camaradas soldados a prosseguirem até ao fim o seu combate, recusando-se a ser carne para canhão do imperialismo internacional».

O C.S.R. LEGISLA

Lopes Pires: de general a tenente-coronel

. O «Diário do Governo» publicou hoje dois importantes decretos-lei dimanados do C. S. R. O primeiro, por ordem numérica (495/75), insere disposições relativas à passagem à reserva de oficiais do quadro permanente com menos de 15 anos de serviço e atingidos pelo limite de idade, os quais «continuarão na situação de activo até perfazerem aquele período», salvaguardando-se assim os seus legítimos interesses, isto é, ficando deste modo assegurada a sua pensão de reserva. No caso de manifestarem interesse nisso, podem os referidos oficiais passar ao quadro de complemento, recebendo, neste caso, «uma indemnização correspondente a um mês do seu vencimento actual por cada anos de serviço completo».

O outro Decreto-Lei (496/75 exonera os oficiais actualmente em exercícios dos cargos de professores militares da Academia Militar, do Instituto de Altos Estudos Militares, da Escola Naval e do Instituto Superior Naval de Guerra. O Conselho Superior considera que «os esttudos em curso» para a reorganização desses estabelecimentos «são necessariamente morosos» e que se torna urgente «rever, desde já, o problema da situação dos professores militares». Enquanto não for publicada a reorganização dos estabelecimentos em epígrafe, «os lugares de professor militar serão preenchidos por escolha do Chefe do Estado-Maior respectivo».

O Conselho Superior decidiu, ainda, nos termos da alínea c) do artigo 92.º do Estatuto de Oficiais das Forças Armadas, aprovado pelo Decreto-Lei 367/70, de 7 de Agosto, «desgraduar do posto de general o tenente-coronel de Engenharia Nuno Manuel Guimarães Fisher Lopes Pires, por ter sido exonerado do cargo de membro da Junta de Salvação Nacional».

Hoje é dia de solidariedade com o povo chileno

. Como em muitos países, também em Portugal hoje é dia de luto e de protesto, quando o regime sanguinário do sinistro general Pinochet completa dois anos de opressão e massacre sobre o povo chileno.

Em Lisboa, às 21 e 30, no Pavilhão de Desportos, a U.D.P. realiza um comício «onde será feita uma análise da situação política actual no sentido da mobilização das massas populares contra o fascismo, contra os imperialismos, pela liberdade e independência nacional». No comício promovido pela U.D.P. participam também antifascistas do Chile, Espanha (F.R.A.P.) e Brasil, que falarão sobre a luta desenvolvida pelos seus povos contra os regimes imperialistas e autoritários que os explora e domina.

No Porto, à mesma hora e também no Pavilhão de Desportos, os dois anos de resistência antifascista no Chile serão lembrados, num comício promovido pela Frente de Unidade Revolucionária (P.R.P.-B.R., M.E.S., F.S.P., L.C.I., M.D.P./C.D.E. e L.U.A.R). Contará com a presença de patriotas chilenos da resistência e a palavra de ordem é: «Portugal não será o Chile da Europa».

U.D.P.

Num comunicado onde convoca os antifascistas portugueses para o comício desta noite, no Pavilhão de Desportos, a U.D.P. lembra que «a luta de um povo diz respeito a todos os povos. Das vitórias tiram-se encorajamentos. Das derrotas colhem-se lições e ódio aos inimigos. Cada golpe que um povo dá nos fascismos, nos imperialismos, e em todos os reaccionários, é golpe dado nos inimigos mortais de todos os povos. E os povos de todo o Mundo têm a certeza da vitória final.

L.C.I.

A Liga Comunista Internacionalista também emite um comunicado, advertindo que «é esmagando a actual ofensiva da reacção capitalista e avançando no caminho da revolução proletária e socialista que os trabalhadores portugueses poderão apoiar o proletariado chileno».

Ao analisar a experiência chilena, vítima dos mesmos boicotes e ataques que agora Portugal está a sofrer, a L.C.I. adverte que «no Chile, como por vezes hoje em Portugal, as massas gritavam «o povo unido jamais será vencido», quando pela primeira vez na História se pensava que seria possível a chegada ao socialismo através das eleições e das reformas».

P.C.P.

Depois de lembrar que «camadas da população chilena ontem contaminadas pelo anticomunismo soprado pela reacção nacional e pelo imperialismo, ontem hesitantes no apoio à Unidade Popular e ao processo revolucionário, comprovam hoje o seu erro nas lágrimas e na dor», o Partido Comunista Português afirma: «Num momento difícil do processo revolucionário no nosso País, a luta dos comunistas portugueses contra a ameaça do fascismo, em defesa das liberdades e de outras conquistas alcançadas pela revolução, designadamente as nacionalizações e a Reforma Agrária, pela unidade das forças revolucionárias e pela construção de um Portugal democrático a caminho do socialismo, é também um contributo para o justo combate da classe operária e do povo irmão chileno».

Delegação do M.D.P. encontrou-se com Vasco

. Esteve ontem na residência oficial do Primeiro-Ministro em S. Bento uma delegação do M.D.P./C.D.E. O objectivo da visita era um encontro com o general Vasco Gonçalves a quem a delegação transmitiu as inúmeras manifestações de apoio e solidariedade para com o que foi Primeiro Ministro do II, III, IV e V Governos provisórios, que têm chegado à sede central do M.D.P. em Lisboa.

A generalidade destas mensagens provém de comissões locais do partido e de organizações unitárias e populares de inúmeras localidades do País. A delegação era formada por José Tengarrinha e Mário Bruxelas.

Ora diga-nos

CONCORDA COM A CENSURA MILITAR?

. Quer queiram quer não, os elementos do Conselho da Revolução que «avalizaram» ou decretaram essa aberrante medida-prelúdio de Exame Prévio — de restringir as liberdades de Imprensa ocultando de moto próprio factos, eventos e imagens das unidades e seus sucedâneos — na sua maioria a justificação de uma excelente 1.ª página —, têm hoje e contra si a maioria, também, do Povo Português. E, de tal modo o asserto é inequívoco (quanto a maioria, quanto a fumaças de Exame Prévio que foi deleite e masturbação de Marcelo), que muitas das pessoas que contactamos, com o medo na medula, nem responder nos quiseram — e tinham direito a foto que valoriza rostos e recupera «linhas».

«O Povo tem o direito de saber o que se passa, pelo que a medida determinada pelo Conselho da Revolução é simplesmente monstruosa», disse-nos Maria do Rosário Soares, estudante de psicologia no ISPA, que acrescentou: «A lei agora decretada não favorece absolutamente nada a Revolução, até porque a vida dos quartéis não deixa de ser, hoje, o aspecto mais importante da conjuntura política do País. E não me venham dizer — objectivou — que a medida aparece para calar os jornais que brincam a formar governos todos os dias ou se comprazem em criações lagonianas...».

Para Heitor Baptista Pato, além do mais, a medida é uma violacão ao Pacto firmado entre o MFA e os partidos, conforme matéria da Plataforma que precedeu as eleições. E, também, «uma forma de esconder o que de mais importante se passa no País». «Mas o que mais me constrange em tudo isso», salientou-nos Pato, «é que a medida tenha sido decretada por militares, que deviam estar unidos e dar, nesse aspecto, o exemplo ao Povo».

«Embora a medida possa comportar aspectos válidos», começou por dizer-nos Ângela Sousa, empregada de livraria no Chiado, «parece-me que aparece para silenciar órgãos antifascistas que estão com o MFA, o Povo e a Revolução. Também parecem recusar a essência e a justificação do 25 de Abril, que no seu programa propunha categoricamente e sem tergiversações que ao Povo Português era restituída a Liberdade de Pensamento e de Expressão. Ora o que se procurou agora foi justamente o contrário, e nós não podemos ser títeres numa comédia deste tipo».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Para tratarmos de assuntos de interesse e de esclarecimento, convocamos-te para uma reunião a realizar no próximo dia 12, às 20 HORAS, na Delegação do teu Sindicato em Vila Franca de Xira, na RUA SERPA PINTO, 136-2.º ANDAR.

COMPARECE!

É IMPORTANTE A TUA PRESENÇA!

A DEFESA DO TEU SINDICATO É A TUA PRÓPRIA DEFESA!

A DIRECÇÃO

Nacional

Lisboa

UMA CÂMARA PARA O SOCIALISMO

. Projecto de reestruturação da Administração da Câmara Municipal de Lisboa, hoje tornado público, enviado aos órgãos de Informaçãoo e que por falta de espaço temos de resumir assim:

«Para assegurar as conquistas da Revolgução, no nosso País, urge que as instituições governamentais e da nação se vão construindo ao ritmo da evolução dessas conquistas democráticas e da tomada do poder pelo povo».

Entre essas instituições, «estão hoje em lugar de destaque as autarquias locais, lugar por excelência para o exercício dos direitos e poderes políticos e cívicos de toda a população — a dos que estão inseridos na vida activa e os que a ela ainda não chegaram».

Lê-se ainda no preâmbulo do projecto que «a actual comissão administrativa da C. M. L., antes de deixar de desempenhar as responsabilidades para a qual foi designada, apresenta ao Governo um projecto de reestruturação imediata desta Câmara. Este projecto procura contemplar os resultados da experiência de quase um ano de exercício e de meditação sobre a evolução da organização popular da actual população do concelho. Durante o período do exercício do mandato a comissão administrativa destaca três factos fundamentais que justificam uma mudança . profunda na administração da C. M. L.: a definição por parte do povo e do Governo da via socialista para o País; a dinamização cívica e política da população quea torna mais apta agora para o exercício da soberania popular; e a descentralização experimental da gestão do concelho de Lisboa em sete zonas locais.»

. Porque a «construção do socialismo» a isso obriga, segundo a C. A. da C. M. L., o poder de gestão «deverá passar a pouco e pouco para as Juntas de Freguesia e Comissões de Moradores». Ainda dentro dessa perspectiva, terá de haver uma «reorganização interna da própria estrutura camarária, hoje com a dimensão da maioria dos Ministérios».

«A criação das sete câmaras locais», prossegue o documento elaborado pela C. A. da C. M. L., «permitirá a descentralização da gestão que agora pertence a um órgão central». Esta descentralização será acompanhada, entre outras medidas, pela autonomia financeira.

Preconiza-se, também a criação de um Conselho Municipal e de Conselhos das Juntas de Freguesia. Para a «resolução dos problemas mais prementes da cidade (...) propõe-se a nomeação de uma nova comissão administrativa constituida por sete delegados escolhidos pelos conselhos de Juntas das Câmaras locais e quatro outros directamente nomeados pelo M. A. I. ouvidos os sete delegados».

Para a reestruturação da C. A., depois de alguns considerandos, propõe-se que a gestão da Câmara Municipal seja atribuida ao Conselho Municipal, «órgão soberano da população de Lisboa, sobre a sua Câmara Municipal» e ao conselho administrativo, «órgão executivo destinado a cmcretizar as linhas gerais definidas pelo Conselho Municipal.

O documento de que vimos dando notícia debruça-se depois, sobre o Conselho Municipal, a Comissão Administrativa e as Comissões Municipais, sua constituição e funções, sempre dentro do espírito de construção do socialismo e de democraticidade que nortearam a sua elaboração, dado que, segundo o mesmo documento, «a construção do socialismo em Portugal passa ao nível da Câmara de Lisboa, por toda uma alteração de perspectiva de crescimento e administração da cidade».

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

55.715 — 5.000.000$00
43.269 — 1.500.000$00
50.088 — 1.000.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

55.714 — 41.500$00
55.716 — 41.500$00

PRÉMIOS DE 40 CONTOS

582; 1.141; 5.217; 5.535; 5.790; 7.997; 9.182; 10.826; 11.123; 12.061; 13.106; 15.881; 16.435; 21.692; 22.527; 25.065; 25.242; 28.896; 35.259; 37.333; 39.752; 41.517; 42.606; 43.161; 43.782; 44.680; 46.893; 47.202; 47.951; 49.005; 50.947; 51.523; 54.622; 54.979; 55.068; 56.351; 59.900.

PRÉMIOS DE DEZENA

Os números de 43.261 a 43.270 são contemplados com 20.000$, de 50.081 a 50.090 com 15.000$, e de 55.711 a 55.720 são contemplados com 25.000$..

PRÉMIOS DE 800$00 (CENTENAS)

43.201 a 43.300; 50.001 a 50.100 e 55.701 a 55.800

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos sejam 032, 143, 259, 513, 626, 640, 821 ou 930 têm direito a 10.000$00 de prémio, em cada bilhete. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 42 ou 60 são premiados com 1.000$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 5 têm direito a 600$00, de prémio também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 1.500 contos do 2.º Prémio e os 1.000 contos do 3.º Prémio foram distribuidos aos balcões da CASA DA SORTE.

PINTO SOARES RETOMA FUNÇÕES NA ACADEMIA MILITAR

. Segundo uma nota do Estado-Maior do Exército, e por decisão do Chefe do Estado-Maior, o general Pinto Soares retoma as suas funções, como comandante da Academia Militar, independentemente da sua situação no Conselho da Revolução.

Recorda-se que o general Pinto Soares, um dos oficiais que até agora, não só pelas palavras, mas principalmente pela sua prática, se tem afirmado como um dos homens revolucionários, coerentes e determinados do 25 de Abril, havia solicitado o seu afastamento do Conselho da Revolução e do cargo de Comandante da Academia Militar. Ao mesmo tempo através de uma carta largamente divulgada pelos vários órgãos de comunicação social, Pinto Soares explicou as razões da sua atitude e, simultaneamente, fez uma breve análise da situação política, a que não faltou uma isenta, corajosa e leal tomada de posições em relação ao General Vasco Gonçalves, na altura em que se iniciava a escalada de calúnias, difamações e traições que culminaria com o afastamento dos centros de decisão político-militar do Primeiro-Ministro do V Governo Provisório.

Num momento de grande confusionismo e divisão nos meios militares, a permanência de oficiais como Pinto Soares é sinal de que nem tudo no M.F.A. está destruido.

Eleições nos seguros

AS DUAS LISTAS CONCORRENTES CONFRONTAM POSIÇÕES

. As duas listas concorrentes às eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros, que se realizam amanhã, ofereceram esta manhã aos órgãos de Informação um combate verbal de cerca de uma hora, de que não resultaram consequências graves.

Entre o muito que se atacou e defendeu e o pouco que se esclareceu, ficou-se a saber que a lista A, contrariamente ao que a sua designação poderia fazer supor, se caracteriza pela oposição à actual Direcção que acusa de estar enfeudada à Intersindical e ao P.C.P., e abrange todo um leque de tendências que vão desde a U.D.P. ao P.S., passando pelo M.R.P.P., A.O.C., Base e «independentes».

A lista B, por sua vez, apontada como filha da Direcção em exercício, nega essa paternidade, embora não oculte que inclui elementos que daquela fazem parte. A sua composição partidária compreende o P.C.P., o M.E.S., a F.S.P. e a L.C.I., além de elementos sem partido.

Esta caracterização partidária, que pode parecer estranha em listas que pretendem gerir os destinos de um organismo de trabalhadores, mas que tende a marcar cada vez mais o sindicalismo português, esta caracterização partidária, dizíamos, não impede que cada uma das listas reivindique que as adesões dos trabalhadores e os resultados que a votação vier a revelar se realizam na base de programas apresentados e não das suas ligações partidárias.

Sendo assim, e para esclarecimento dos leitores, recordemos alguns dos principais pontos programáticos que aproximam ou opõem a lista A da lista B.

O controlo operário é defendido pelas duas listas. No entanto, os termosem que cada uma o defende e a importância que esta questão assume para os trabalhadores portugueses faz que se situe aqui uma das suas principais divergências.

Para a lista A, o controlo operário deve ser «praticado, dinamizado e coordenado pelas comissões de trabalhadores» e nele devem empenhar-se «todos os trabalhadores».

A especificidade da posição da lista B reside no facto de esta defender a inclusão de delegados sindicais nas comissões de trabalhadores, atribuindo-lhes funções de controlo e fiscalização. Assim, a lista B entende que «o controlo não poderá ser exercido exclusiva ou predominantemente pelo Sindicato», mas não deixa de reservar a este um papel nessa matéria.

A lista A define como objectivo do controlo operário «pôr em causa a própria lógica da gestão capitalista». A Lista B coloca claramente a questão da tomada do poder político, afirmando que o controlo é um dos meios de o alcançar.

A necessidade de uma central sindical única é ponto assente para qualquer das listas. Os termos são, aliás, semelhantes. Ambas as listas defendem que a Intersindical deve ser independente do Estado e dos partidos. A diferença reside no facto de a lista A contestar a actual Intersindical e de a Lista B reconhecer que a adesão a ela já foi aprovada pela classe. Assim, se os seus elementos ganharem as eleições, afirmam-se dispostos a defender no seu seio «as posições decididas pelos trabalhadores de seguros».

ALPOIM CALVÃO À ESPERA DE SPÍNOLA?

. Segundo informações divulgadas pela ANI, provenientes de Madrid, aumentam as actividades dos contra-revolucionários portugueses em Espanha aliados a organizações de extrema-direita espanhola, e brasileira e ao capitalismo e neofascismo europeus.

Segundo o correspondente da ANI, teriam entrado em Portugal diversos grupos de mercenários para realizar operações de sabotagem da Revolução.

O recrusdecimento das actividades fascistas estaria ligada, segundo fontes da capital espanhola com o regresso de Alpoim Calvão, oficial da Armada que fugiu após o 11 de Março, golpe do qual foi considerado o cérebro estratégico.

O ex-comandante Alpoim Calvão tinha-se deslocado recentemente ao Brasil, presumindo-se que actualmente já possa estar no interior de Portugal, nomeadamente em zonas do Nordeste do País.

Os violentos incidentes que se verificaram naquela zona, nos últimos tempos, são atribuídos às actividades de Alpoim Calvão, pondo-se a hipótese de estarem a ser ultimados os planos para acções de maior vulto por parte dos contra-revolucionários. A CIA e organizações de mercenários estariam também empenhados nas rreferidas actuações, mantendo contactos assíduos com Alpoim Calvão na capital espanhola.

ADÓQUE grupo de teatro (AO MARTIM MONIZ) Telefone 87 42 80

A.C.I.A. DOS CARDEAIS

A revista que DANTAS não era possível!

ESTREIA DENTRO DE DIAS

MONITORAS E AUXILIARES DE MONITORA

Necessita a Escola de Enfermagem de Faro

Nacional

PLENÁRIO DOS TRABALHADORES DA CUF

UM GRANDE MOMENTO DA REVOLUÇÃO

. «Neste momento joga-se o destino da nossa Pátria. É necessário um esforço colectivo para levarmos de vencida a nossa Revolução. Neste momento o facho da Revolução não deve ser conduzido pelas Forças Armadas mas pelo povo trabalhador. Nós, militares, tudo faremos para que os trabalhadores encontrem a justa recompensa aos seus esforços. Se necessário o sacrifício máximo. Ou vencer ou morrer» — afirmou o comandante de mar-e-guerra Ramiro Correia na sua intervenção para os milhares de trabalhadores da C.U.F., ontem reunidos em plenário para análise da situação político-militar do nosso país.

Antes haviam usado da palavra alguns trabalhadores da Comissão de Trabalhadores que justificaram o plenário como uma exigência dos trabalhadores e porque os «trabalhadores querem saber muita coisa». E, de facto, ao longo da sessão, com maior ou menor emoção, as perguntas dos trabalhadores foram feitas: «O relatório do 11 de Março, onde está? Quem queria o afastamento do brigadeiro Corvacho e porquê? Quem está a fazer o saneamento dos militares de esquerda? Porque e por quem a agressão armada à 5.ª Divisão? Porque calaram a voz do capitão Paulino na Emissora Nacional?». E outras questões foram colocadas. Algumas sem resposta... por enquanto.

O comandante Ramiro Correia referiu-se também à acção do capitalismo nacional e internacional: «Vindos de todos os lados do Mundo começaram os boicotes e imediatamente o capitalismo e a reacção se organizaram e estão ferozmente interessados no regresso do fascismo», para acrescentar mais à frente que «esse capitalismo encontrou entre nós aliados inesperados como de certos sectores da vida portuguesa que teriam como missão combater esse mesmo capitalismo».

Não deixou o comandante Ramiro Correia de salientar a necessidade de captar as massas trabalhadoras ainda não suficientemente empenhadas na Revolução, de chamar as mulheres para a luta, de terminar com o sectarismo. Admitiu também que tinha havido erros na condução do processo por parte das forças revolucionárias, mas incitou os trabalhadores a «não abdicarem do seu direito de participação a todos os níveis na construção da sociedade socialista e na condução dos destinos do País». «O Socialismo vencerá» — conclui Ramiro Correia.

Os trabalhadores da C.U.F., presentes no plenário (talvez seis mil) aplaudiram com entusiasmo, o qual foi frequentemente interrompido aos gritos de «Vasco, Vasco», «Poder Popular», ou «Fora com a canalha, o Poder para quem trabalha», ou «Queremos armas».

Também as moções «choveram» nesta assembleia. Assim, os trabalhadores da C.U.F. exigem:

. «Demissão do capitão Sousa e Castro, por posição contra o processo revolucionário; constituição de um Governo que garanta a consolidação das conquistas revolucionárias já alcançadas e a passagem à prática da Reforma Agrária; o saneamento de todos os oficiais reaccionários e a reintegração de todos os oficiais e sargentos afastados do C.R. e da Assembleia do M.F.A.; a recondução de Vasco Gonçalves, afastado pelas forças reaccionárias deste País». Disse-se textualmente: «Força, força companheiro Vasco! Os trabalhadores da C.U.F. estão contigo e são a tua muralha de aço!».

Como é que nós poderemos continuar na luta, se estamos a sentir nas nossas costas as armas' de determinados oficiais, absolutamente fascistas, que nos querem derrotar, perguntou um trabalhador, que, sugeriu ter chegado o momento de pegar em armas:

. *Estamos perfeitamente organizados, e continuaremos a luta, mas, para isso, os oficiais revolucionários têm que estar ao nosso lado, têm que nos atirar para cá com as armas para nós podermos combater em pé de igualdade.*

A palavra de ordem vencer ou morrer encheu então a sala, brotou espontânea do peito dos milhares de trabalhadores presentes, experimentados ao longo dos anos na luta contra a exploração, levar a cabo pelo maior monopólio do País. *Vencer ou morrer* — a verdadeira imagem deste plenário, da determinação revolucionária da vanguarda operária do nosso país, expressão de sintonia dos trabalhadores desta terra, apostados em tomar o destino nas suas próprias mãos.

«Os revolucionários das Forças Armadas não estão de maneira nenhuma destroçados», assegurou um sargento dos fuzileiros, desmentindo que, na assembleia militar de Tancos, os elementos de esquerda tivessem sido derrotados, porque «os indivíduos que foram, dentro dos meios caciquistas, substituíram os revolucionários das F. A. que não compareceram, mas os revolucionários afastados estavam lá.»

. Os revolucionários das Forças Armadas são os mesmos, disse, que têm hoje mais força. «Estão a ver os seus adversários a avançar, a avançar deliberadamente porque já têm poucos cartuchos para queimar. A reacção ataca de toda e qualquer maneira. Os militares revolucionários e o povo trabalhador têm de estar atentos, organizando-se. Actualmente estão em litígio os fascistas com os conservadores, e nós, os revolucionários, temos de nos preparar, para quando eles acabarem a sua guerra, lhes deitarmos a mão».

O apelo à organização, à vigilância, à unidade dos trabalhadores constituiu o denominador comum das intervenções de militares e civis. «Não basta estarmos aqui a aprovar moções. Temos de nos capacitar que esta luta foi, desde o princípio, uma luta entre exploradores e explorados, uma luta de morte, em que uns ou outros hão-de acabar por vencer. A luta é de morte, meus amigos», diria um trabalhador. «Vamos ter de nos organizar de uma forma muito forte, para poder dar resposta rápida e decisiva às manobras fascistas».

Os trabalhadores quiseram conhecer as verdadeiras razões políticas de muitos factos que estão por esclarecer integralmente. Alguns, foram-lhes explicados pelos seus dirigentes. Quanto a outros, coube ao comandante Ramiro Correia dar resposta. Assim, e quanto ao relatório do 11 de Março, mostrou esperança de que o povo viesse a conhecer toda a verdade, já que os processos instruídos estão terminados, o tribunal revolucionário constituído e o julgamento dos implicados na intentona será para breve.

O ex-dirigente da 5.ª Divisão explicou também o que se passara neste departamento do Estado-Maior-General das Forças Armadas: «Neste momento, as forças contra-revolucionárias e conservadoras assestaram todas as suas armas sobre determinadas figuras e estruturas revolucionárias. Um dos alvos da reacção nacional e internacional foi exactamente a 5.ª Divisão».

TRANSFORMAR O M.F.A.

O ataque à 5.ª Divisão, que estava a despertar para os objectivos da Revolução as camadas mais atrasadas da população inseriu-se, pois, num ofensiva generalizada contra o processo, contra os trabalhadores. Apesar dos seus erros, a 5.ª Divisão, salientou, vinha cumprindo o seu dever histórico.

A mesma firmeza revolucionária presente nas palavras de Ramiro Correia. *Prosseguiremos até ao fim a Revolução socialista portuguesa* — transpareceu igualmente na intervenção de um marinheiro, operário e trabalhador na vida civil.

«Nós estamos aqui a chorar o M.F.A., que era «bom» e já não é. Mas, no 25 de Abril a única hipótese para a classe operária e os seus aliados era o apoio ao M. F. A. Passámos um cheque em branco. E evidente que o M.F.A., hoje, já não era aquilo que é» — disse. Isto, porque há oficiais do 25 de Abril que não sendo fascistas, são conservadores, e apenas desejam «um socialismo lá à moda deles».

Há que transformar o M.F.A., e isso só nós o podemos fazer. Se fomos capazes de passar um cheque em branco, também somos capazes de separar o trigo do joio. Temos que definir, dentro do próprio M.F.A., quem é que está connosco e quem é que não está. É com o M.F.A. progressista que temos de contar.»

. O trabalhador que falou em seguida tirou a conclusão das intervenções até ai registadas: ««Chegou a altura da verdade, *chegou a altura de pôr os pontos nos iis. Está na hora de chamar a atenção àqueles que se diziam revolucionários e que ainda não mostraram ser nos actos. E eu, como trabalhador revolucionário e internacionalista que sou, pergunto ao senhor general Otelo Saraiva de Carvalho — de que lado é que está?».*

Que a pergunta não era apenas deste trabalhador, demonstrou-o a espantosa ovação que acolheu estas palavras. *De que lado está o Otelo?,* — repetiria o orador. A pergunta nem se colocou, claro, em relação a revolucionários perfeitamente definidos, alguns deles, aliás, presentes na mesa. E muito menos em relação a Vasco Gonçalves, classificado de «grande revolucionário», e sucessivas vezes vitoriado pelos trabalhadores. Exigiu-se, pois, a resposta de Otelo. Em actos.

Após a aprovação e leitura de mais propostas e moções, o comandante Albuquerque, que há tempos classificou o Barreiro de «Universidade da luta antifascista», reconheceu a necessidade do M.F.A. se criticar. «As classes trabalhadoras», disse «têm reais razões de queixa do M.F.A. do 25 de Abril».

Mostrou esperança de que nasça «um novo M.F.A., porquanto as forças progressistas no seio das Forças Armadas, se *perderam uma batalha, não perderam a guerra, cuja vitória tem de ser nossa».* «É importante que as massas populares invadam os quartéis, pois haverá sempre revolucionários capazes de cumprir as suas resoluções — disse. *Há gente no M.F.A. em quem vocês podem confiar.*

Antes do encerramento, foi dito por Carlos Carvalho uma saudação do secretariado da Intersindical.

"CENSURA, PARA QUEM?"

. «A nova Censura destina-se a reprimir a Imprensa reaccionária ou a calar a voz do «Diário de Lisboa», do «Diário de Notícias» e do «Século»?» — perguntou um marinheiro dirigindo-se aos trabalhadores da CUF, após se referir «à liberdade de expressão como uma das conquistas das massas trabalhadoras no 25 de Abril».

A restituição da liberdade de Informação foi, aliás, uma das exigências manifestadas ao longo de todo o plenário. No inicio da sessão, um elemento da Comissão de Trabalhadores deu a conhecer o nome dos órgãos de Informação ali presentes. Nessa altura, o representante do «Expresso» foi convidado a abandonar a sala, sob uma enorme vara, tendo sido salientado que não se trata de «uma posição contra o jornalista mas contra o jornal».

No final da dessão, os jornalistas ali em serviço, informaram os trabalhadores que no segimento de uma tomada de posição tomada pela quase totalidade dos jornais, de boicote a nova censura, noticiariam as intervenções dos militares no plenário. Manteriam, no entanto, o anonimato dos oradores militares (excepção de Ramiro Correia ou do comandante Albuquerque) para «evitar mais saneamentos à esquerda». Esta decisão, tal como o anúncio da presenda do «D.L.», do «Século» e do «D.N.», merecem dos milhares de trabalhadores um caloroso apoio. E tal como o «DL», um editorial se interrogava, também ontem se perguntou no refeitório da CUF: «Censura. Para quem?».

O reporter de serviço

EUGÉNIO ALVES

AVISA O POVO, COMPANHEIRO

. No dia 11 de Setembro de 1973, militares fascistas esmagaram no Chile o Governo de Unidade Popular de Salvador Allende. Boa parte desses capitães, coronéis e generais tinham prometido apoio ao regime que lutava pelo Poder Popular. Alguns afirmaram-se, até, socialistas e abraçaram Fidel quando o revolucionário cubano visitou Santiago, aclamado em delírio pelo povo.

Foi há dois anos. Esses militares traidores, após demitirem o general patriota Carlos Prats, caminharam, na manhã de 11 de Setembro de 73, ao lado de Pinochet. Encheram os estádios de comunistas, socialistas e demais revolucionários. Fuzilaram, torturaram. Allende foi simplesmente baleado no seu lugar de combate.

Desse dia e seguintes... «anteontem 19 de Setembro encontravam-se na morgue pelo menos cento e oitenta cadáveres, no chão, em desordem, e não nas câmaras frigoríficas. A sua morte parecia recente; apesar do número o cheiro não era pestilento. A maioria ostentava feridas imensas, ventre vazio, espáduas arrancadas, metade da cabeça. Não haviam sido mortos com balas de espingarda, nem de pistola-metralhadora» (A. Touraine).

Hoje, dois anos depois, os militares fascistas do Chile podem comemorar 30 mil mortos, 60 mil feridos, 30 mil presos, 150 mil exilados, 900 mil desempregados e 50 por cento de desvalorização da moeda.

Recordo-vos a data, os homens e os factos, porque é necessário. Perdidos pelas imensas reuniões, vígilias e algum triunfalismo, subestimamos o perigo. Mesmo o repórter, maior testemunha das coisas e das pessoas.

«Neste momento — e lembro as palavras de Alberto, refugiado chileno que vive entre nós há um ano — o que se passa aqui, em Portugal parece-se demasiado com o meu país nas vésperas do 11».

Disse-mo o ano passado, durante a semana de solidariedade com o Chile. Spínola apelara nesse dia à maioria silenciosa. Reaccionários haviam atacado em Lourenço Marques. preparava-se o 28 de Setembro.

Alberto telefonou-me ontem. Para recordar a data e dizer: «Avisa o Povo, companheiro».

Nacional

TRABALHADORES DE SINES:

VASCO: A FORÇA DO TRABALHO ESTARÁ SEMPRE CONTIGO

. SINES — «Vasco amigo, nós operários eleitos delegados sindicais pelos nossos camaradas, sempre te compreendemos, aliás, a tua linguagem é a linguagem de todos nós; simples, clara, incisiva, sem demagogia» — afirmam num comunicado enviado ao ex-Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, a União Sindical de Sines, a Delegação de Sines do Sindicato da Construção Civil e delegados sindicais de vários ramos de actividades, desta vila alentejana.

«Tudo fez essa minoria privilegiada que se não quer privar de um mínimo das regalias sociais que sempre teve à custa de quem tudo produz neste país e nada possui» — prossegue o documento.

«Pensam que o conseguiram. Nós assim não pensamos; continuamos a estar contigo, porque a tua luta é por nós, sendo portanto a nossa luta.

«Para nós, continuas, a ser o maior da nossa Revolução. O teu afastamento deve-se a uma frase que todo o operário revolucionário compreende, porque sabe que nela está encerrada a verdade da nossa Revolução: A questão fundamental do Socialismo é a tomada do poder pela classe trabalhadora». E concluem:

. «Enquanto eles dizem Adeus Vasco, nós dizemos Até Logo Vasco, a força do trabalho está contigo, como tu com ela sempre estiveste e continuas a estar.

Obrigado Companheiro Vasco, pelas noites de insónias em luta pela construção do verdadeiro Socialismo neste país, enquanto outros sempre tentaram enganar o Povo em nome da Liberdade e da Democracia».

Ecologia é tema de conferência na Gulbenkian

Amanhã realiza-se no auditório dois da Fundação Gulbenkian, às 18 e 30, uma conferência subordinada ao tema: «O rio poluído como modelo do ensino da Ecologia». O conferencista, dr. N. Van Uden, é chefe do grupo de Microbiologia do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Esta conferência integra-se no I Curso de Introdução Científica de Jovens e no V Curso de Actualização de Professores de Biologia, que estão a decorrer nas instalações do Colégio Militar, organizados pelo Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian.

Organismos sindicais apoiam serventes de Sines

. A União Sindical de Sines e a Delegação de Sines da Construção Civil, reunidas em plenário com delegados sindicais de várias empresas da área, decidiram apoiar a luta dos serventes da construção civil, que reivindicam o salário de seis mil escudos, correspondente a um aumento de 1 500 escudos.

Estes organismos consideraram que seis mil escudos é o mínimo para garantir a subsistência dos trabalhadores não especializados, que se vêem prejudicados pelo impasse a que chegaram as negociações do contrato colectivo vertical para a indústria da Construção Civil, declarada em situação de crise.

Entre os motivos que pesaram na sua decisão, aquelas organizações citam o aumento do custo de vida em Sines, «o mais elevado do País», que atribuem à «diminuição na produção de géneros de exploração agrícola, pelo facto das muitas terras expropriadas pelo gabinete da área de Sines», agravada pelo aumento do consumo e pela exorbitância dos preços das rendas de casa.

3 PESSOAS, 100 CONTOS

BANCO ASSALTADO EM VILA DO CONDE

. PORTO, 11 — Cerca de cem contos foram roubados na agência do Banco Borges e Irmão, situada na Av. 25 de Abril em Vila do Conde.

Poucos minutos passavam das 10 horas da manhã quando dois homens e uma mulher, aparentando os três 30 anos de idade, de cara descoberta e sem luvas penetraram nas instalações bancárias e empunhando armas mantiveram em respeito os doze funcionários ali em serviço. Depois, num ápice, apoderaram-se de todo o dinheiro que se encontrava no balcão do caixa pagador, sr. António José Martins Pinto. De seguida, os três assaltantes entraram rapidamente num automóvel branco, um Fiat 126, com a matrícula SS-74-01 e fugiram em direcção ao Porto.

Perseguidos por dois carros de aluguer, cujos ocupantes não perderam de vista os assaltantes até Vilar do Pinheiro, altura em que, sentindo-se perseguidos, colocaram um lenço branco fora duma janela e businando continuamente lograram despistar os perseguidores uma vez que todos os veículos que circulavam na estrada lhes facilitaram involuntariamente a fuga.

A Polícia Judiciária está neste momento a proceder a averiguações.

Prémio Internacional de Astronáutica

. (FP e «DL») — **O Prémio Guggenheim 75, atribuído pela Academia Internacional de Astronáutica ao prof. Oleg Gazengo, director do Instituto dos Problemas Biomédicos do Ministério da Saúde da URSS, será entregue no decorrer do 26.º Congresso Internacional de Astronáutica, que se realizará em Lisboa de 21 a 27 do corrente.**

Entretanto aquela Federação promove uma sessão de boas-vindas aos congressistas, que terá lugar no dia 22, pelas 20 e 30, no Palácio Foz.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE ZONA

CONVOCATÓRIA

CCT Vertical da Indústria METALÚRGICA

Convocam-se todos os trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo - Mecânica abrangidos por este Contrato Colectivo para Plenários a realizar nos seguintes locais :

DIA 11 DE SETEMBRO

Mafra — às 20.30 horas
Teatro de S. Jerónimo

Cacém — às 20.30 horas
Bombeiros Voluntários
Largo da República
Agualva

DIA 12 DE SETEMBRO

Oeiras — às 20.30 horas
Bombeiros Voluntários de Oeiras

Vila Franca de Xira — às 20.30 horas
Casa do Povo

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único :

Contrato Colectivo de Trabalho :

Informações sobre as negociações.

NOTA : É necesária a apresentação do cartão de sócio do Sindicato. Brevemente serão marcados mais Plenários noutras zonas do distrito.

Lisboa, 8 de Setembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27 - 2 9 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

Em complemento da convocatória, oportunamente anunciada, para a Assembleia Geral Eleitoral, a efectuar em 20 de Setembro de 1975, informo que ao acto eleitoral deste sindicato no próximo triénio, concorrem as seguintes duas listas:

LISTA A — «Por um sindicato democrático em defesa de todos os trabalhadores»

ASSEMBLEIA GERAL

Joaquim Ricardo Cordeiro
Dionísio Pereira Zigue
José Carolino dos Santos
Maria Laura Fresco Taquelim

DIRECÇÃO

António Silva da Costa
Alberto Teixeira Gomes Costa
José David Simões
Teresa de Jesus Saraiva Augusto
Marcelino Alberto Alveirinho Correia
Luís Filipe da Conceição Carvalho Ribeiro
João Pais de Figueiredo
Vítor Manuel Marques
Carlos Alberto Pereira de Campos Cardoso
Guilherme Soares da Silva
David Carlos de Oliveira Santos
Josué Barreto Ferreira
Maria Lucília Marques Sanches Pereira
Jaime Piedade Silva Rodrigues
Alfredo Rocha Alves

CONSELHO FISCAL

Francisco António Correia Martins
Armando José da Silva Costa
Avelino Joaquim Butos

LISTA B — «Por um grande e unido sindicato do comércio»

ASSEMBLEIA GERAL

Tolentino Poeira Lourenço
Maria Eugénia M. Ávila Amaral
Francisco N. Ruivo Machado
Esmeralda Rocha Oliveira

DIRECÇÃO

Manuel Inácio M. Gomes Peres
Maria Adelaide G. F. Jesus
Albino Fernandes G. Marques
Alexandrina Falé R. Morais
António M. Medalhas Ferreira
José Manuel M. Bizarro
Martinho José Baptista
José Fernando Araújo
João Pedro Lopes
José Manuel S. G. Barros
José Vitorino Leitão F. Melo
Jorge Artur G. Brito Santos
Vítor Manuel Mata Simões
Manuel Ant. Marrafa Martins
Carlos A. Severino Dias

CONSELHO FISCAL

António J. F. Rebocho
Augusto Luís Azevedo
Ana Paula Enes Amaro

MESAS DE VOTO (das 8 h às 24 h): em Lisboa, na sede do Sindicato (concelhos de Lisboa, Sintra, Cascais, Loures e Oeiras); em Vila Franca (concelhos de Vila Franca, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Sobral de Monte Agraço) e em Torres Vedras (concelhos de Cadaval, Lourinhã e Mafra). Em Vila Franca e em Torres Vedras as mesas funcionam nas delegações do Sindicato.

Lisboa, 10 de Setembro de 1975

O presidente da Mesa de Assembleia Eleitoral
Artur Manuel Mendonça Rodrigues

Nacional

NUMA VILA MADEIRENSE LUTA-SE PELA REVOLUÇÃO

• Conflito entre um padre um bispo e um brigadeiro

Texto de ÂNGELA CAIRES

Este pequeno homem de barba e cabelos crescidos, vestido de negro, que lembra os guerrilheiros da Sierra Maestra, que vive com os camponeses e canta ao som da viola, é perseguido por um bispo e um brigadeiro. Hoje, em Portugal.

Aqui começa o concelho de Machico, onde se agudizou particularmente a luta de classes. Na história, entram um padre, um bispo e um brigadeiro, além de pescadores e camponeses tradicionalmente pacíficos a quem agora foi imposta a violência

O governador militar da Madeira demitiu-o das funções de presidente da comissão administrativa do Município de Machico. O bispo do Funchal demitiu-o das funções de pároco da Ribeira Seca. Num e noutro caso, o padre José Martins diz: **Venha o povo e decida.** Na questão com o bispo, populares formaram piquetes e não o deixaram ser levado da paróquia. Agora, com o governador, entram na história granadas lacrimogéneas, rajadas de metralhadora, tiros de caçadeira, e um povo atónito que começa a perguntar de que lado está o M. F. A.

José Martins Júnior, quando há seis anos foi nomeado pároco da Ribeira Seca, uma freguesia do concelho de Machico, na ilha da Madeira, encontrou um povo a quem a Igreja tinha ensinado a resignação. Hoje o povo da Ribeira Seca já sabe que tem sido explorado e até identifica os exploradores. Quando chegou o 25 de Abril, já havia, naquele lugarejo perdido da ilha, consciência de classe. Começaram aí os problemas.

O POVO QUE DIGA

O padre Martins, que entretanto se deslocou a Lisboa, foi aqui surpreendido pela notícia de que o brigadeiro Azeredo, governador da ilha, o havia exonerado das funções de presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Machico. Diz: «É o povo que vai decidir se fico ou não. Eu faço apenas o que o povo quiser». Em entrevista ao «D. L.», José Martins Júnior, homem perseguido por um bispo e um brigadeiro conta algumas verdades duras de roer.

— Quando cheguei à Ribeira Seca, encontrei um povo num estado latente de revolta. Tinha um trabalho escravo. Muitos eram empregados da MATUR, que se situa a poucos quilómetros, e à noite vinham trabalhar as terras à Ribeira Seca. Era também um povo manipulado por maus informadores, sobretudo da parte eclesiástica. A partir daí, foi preciso apenas canalizar esse sentimento de revolta para uma forma organizada de luta pacífica. E repete: «Pacífica».

Em Machico, os aventureiros da «independência», os arautos da FLAMA, encontraram pela frente um povo de varapau na mão. O padre Martins conta:

— Aconteceram coisas esquisitas. De manhã os muros apareciam com inscrições alusivas à independência e, quando se avisava as autoridades, nenhumas medidas eram tomadas. Então decidiu-se formar piquetes de populares que patrulhavam as ruas de noite. Assim detivemos um grupo de meninos filhos de boas-famílias, que se entretinham a escrever nas paredes. Gente do povo disse: Eles hoje escrevem com tinta, amanhã podem escrever com bombas. E deitou-lhes a mão.

O pároco da Ribeira Seca, acumulando as funções da presidência municipal, evitou pessoalmente que o povo fizesse justiça por suas mãos. Os escrevinhadores da contra-revolução foram levados para o edifício municipal, e aí aglomerou-se uma pequena multidão. Na capital da ilha, o Funchal, formou-se uma caravana-automóvel («de boas marcas») com a burguesia armada que avançou até Machico, a vila madeirense que desafia o fascismo. Dizia-se que o povo machiquense queria linchar os meninos-família. **Tudo mentiras,** — diz o padre Martins. — **Ninguém lhes fez mal e depois vieram as Forças Armadas que os levaram para o Funchal. No dia seguinte, andavam no meio da rua, de cabeça levantada, como se nada tivesse acontecido.**

Quem protege os meninos-bem da Madeira que escrevem nas paredes frases contra o 25 de Abril. A resposta vem do pároco da Ribeira Seca: «O brigadeiro Azeredo».

À FRENTE DA REVOLUÇÃO

O governador militar da Madeira, tal como o bispo D. Francisco de Santana, tem-se mostrado apreensivo com o rumo que os acontecimentos tomaram na pequena vila piscatória de Machico. Camponeses, pescadores, domésticas, analfabetos, gente ignara, escrava, desde sempre explorada e silenciada, levantou-se em bloco e foi o que se viu: uma cooperativa de consumo, para rebentar com a exploração dos comerciantes intermediários; uma cooperativa de produção de bordados para pôr termo à vergonhosa exploração da mão de obra feminina feita pelas fábricas multinacionais da ilha; um centro de informação popular; uma creche comunal, com ocupação de um edifício que desde sempre serviu apenas, dois meses por ano, para as crianças que vinham do Funchal; reivindicações salariais; e mil e uma formas de luta organizada contra a exploração.

Numa ilha como a Madeira onde a vida pulsa ao ritmo do 24 de Abril enfeudada a um turismo parasitário, que aí introduziu a degradação moral a troco de uns hipotéticos dólares de que apenas beneficia a burguesia capitalista, o caso de Machico, após o escândalo anterior da Ribeira Seca, tinha de ser um desafio. Quanto à Ribeira Seca, o bispo D. Francisco tomou a peito sanar a questão. Contemos o pormenor: após ter ouvido à boca pequena que o padre Martins era comunista, o bispo aceitou um convite da população para visitar a paróquia, e lá foi, tendo sido bem recebido. Na casa paroquial, em vez da residência tradicional do pároco, funcionava de há muito uma escola e um centro cultural. O bispo não gostava dessas fantasias. Mas engoliu o escrúpulo e lá esteve com o povo e com o pároco. Horas depois, ao lugarejo chegava uma edição do jornal da diocese, «Jornal da Madeira», com uma entrevista na qual D. Francisco de Santana anunciava que havia substituido o pároco da Ribeira Seca. Desta vez, o povo também não gostou. E formou piquetes à porta da casa paroquial, decidido a que o padre Martins não saisse. Ficou. O bispo perdeu a cartada. Demitido das funções de pároco, o padre Martins ainda hoje celebra casamentos, baptizados, e missas.

A questão do Município de Machico põe-se em termos mais graves. Desta vez é o poder militar que investe contra este pequeno homem a quem os paroquianos chamam padre de Cristo e não padre da Igreja.

QUEM NOS TRAÍU

— No dia do recontro mais forte com as Forças Armadas, o povo refugiou-se na cooperativa de produção «Povo Unido» para tratar dos feridos. Os militares começaram a atirar granadas para todo o lado.

Para que as Forças Armadas da ilha entrassem em confronto com a população da vila de Machico, foi preciso que «alguém» tivesse dado ordens nesse sentido. Segundo o padre Martins, o povo da zona está esclarecido quanto às manobras da «independência», porque os seus propagandistas são os exploradores, os caciques, conhecidos de longa data. Por isso surgiu entre machiquenses a palavra de ordem «Morte à FLAMA, justiça popular» que desagradou aos ouvidos da classe privilegiada. Daí a mandar silenciar, pela força, o povo de Machico, foi questão resolvida no palácio de S. Lourenço, residência oficial do governador na capital.

O padre Martins mostra-se apreeensivo perante o desenrolar dos acontecimentos. Volta à Madeira, hoje amanhã, um dia destes, e para a Ribeira Seca, e sabe que tem o povo do seu lado, mas recusa a violência. «Isto é uma guerra entre exploradores e explorados» — diz-nos. É uma luta de classes que enveredou pelo confronto físico. Em Machico, pequena vila madeirense, há pescadores e camponeses que acreditaram na revolução portuguesa e que estão a ser traídos. Há gente que vai morrer de pé.

. Porque é que os homens e as mulheres de Machico estão a incomodar tanto a burguesia local? As suas formas organizadas de luta contra a exploração dizem-nos o suficiente. Começando por criar um movimento «por uma Câmara Municipal nova», os populares elegeram a comissão administrativa. Do seu programa, logo posto em prática, surgiram grupos de trabalho de apoio à municipalidade. Seis comissões, compostas por machiquenses, dedicam-se a obras públicas, assuntos rurais, assuntos marítimos, assuntos culturais, inquérito e contas, e habitação.

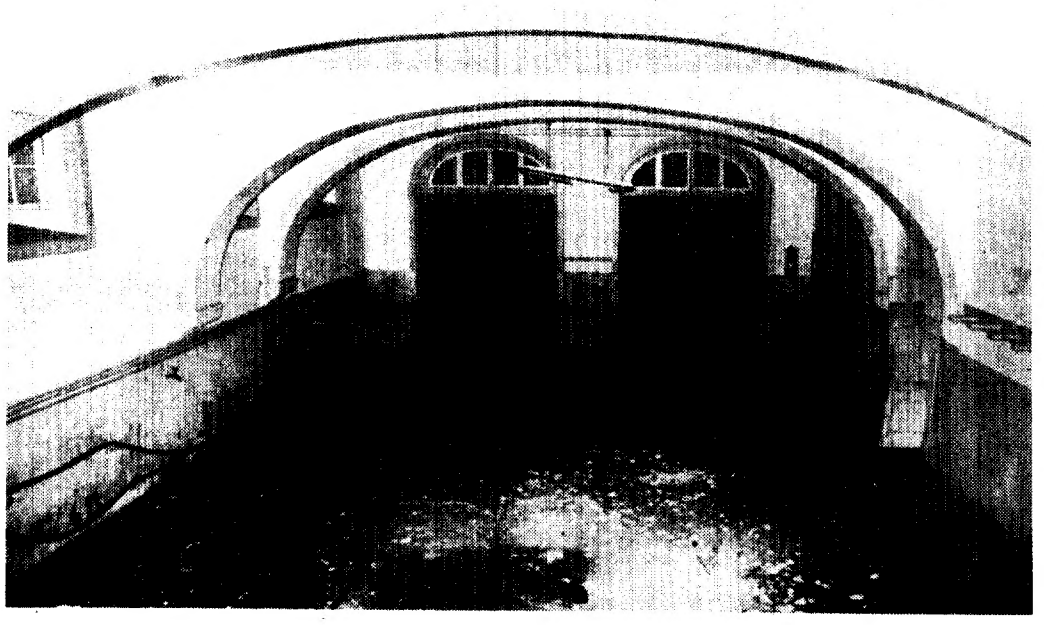
Estas comissões reunem-se qunzenalmente no município para darem conta dos seus trabalhos.

Por outro lado, a actuação das «comissões de sítio» — equivalentes a comissões de moradores — têm tido um papel preponderante no desenvolvimento da região. Foram estas comissões, eleitas pelo povo, que consciencializaram as pessoas para a necessidade de introduzir melhoramentos no concelho. Três estradas — Ribeira Seca, Bemposta (Água de Pena) e Cruz da Guarda (Porto da Cruz) foram assim construídas.

NOVA PREPOTÊNCIA

O brigadeiro Azeredo, governador militar da Madeira, proibiu, naquela ilha, a transmissão do programa da RTP que incluia uma entrevista com o padre Martins, e que foi radiodifundido no continente na noite de segunda-feira.

BOMBAS EM LISBOA



O grupo «Solidariedade Revolucionária Internacionalista» reivindicou a explosão verificada esta madrugada na Embaixada de Espanha. Os estragos foram reduzidos conforme se pode observar na gravura. Outros engenhos explosivos rebentaram na Air Maroc, e Hotel Sheraton mas em relação a estes dois últimos não surgiu qualquer organização a reivindicar a sua autoria.

PEQUENA (E MUITISSIMO INCOMPLETA!) CRONOLOGIA DAS INTERVENÇÕES MILITARES AMERICANAS NA AMÉRICA LATINA

1845 — Os US anexam o Texas parte integrante do território mexicano.

1848 — Guerra contra o México. Os USA anexam a Califórnia, o Novo-México e regiões importantes (2 milhões de km2!)

1906 — Os Estados Unidos ocupam Cuba até 1909.

1909 — Primeira intervenção militar dos Estados Unidos no Nicarágua.

1912 — Segunda intervenção militar dos Estados Unidos no Nicarágua. Os USA ocuparão este país até 1925.

1914 — Os US enviam uma expedição militar a São Domingos porque o ministro das Finanças deste país recusa o controle de um conselheiro financeiro norte-americano.

1916 — O general Pershing comanda uma expedição que tem por fim prender o revolucionário mexicano Pancho Villa.

1918 — O Exército dos Estados Unidos ocupam as cidades de Panamá, de Colon e um regimento invade a província de Chiriqui. Esta província sofrerá uma ocupação militar americana durante dois anos. Neste mesmo ano as tropas americanas desembarcam em Cuba e aí se instalam até 1923.

1920 — Desembarque no Guatemala e ocupação da Empresa Eléctrica Nacional.

1923 — Nova intervenção armada dos Estados Unidos nas Honduras. A United Fruit Company e a Cuyamel Co. provocam uma guerra civil para conservar e aumentar os seus privilégios.

1925 — O Povo do Panamá manifesta-se contra o preço elevado das rendas de casa. As tropas norte-americanas actuam e provocam 12 mortos e dezenas de feridos.

1926 — Os «marines» voltam a desembarcar no Nicarágua e ocupam este país até 1933.

1929 — Os «marines» massacram a população de Chicote no Nicarágua.

1954 — Durante uma semana os aviões norte-americanos bombardeiam as cidades da Guatemala.

1964 — No dia 9 de Janeiro, na zona do Canal de Panamá, os estudantes hasteiam a bandeira do seu país. As tropas imperialistas americanas intervêm. Resultado: 30 mortos e mais de 300 feridos.

1965 — No dia 28 de Abril o exército americano desembarca em São Domingos com 45 000 homens. Esta operação tinha por fim impedir a vitória eleitoral da esquerda...

Demonstrar o poder e o «controle» que os Estados Unidos da América exercem sobre a América Latina seria um trabalho de Penélope que só se poderia realizar através de uma obra gigantesca...

Por outro lado é impossível isolar, num estudo consagrado à acção do Imperialismo Americano na América Latina, a política seguida pelo Imperialismo americano no mundo inteiro. Devemos ligá-la à intervenção criminosa no Vietnam, à ocupação da Coreia do Sul, da Formosa [illegible] da Central Intelligency Agency (CIA), no Chile [illegible] e recentemente na Colombia.

A bandeira da [illegible] steada em Porto Rico [illegible] ou na zona do [illegible] territórios [illegible] os controla [illegible] intermédio das suas conce[illegible] e [illegible] seus fabulosos investimentos priv[illegible] a [illegible] ceira e política e da sua força armada [illegible] em governa países através das suas e[illegible] muitas vezes o centro da decisão econ[illegible] mesmo [illegible]

[illegible] nos [illegible] o an[illegible] R[illegible] o q[illegible] pas[illegible] em Porto [illegible] que [illegible] diz. O imperialismo americano [illegible] mundo inteiro que a tentativa de um estado empenhado em promover a sua independência Nacional frente ao Imperialismo, e que tenta atingir esse objectivo através de vias unicamente democráticas, não é possível, nem no [illegible] em parte alguma [illegible] para o Vietnam, para o C[illegible] a China Popu[illegible]

Fidel [illegible] um discurso sobre o Chile, no dia 28 de Setembro [illegible] afirmava: «Não s[illegible] revolução unicamente [illegible] necess[illegible] armas! Mas também [illegible] te com armas, nec[illegible] de estado chileno n[illegible] classes que se desenvolveu no Ch[illegible] popular, mas também [illegible] insere num esquema [illegible] nação do mundo [illegible] parte das forças [illegible] sistemática dos U. S. [illegible] efectivamente [illegible] os níveis, desde [illegible] tos populares [illegible] ento revolucionário [illegible] tão os Povos continua[illegible] inário e brutal do Imperialismo [illegible]

É a pequena história do domínio que os Estados Unidos implantaram sobre a América Latina que tentaremos tratar de uma maneira muito breve e muito incompleta, a fim que se possa melhor compreender e conhecer o verdadeiro rosto desse Imperialismo que hoje nos ameaça e do qual todos os povos da terra lutam para se libertar.

«CHE» GUEVARA: PÁTRIA O MUERTE, VENCEREMOS!

Dossier

O SA E A R DO I NA A

A América Latina representa 16 por cento das terras do globo. Continente extremamente rico: a maiores reservas mundiais de madeira encontram-se ali. Por outro lado, riquezas incalculáveis, mas consideráveis, ao nível de petróleo, de ferro, de cobre, de estanho, de ouro, de prata, etc.. É compreensível, pois, o interesse, sob o plano económico, que desperta a América Latina aos Estados Unidos.

A sua presença militar sobre este continente é enorme. Uma escola militar instalada na zona do Canal de Panamá, «produz» anualmente, 1400 militares latino-americanos. A 8.ª «Task Force» que faz parte da «Special Action Force for Latin America» e que compreende 800 «Boinas verdes» está instalada em Fort Gullick na margem oriental da zona do canal. Desta força fazem também parte 17 equipas de intervenção destinadas a actuar rapidamente em qualquer ponto da América Latina.

Foi uma destas equipas que ajudou o batalhão de «rangers» bolivianos a capturar e a assassinar Che Guevara.

Estas equipes são preparadas para estas missões nos pântanos e nas selvas de Fort Bragg situado na Carolina do Norte. A preparação recebida não é só militar, mas também de acção psicológica.

Além das «boinas verdes» e das equipas de intervenção, além das missões militares e do pessoal instalado nas bases militares, o Imperialismo americano também está instalado na América Latina por intermédio da «US School of the Americas», igualmente em Fort Gullick, que tinha, em 1968, 215 instrutores militares que formam os oficiais latino-americanos.

Foi com a ajuda e com a colaboração directa desta presença e ocupação militar americana que os «fantoches» representados pelos contra-revolucionários cubanos fizeram essa «operação-fiasco» que foi o ataque à Baia dos Porcos. Foi com a ajuda e com a colaboração directa deste aparelho militar repressivo, do aparelho económico e do aparelho ideológico imperialista que as ditaduras mais abjectas, recentes e passadas, conseguiram suster-se. Fulgêncio Batista, em Cuba, Somoza na Nicarágua, Hugo Ballivian na Bolívia, Duvalier no Haiti, Pinochet no Chile são exemplos da cumplicidade dos Estados Unidos com as ditaduras latino-americanas.

Paralelamente os Estados Unidos recebem em troca os dividendos da sua política de ajuda à repressão exercida sobre os povos da América Latina. Os militares latino-americanos são os seus mais fiéis lacaios. Vindos a maior parte das vezes da burguesia e da oligarquia agrária, esses militares ultra-reaccionários entregam numa bandeja a Independência económica, cultural e política da América Latina ao imperialismo americano.

No que diz respeito à burguesia, seja ela industrial, comercial ou financeira, pode-se considerar que não é uma burguesia nacional. Isto na medida em que está completamente submetida às oligarquias US ao mesmo tempo que se alia aos grandes proprietários agrários. Incapaz de criar os seus próprios modos de produção, ela tem que procurar divisas e comprar aquilo que lhe falta. Por esta e por outras razões ela è fraca no contexto político local. Ou ela continua enfeudada e abrigada atrás do imperialismo americano ou ela desaparece como classe face à luta revolucionária das massas trabalhadoras. A burguesia latino-americana está consequentemente comprometida de uma modo total com o imperialismo na medida em que é esta aliança a única possibilidade que ela possui para conservar e aumentar os seus privilégios.

O SAQUE IMPERIALISTA

Foi por intermédio destes lacaios e da sua feroz repressão contra o movimento popular, movimento este que paralelamente a uma luta por condições de vida melhores se identifica cada vez mais com a luta contra o imperialismo americano, que os Estados Unidos conseguiram instalar a mais espantosa exploração. Para a ilustrar passamos a dar alguns exemplos significativos da rapina na qual os USA estão emepenhados. No Peru, o capitalismo americano possuía em 1968: 85 por cento das minas de cobre, de ferro e de prata; 75 por cento da pesca; 100 por cento da electricidade (Lima Light and Power); as companhias de telefone, os têxteis, o petróleo; 100 do cautchouc, da madeira e do tabaco. As empresas US estavam nessa altura isentas de impostos...

No que diz respeito à América Latina em geral pode-se dizer que 85 por cento das matérias-primas latino-americanas estão nas mãos das sociedades capitalistas americanas.

A United Fruit controla mais de 50 por cento dos benefícios que países estrangeiros tiram de 6 países da América Latina. Por outro lado, e segundo um relatório das Nações Unidas (Cepal, referência 2 pág. 233) em 1950, 300 grandes empresas americanas representavam mais de 90 por cento dos investimentos directos na América Latina.

A rapina é tão escandalosa que o presidente Salvador Allende, denunciando esta situação, declarava que «os lucros retirados do Chile pela Anaconda e pela Kenecott equivalem, no mínimo, a todo o capital social do país, desde a sua existência, quer dizer, desde 1540!»

Um caso que esclarece de uma maneira amarga a situação, é o que diz respeito à Venezuela. Proporcionalmente este país é por habitante o mais rico do mundo. O seu benefício «net» anual, em 1968, no que diz respeito ao petróleo, era de 500 milhões de dólares. Isto poderia garantir a cada família — numa média de 6 pessoas por familia — uma renda anual de mais de 3000 dólares. Em vez disso, 40 por cento da população vivia na miséria e havia 30 por cento de desemprego. Qual a razão desta situação?

Os Estados Unidos controlavam 87 por cento do petróleo venezuelano...

Este saque generalizado das riquezas da América Latina por intermédio do capitalismo americano provocou esta afirmação do ditador mexicano Porfirio Diaz: «Pobre México tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos». Também, Robert Kennedy foi obrigado a declarar: «Viajar na América Latina é ver a terrível realidade da miséria humana...»

Mas se na estratégia imperialista americana no que diz respeito à América Latina a agressão económica é grande, a intervenção militar não é menor. Longe disso! Alguém definiu a política dos Estados Unidos como a política em que «os dólares vão à frente e os «marines» vão atrás». É o aspecto desta política que de maneira nenhuma se pode desligar do contexto económico que passamos a tratar.

Panamá, Cuba, Baía dos Porcos, Nicarágua, São Domingos, Porto Rico, México, Chile são episódios que ilustram abundantemente e claramente a Política Imperialista dos U. S., política esta repleta de horrores, de chacinas e de pressões no que diz respeito à América Latina. Da política do «cacete», e da «diplomacia do dólar», da política da «boa vizinhanca» até à «Aliança pelo

Entrada dos revolucionários cubanos na Havana. Uma imagem do passado e do futuro...

QUE EPRESSÃO MPERIALISMO U. S. AMÉRICA LATINA

Por MANUEL ANTA

«Contra muerte, capitan
Contra muerte, hay que tirar
Contra muerte, bay que matar
Por la vida, capitan...»

DANIEL VIGLIETTI,
cantor uruguaio

O sangue da luta anti-imperialista...

Progresso» e à intervenção da CIA no Chile, a política imperialista americana nas suas linhas chaves nunca deixou de ser a mesma. Explorar, reprimir um continente que ela considera como a sua «coutada».

500 GOLPES DE ESTADO 1000 LEVANTAMENTOS MILITARES

. Esta política de intervenção tem como pai o almirante Alfred Mahan verdadeiro ideólogo do imperialismo americano. Foi ele que em 1890 com o seu livro «The influence of Sea Power upon History» lançou toda a política americana de Monroe a Ford. As suas ideias de base consistiam em que o poder naval e o comércio marítimo são inseparáveis, sendo os dois indispensáveis à Força e à prosperidade de um país como os Estados Unidos. No seu livro, Mahan declarava: «Nesta óptica temos a necessidade imperativa, para a nossa protecção, de bases navais, e quer o queiramos ou não, é preciso irmos procurá-las onde elas se encontram».

Já em 1823 o antigo presidente Jefferson declarava ao então presidente Monroe: «Confesso que considero Cuba como a soma mais interessante que se podia fazer ao nosso país. O controlo que esta ilha, com a Florida, nos daria sobre o golfo do México e sobre os países e territórios limítrofes, asseguraria completamente a nossa segurança...» Esta opinião era dividida pelo presidente Monroe que considerava Cuba e Porto-Rico como «apêndices naturais do continente norte-americano».

Se a noção estratégica estava presente na política imperialista americana, a noção de «liberdade» também teve um papel determinante. Simon Bolivar disse antes de morrer: «Os Estados Unidos parecem destinados a meter a América Latina no caos e na miséria e isso em nome da Liberdade». Foi efectivamente em nome da «liberdade» que os Estados Unidos saquearam e anexaram uma grande parte do território mexicano (Califórnia, Texas, Novo México, etc.). Foi em nome da Liberdade que os Estados Unidos fizeram ou «fabricaram» em 160 anos de vida «independente» da América Latina mais de 550 golpes de Estado e mais de 1000 levantamentos militares que algumas vezes não eram mais que simples «cuartelazos» (golpes de caserna).

O desembarque e a ocupação de São Domingos por mais de 45 000 «marines» e para-quedistas, para evitar uma vitória certa da esquerda, é a prova dessa «liberdade»...

A resolução n.° 560 adoptada pelo Congresso Americano em Setembro de 1965, onde este proclama o «direito» para os Estados Unidos de empregar as suas forças armadas em qualquer país da América Latina para impedir «actividades subversivas» acentua o aspecto «positivo» desta «liberdade». Mesmo o deputado norte-americano Brown disse nesse Congresso que esta resolução equivalia a que «os Estados Unidos só reconheçam a lei da selva nos contactos estabelecidos com os seus vizinhos».

No princípio deste século, um major-general da Marinha americana, Smedley D. Butles, gabava-se da seguinte maneira: «Ajudei a fazer o México, e em particular de Tampico, um lugar seguro para os interesses petrolíferos americanos. Ajudei a fazer de Haiti e de Cuba sítios dos quais o National City Bank pode tirar lucros reais. Colaborei na pacificação da Nicarágua pela conta do Banco Internacional Brown e Brothers (...) Contribui também para fazer das Honduras um bom país para a American Fruit Company». (Sem comentários!)

A NOÇÃO DA PALAVRA «LIBERDADE»

. A «liberdade» tanto apregoada pelos Estados Unidos não data, como se vê, de hoje.

Para melhor transmitir esta noção de liberdade, os U. S. A. aplicam uma política muito subtil. A cultura de massa transmitida por eles para a América Latina condiciona as mentalidades. Os filmes, os «magazines», os livros, os filmes de «cowboys», os desenhos animados, os programas de televisão possuem em si as sementes mais ou menos subtis da ideologia imperialista. Esta encontrou no anticomunismo a sua expressão agressiva. E para «salvar» os povos do comunismo que o imperialismo americano intervém em todo o mundo e particularmente na América Latina.

Para assumir esta «nobre» missão as tropas «yankees» não são nada mais nada menos que a polícia sanguinária e brutal do continente americano. Com ela e com o monopólio quase completo que o capital americano possui directamente, ou por meio de intermediários, sobre os jornais, a rádio, a televisão, editoras e circuitos de distribuição cinematográfica, a dominação imperialista é gigantesca. Não é de espantar que com estas armas terríveis, e com este fabuloso aparelho de pressão, a penetração ideológica e a campanha de intoxicação do imperialismo atinjam e provoquem nas mentalidades um impacto tal que dificulte a marcha irreversível do processo revolucionário.

Os «marines» defendem a «liberdade» em São Domingos...

«PATRIA O MUERTE, VENCEREMOS!»

. Toda a história da América Latina, antes e depois da independência, está ligada a uma longa guerra contra a opressão. Em 1810 Simon Bolivar proclamava uma luta de morte pela independência e contra todos os opressores. Até agora essa luta não parou, tendo as massas populares e os revolucionários pago com o seu prório sangue a divisa «Patria o Muerte, Venceremos!».

Nesta luta sem tréguas contra o imperialismo e pela independência não só nacional mas também continental, os povos da América Latina mostram-nos o papel que nos incumbe: Solidariedade total e sem condicionalismos para com as lutas das massas populares e do movimento revolucionário latino-americano; fazer a Revolução no nosso próprio país porque essa será a melhor maneira de nos ajudar-mos, de os ajudar e de ajudar todos os povos em luta pela sua libertação das garras de todos os imperialismo. Hoje em dia, os imperialistas contemporâneos estão interligados e se a América Latina é a «coutada» do imperialismo americano, a África francófona é a da França e a Europa Oriental a da URSS. É evidente que os aspectos destes imperialismos podem variar nas formas e no conteúdo, mas sem que deixem de ser imperialismos...

Hoje, dia 11 de Setembro, é dia de luto. De luto para o Povo chileno, de luta para o Movimento revolucionário internacional. Transformemos este dia num dia de luta, num dia de esperança...

A repressão Pinochet

Chili 72. O povo chileno em luta

Estrangeiro

Presos políticos do Uruguai ameaçados de genocídio

. Os militares uruguaios, no seu propósito de manter a direcção militar fascista, reprimem cada vez mais o povo e as suas organizações políticas e sindicais. Além disso, nas prisões e campos de concentração revelam uma fúria cada vez mais criminosa contra todos os militantes populares.

As condições dos presos políticos pioram dia-a-dia. Dez homens e dez mulheres continuam como reféns nas mãos dos fascistas. Entre eles encontram-se alguns dos fundadores dos Tupamaros: Raul Sendic, dirigente dos operários açucareiros, Eleutério Fernandez Huidobro, Maurício Rossekoff, Jorge Lluveras, José Mugica Cordano e Júlio Marenales.

Tal como os fascistas chilenos também os do Uruguai transformaram um campo desportivo da capital (Estádio «El Cilindro») em campo de concentracão, porque todos os quarteis e dependências da Polícia se encontravam já a abarrotar de presos.

Dias antes do 1.º de Maio prenderam mais de mil cidadãos. Os fascistas, temerosos de toda a mobilização e protesto populares, lançam todos os seus efectivos repressivos contra o povo e utilizam 51 por cento do orçamento nacional para estes fins.

É claro que a morte dos detidos continua a estar na cabeça dos militares, tanto a morte dos tupamaros, reféns, condenados à pena capital, como a de todos os outros presos políticos. Talvez não se atrevam a fuzilá-los, porque isso daria muito nas vistas. O repúdio internacional seria clamoroso ante assassínios tão descarados, já que, até agora, a opinião internacional, tomando conhecimento dos contínuos atropelos aos direitos humanos cometidos no Uruguai, tem feito sentir o seu protesto e apoio à luta do povo.

Mas os fascistas procuram atingir os mesmos fins de outra maneira: criando as condições necessárias para obter a mutilação física e moral dos que povoam as prisões uruguaias. A morte seria o corolário de uma larga série de privações e sofrimentos. A política penitenciária da ditadura gorila de Bordaberry caminha a passos gigantescos para o genocídio.

A tuberculose, produto da alimentação deficiente, grassa entre os presos. A aplicação de corrente eléctrica no corpo dos detidos, a falta de atenção médica preventiva e as miseráveis condições de convivência são favoráveis ao agravamento da situação sanitária nas prisões.

Já se detectaram mais de setenta casos de tuberculose muito ançada, com cavernas nos pulmões.

A entrega do país aos monopólios internacionais e a repressão do movimento de massas e dos melhores filhos do povo uruguaio são as constantes fascistas do Governo de Bordaberry e dos militares contra-revolucionários. (Exclusivo «Prensa Latina»-«DL»).

População escolar da URSS: quarenta e nove milhões

. MOSCOVO (exclusivo «Novosti» — «DL») — A rede de estabelecimentos de ensino construída na URSS durante o quinquénio de 1971-1975 assemelha-se, dada a elevada frequência, a uma grande cidade de 7,6 milhões de habitantes.

A construção desta rede de escolas acabou antes de 1 de Setembro, data em que se inicia o ano escolar na URSS.

No dia 1 de Setembro, 49 milhões de alunos, ou seja um quinto da população soviética, iniciaram os seus estudos. Os laboratórios escolares estão apetrechados com material fotofonotécnico, com aparelhos de projecção e de televisão e com variadíssimos instrumentos. Os laboratórios de física, por exemplo, possuem raios «laser» de estudo.

O programa de estudos é obrigatório, mas isso não significa que os estudantes se limitem a observá-lo. Os departamentos de cosmonáutica, de jornalismo, de poesia, de floricultura, de construção de modelos de aviões são alguns dos 700 departamentos do Palácio dos Pioneiros, que os estudantes frequentarão nos tempos livres.

Os centros técnicos para crianças, os centros para jovens naturalistas e as casas de pioneiros são muito frequentados.

Este ano foram imprimidos 300 milhões de manuais, alguns dos quais da autoria de cientistas mundialmente conhecidos, tais como Andrei Kolmoborov (matemático), Militsa Netcinia (historiadora) e Isaak Kikoine (físico).

Os livros de leitura são editados ainda em maior quantidade. Cada criança aprende a ler e a escrever na sua língua natal. Os livros de leitura para estudantes russos e ucranianos são imprimidos aos milhares e, os dos esquimós, pequena etnia do Norte, às centenas.

Também os trabalhadores do têxtil, os modelistas e as costureiras se prepararam para o novo ano escolar, apresentando a última novidade para professores e alunos: um tecido especial, bom, quente e sólido que foi criado. A maioria preferiu o azul escuro.

Nova estrela descoberta

TELAVIV, (F.P.) — Um aluno de liceu, de 16 anos, israelita, Yaron Shefer, acaba de descobrir uma nova estrela por meio de um telescópio que ele próprio fabricou.

O adolescente, que reside em Kfar Saba, a uns vinte quilómetros ao norte de Telaviv, observava o céu, em 29 de Agosto, quando descobriu, na constelação do Cisne, uma estrela bastante brilhante que não figurava nos mapas do céu.

Avisou imediatamente o Centro Astronómico Israelita de Mitzpeh Ramon, no Neguev, que verificou as observações do jovem, as quais se revelaram certas. Informada, por telegrama, a Organização Internacional da Astronomia, esta respondeu que registava a descoberta de Yaron Shefer, e que a mesma acabava de ser feita, simultaneamente, no Japão.

A nova estrela é do tipo «Nova».

"NÃO SE ESQUEÇAM DO VIETNAME"

O ACORDO ISRAELO-EGÍPCIO ABRE AS PORTAS AOS AMERICANOS

O acordo israelo-egípcio sobre o Sinai, preparado e assinado sob a égide de Henry Kissinger, secretário norte-americano de Estado, constitui uma «viragem política» no Médio Oriente. Para além de outras novidades inscritas neste acordo, há uma que sobressalta a opinião pública internacional e os próprios norte-americanos. Pela primeira vez, os norte-americanos ficam com direito de intervenção directa no Médio Oriente. As suas funções são em princípio o mais pacíficas possível: velar pelo respeito dos acordos de paz. Não devemos esquecer, porém, que a intervenção americana na Indochina surgiu sob a capa do envio de «conselheiros». Se esta missão não era tão pacífica como a do Sinai, o certo é que, em princípio, não fazia prever o criminoso envolvimento que depois se veio a verificar. Não surpreende, pois, que muitos cidadãos norte-americanos enviem mensagens para Washington, pedindo que «não se esqueçam do Vietname». Sírios, líbios, palestinianos e soviéticos têm igualmente protestado contra este acordo, através do qual o sucessor de Nasser entrega os sonhos da nação árabe ao arbítrio dos senhores de Washington.

Num artigo de Eric Rouleau, publicado em «Le Monde» e a seguir transcrito, descrevem-se as cláusulas principais do acordo e destacam-se as inovações que ele comporta.

O acordo provisório israelo-egípcio sobre o Sinai constitui, sem sombra de dúvidas, uma viragem no conflito israelo-arabe. O texto contradiz a tese do Cairo, segundo a qual se trataria de um acordo «estritamente militar». O seu carácter largamente político ressalta de diversas cláusulas.

1 — **As duas partes contratantes põem termo ao estado de beligerância** — Pela primeira vez na história do conflito, um Estado árabe compromete-se solenemente a não recorrer à força militar, mas apenas aos «meios pacíficos», nomeadamente à «negociação» para chegar a um «regulamento de paz justo e definitivo».

2 — **A renúncia à violência parece definitiva** — A duração do acordo não é, na verdade, especificada. «Mantêm-se válido enquanto não for substituído por outro acordo». Noutros termos, poderia ficar em vigor definitivamente, pois nenhuma disposição prevê a sua denúncia unilateral. É certo que as duas partes se referem à resolução 338 das Nações Unidas, mas nenhuma delas poderia acusar a outra de não se conformar com tal resolução, dado que nunca se definiu uma interpretação comum do texto onusiano. É certo ainda que o mandato das forças da ONU é renovável anualmente, mas os signatários não estabelecem um nexo de causalidade entre a presença das FUNU e a duração do acordo. O presidente Sadate — segundo informações não confirmadas — ter-se-ia comprometido junto dos EUA a mantê-lo em vigor, ao menos, durante três anos.

3 — **O Egipto renuncia a exercer qualquer bloqueio militar** — O artigo 2 do acordo parece referir-se ao estreito de Bab-El-Mandeb, na entrada meridional do Mar Vermelho, bem como ao de Akaba, que comanda o acesso ao porto israelita de Eilst (é certo que o Egipto não poderia garantir a liberdade de navegação no golfo de Akaba, a não ser na hipótese de Charm-El-Cheikh lhe ser restituído).

O presidente Sadate revela, assim, a conta que estaria disposto a pagar no dia em que o conjunto do Sinai lhe fosse restituído.

4 — **As duas partes comprometem-se a não recorrer à ameaça** — Noutros termos, fica banida a propaganda belicosa. A fórmula parece referir-se à promessa do presidente Sadate de atenuar os ataques anti-israelitas nos órgãos de Imprensa escrita e audiovisual.

5 — **O canal do Suez fica aberto às cargas israelitas não militares** — Esta medida de liberalização não tem precedentes desde o princípio do conflito, há vinte e oito anos. Os chefes das Forças Armadas egípcias sustentaram sempre que todos os géneros destinados ao inimigo constituíam um produto «estratégico», visto que contribuíam para o bem-estar do campo adversário. O presidente Sadat parece ter convencido os seus generais da necessidade de consentir esta concessão a Israel, concessão que ainda em Março se considerava inaceitável.

6 — **A soberania egípcia não se exercerá sobre os técnicos americanos instalados no Sinai** — Estes últimos não deixarão os seus postos por requerimento unilateral do Cairo. Só poderão ser retirados por decisão tomada por Washington ou a pedido conjunto de Israel e do Egipto. Esta disposição constitui uma garantia suplementar, oferecida pelo presidente Sadat, da sua determinação de não pôr termo ao estado de não beligerência.

7 — **Estabelece-se uma forma de cooperação entre o Egipto e Israel** — A comissão mista constituída a primeira de há mais de vinte anos para cá fica, em princípio, encarregada de tarefas técnicas ligadas à aplicação do acordo interino. Contudo, na prática os representantes egípcios e israelitas ficarão em condições de dialogar directamente sobre todos os problemas que se levantarem, quer sejam de ordem militar, ou política (os dois aspectos não podem, aliás, separar-se) e de tomarem as medidas adequadas para garantir uma coabitação harmoniosa no Sinai.

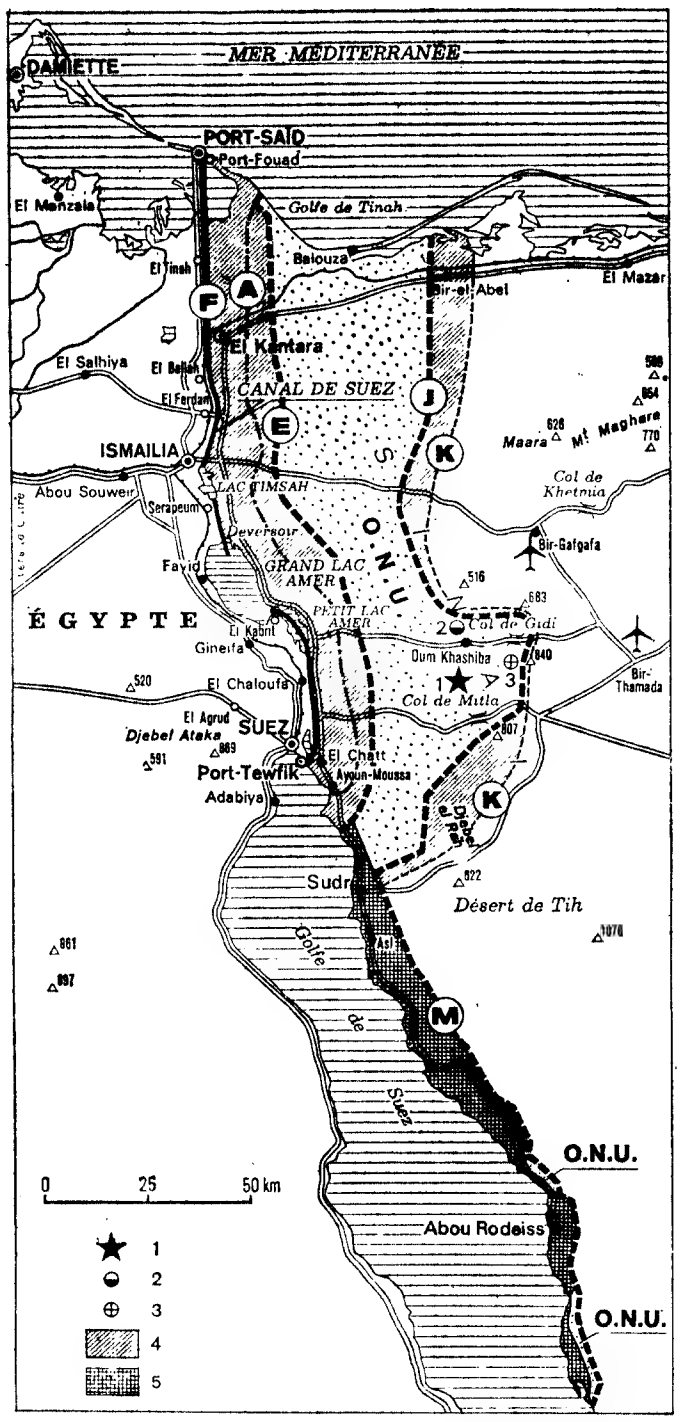
COMPROMISSOS SECRETOS

A maioria dos observadores faz notar que o texto do acordo tornado público — embora consagre uma nova retirada israelita — é apenas a ponta do «iceberg», uma parte ínfima dos compromissos político-militares arranjados pelos bons ofícios de Kissinger. Os compromissos assumidos pelas duas partes em relação ao árbitro americano e os contraídos por este em relação a Israel e ao Egipto — compromissos bilaterais que ficaram secretos — vão muito além do estipulado acordo interino.

A avaliarmos pelas lacunas do texto, supõe-se que o presidente Sadat prometeu nomeadamente levantar o boicote imposto às firmas americanas que operam em Israel, exercer a sua influência para moderar a atitude dos seus parceiros árabes, especialmente a Síria e a OLP. Em contrapartida, Kissinger ter-se-ia comprometido a arranjar o mais cedo possível uma negociação entre Jerusalém e Damasco, assim como com a organização de Yasser Arafat, desde que esta reconheça formalmente a existência do Estado de Israel. A América forneceria ao Egipto um importante auxílio financeiro e económico, directamente ou por intermédio dos seus aliados na região.

Os compromissos tomados pelos EUA em relação a Israel seriam muito mais vastos. O auxílio americano, multiforme, poderia atingir a cifra de três mil milhões de dólares, sob reserva, bem entendido, da aprovação do Congresso. O embargo sobre certos armamentos estratégicos seria levantado. Segundo informações publicadas em Telavive, os EUA declarar-se-iam dispostos a voar em socorro de Israel, no caso de este ser ameaçado ou atacado por uma potência estranha à região (alusão verosímil à URSS).

«Le Monde»



1 — Localização das estações americanas de vigilância. 2 — Estação de vigilância israelita. 3 — Estação de vigilância egípcia. 4 — Sectores de limitação dos armamentos e das forças. 5 — Zona sob administração civil egípcia.

O artigo 4 do acordo interino concluído entre Israel e o Egipto define, como se segue, os princípios segundo os quais as forças militares das partes serão desdobradas: «1) — Todas as forças israelitas serão desdobradas a Leste das linhas designadas sob o nome de linhas J e M no mapa. 2) todas as forças egípcias serão desdobradas a Ocidente da linha designada sob o nome de linha E no mapa. 3) O sector entre as linhas designadas no mapa sob o nome de linhas E e F, e o sector compreendido entre as linhas designadas no mapa sob o nome de linhas J e K serão sectores de limitação dos armamentos e das forças. 4) A zona entre as linhas designadas no mapa sob o nome de linhas E e J será uma zona tampão. Nesta zona, a força de emergência das Nações Unidas continuará a cumprir as suas obrigações editadas pelo acordo israelo-egípcio de separação de 18 de Janeiro de 1974. 5) No sector ao Sul da linha E e a Ocidente da linha M, tal como ficam definidos no mapa, não haverá forças militares.»

Geral

Dois anos de fascismo no Chile

"VENCEREMOS!"

. Há um ano, no Coliseu dos Recreios, numa sala apinhada de gente, gritou-se com entusiasmo delirante: «O Chile vencerá!». Um conjunto musical de exilados chilenos deu-nos então a conhecer uma canção revolucionária, «Venceremos!», que o povo português não tardaria a fazer sua. Comovidos até às lágrimas, os elementos do «Inti Illimani» disseram que em parte nenhuma do Mundo tinham recebido provas tão vibrantes de soolidariedade.

Nessa altura, o povo português tinha meio ano de liberdade e começava a sua marcha para um futuro que se queria socialista. A lembrança do fascismo estava ainda bem viva em todas as memórias e andava no ar a ameaça do golpe que viria a ser derrotado daí a pouco mais de quinze dias.

Muita água correu depois nos moínhos do tempo. E os portugueses, que tiveram o seu tempo de Allende, estão agora a entrar na burla Eduardo Frei, correndo o risco da queda em Pinochet.

Os que nos falam do socialismo em liberdade não dizem nada de novo. O povo chileno conhece-os bem. «Revolução em liberdade» foi a fraude que, pela mão dos E.U.A., Eduardo Frei implantou no Chile, apresentando-a ao Mundo como a terceira via entre capitalismo e socialismo, finalmente encontrada. O programa de «chilenização» era uma emanação directa da política da «Aliança para o Progresso», que Washington lançou em 1961 na América Latina, numa tentativa de evitar o aparecimento de uma segunda Cuba. Um programa de empréstimos e financiamentos foi então posto de pé. Apesar de se vir a traduzir numa dependência cada vez maior dos países «auxiliados» em relação à potência tuteladora, o certo é que tal plano não passou do domínio das boas intenções. Mas teve o seu momento alto com a democracia cristã no Chile, que, com a benção da Casa Branca, foi fazendo umas pequenas reformas, sem afectar no mínimo que fosse os interesses da oligarquia nacional ou do imperialismo. A isso chamava-se a «revolução em liberdade». Mas a verdadeira face dessa «revolução» ficou bem a claro, quando os «revolucionários» democratas-cristãos tiveram de enfrentar uma tentativa verdadeiramente revolucionária no país.

Durante os três anos que o Governo de Unidade Popular se manteve no poder, os democratas-cristãos fizeram no Chile aquilo que sociais-democratas estão a fazer em Portugal: sabotaram de todos os modos, sempre em nome da liberdade, a acção revolucionária do Governo. E, por fim, postos ante a alternativa revolução ou fascismo, não hesitaram em escolher o segundo.

As consequências da sua acção estão à vista de todos: após cento e cinquenta anos de existência, a democracia burguesa, tão prezada pelos coveiros de Allende, desapareceu para dar lugar a um dos regimes mais barbaramente totalitários da história do continente. Seiscentos mil desempregados erram pelas ruas como pedintes, acolhendo-se à protecção das «sopas dos pobres» que algumas «almas caritativas» organizam; os trabalhadores que ainda têm a sorte de estar empregados ganham hoje, em termos reais, metade do que ganhavam à data da queda do regime de Unidade Popular (o custo de vida aumentou 5000 por cento, enquanto os salários aumentaram apenas 2500 por cento). Cem mil mortos, quarenta mil presos e torturados — eis os custos «humanos» da operação de salvamento do capitalismo no Chile..

Há dois anos que a operação está em curso. Há dois anos que o povo chileno é vítima da vingança dos privilegiados. Há dois anos que corre sangue no Chile.

Mas, apesar da repressão da D.I.N.A., apesar do terror organizado, apesar da fome, apesar do sofrimento, apesar do medo, a resistência organiza-se. Nos campos, nas fábricas, nos quartéis. Operários, camponeses, soldados e marinheiros constituem redes subterrâneas de luta contra o fascismo. Os progressistas de todo o Mundo apoiam o seu combate. Um movimento de solidariedade internacional, de uma amplitude que só tem equivalente ao que se organizou em relacção ao Vietname, começa igualmente a dar os seus frutos. Já nas Nações Unidas se clama a expulsão do Chile de Pinochet. E já os cúmplices estrangeiros que sujaram as mãos no sangue do povo chileno começam a dar mostras de quererem livrar-se de um aliado demasiado embaraçoso.

Demore o que demorar, custe o que custar, nós sabemos que o Chile vencerá. E, como há um ano no Coliseu dos Recreios, nós gritaremos a nossa fé, a nossa certeza, a nossa determinação: «Venceremos!».

A.N.

Soljenitsyne vai ao Chile

. SANTIAGO DO CHILE, 11 — (F. P.) — O escritor soviético Alexandre Soljenitsyne visitará brevemente o Chile — anunciou em Santiago o presidente da Organização dos Estrangeiros no Chile, Pedro Vogelfanger.

Este organismo dirigiu em 3 do corrente um convite a Soljenitsyne, actualmente nos Estados Unidos, para que assista às cerimónias comemorativas do segundo aniversário da implantação do regime militar do generalPinochet que se realizam hoje dia 11 de Setembro.

O escritor respondeu ao convite, dizendo que era impossivel ir ao Chile na data prevista, mas «prometeu» visitar brevemente este país — esclareceu Pedro Vogelfanger.

Durante três anos, sob a presidência do «compañero Allende», o povo chileno viveu uma experiência única na história: a tentativa de implantação do socialismo por via «legal», a partir dos mecanismos do regime parlamentar burguês. Seguida com apaixonado — e polémico — interesse pelas esquerdas de todo o Mundo, essa tentativa veio a desembocar no fascismo, instaurado pelos militares conservadores, no dia 11 de Setembro de 1973. Na telefoto: Allende aplaudido pela multidão reunida num gigantesco comício no terceiro aniversário da sua vitória eleitoral. Seis dias depois, o «compañero Presidente» encontraria a morte no palácio de La Moneda

JULGAMENTO EM ESPANHA DE CINCO GUERRILHEIROS DA FRENTE REVOLUCIONÁRIA

. MADRID, 11 — R.) — Cinco indivíduos suspeitos de pertencer a uma organização da extrema-esquerda começam a ser julgados hoje em tribunal militar num quartel fortemente guardado de um regimento blindado ao norte de Madrid, pela morte de um polícia madrileno em Julho último.

A acusação pediu a pena de morte para os réus, que seriam membros da Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica (FRAP), secção de guerrilha urbana do Partido Comunista Marxista-Leninista Espanhol. É-lhes imputada a morte do agente Lucio Rodriguez Martin, quando guardava os escritórios de uma companhia de aviação em 14 de Julho. No ataque ficou ferido outro polícia.

Todos os actos de terrorismo em Espanha são julgados em tribunal militar e o julgamento de hoje coincide com a apreciação, pelo supremo tribunal militar, do recurso interposto contra as penas de morte pronunciadas no mês passado contra os nacionalistas bascos José António Garmendia e Angel Otaegui, pela morte de um polícia na região basca, em Abril de 1974.

Elementos bascos declararam ontem que se aguardam para hoje no país Basco novas manifestações, incluindo greves ilegais, de protesto contra as sentenças de morte impostas pelo tribunal militar de Burgos a Garmendia e Otaegui.

Os cinco supostos membros da FRAP que vão ser julgados hoje acusaram a polícia de os torturar na prisão, mas as suas queixas foram rejeitadas pelas autoridades militares.

Os seus advogados revelaram que as autoridades indeferiram também um pedido da defesa para interrogar as testemunhas do assassínio.

Os réus são Pablo Mayoral Reuda, mecânico, de 24 anos, Manuel António Blanco Chivite, jornalista, de 30, Fernando Sierra Marco, estudante, de 19, Vladimiro Fernández Tovar e Jose Humberto Baena Alonso.

GREVE DA FOME

BILBAU, 10 — (FP) — Encontram-se permanentemente no palácio da Justiça de Bilbau quatro médicos, em virtude da greve da fome cumprida pelos presos políticos espanhóis em sinal de protesto contra as condenações à morte de Garmendia e Otaegui.

Segundo se julga, participam neste movimento 300 presos políticos. Alguns fazem greve da fome desde 27 de Agosto. Só os presos de Madrid puseram termo à sua greve. Na prisão de Basauri, foram transferidos para a enfermaria mais de 50 presos.

Além disso, foram assinaladas greves parciais em várias empresas, em sinal de protesto contra a prisão de delegados sindicais implicados nas manifestações que se seguiram às decisões do Conselho de Guerra de Burgos.

Soube-se, finalmente, que um jovem militante basco da ETA,José Maria Subilaya, foi preso pela guarda civil, depois de uma troca de tiros, na montanha La Rhune, junto à fronteira entre a França e a Espanha.

MANIFESTAÇÃO EM ROMA

ROMA, 11 — (ANI) — Representantes de diversas organizações políticas e sindicais italianas efectuaram ontem uma manifestação de protesto frente ao edifício da embaixada da Espanha em Roma.

A manifestação fora convocada em sinal de solidariedade com os cinco elementos da Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica, que hoje começam a ser julgados.

ASSALTO ÀS 9 DA MANHÃ

Continuação da pág. 1

L.», admitiu que os assaltantes teriam levado uns cinco mil contos. E adiantou que o bando agira com extrema violência. O dinheiro foi roubado do cofre, que acabava de ser aberto.

Outras informações obtidas posteriormente, fazem supôr que o assalto foi perpetrado por *nove elementos e não quatro. Sob a ameaça das palavras e das armas,* os funcionários não tiveram alternativa. Os assaltantes gritaram «não se mexam», e eles obedeceram.

De notar que, segundo um funcionário do Banco, não é de estranhar que tenha sido elevado o produto do assalto, já que a dependência da António Augustto Aguiar (S. Sebastião da Pedreira) é uma das que movimentam mais dinheiro.

Consta ainda, que pelo menos um tiro, foi disparado, dentro do Banco, mas que não terá causado vítimas.

«NO VALOR DE 900 CONTOS

Desconhecidos assaltaram, esta madrugada, por meio de chave falsa, uma vivenda situada na Rua Carlos Mardel, lote 79, em Nova Oeiras, levando objectos de ouro, platina e brilhantes com rubis, tudo no valor aproximado de 900 contos, e ainda oitenta mil francos belgas (o equivalente a cinquenta contos em moeda portuguesa.

A Polícia Judiciária investiga.

"CENSURA" ACABA HOJE?

Continuação da pág. 1

encontro, observadores têm como lógica que o PS terá ido dar conhecimento ao PCP do encontro havido durante a tarde com o PPD. No final da reunião, cerca da 1,30 da madrugada (tinha começado às 23,30)Álvaro Cunhal, a uma pergunta de jornalistas ali presentes, afirmou que o encontro não tinha sido decisivo, embora se recusasse a admitir a existência de qualquer impasse. Vasco Lourenço, que também foi a Belém ontem à noite, tendo saído cerca das 22 horas, declarou que nada tinha a ver com a formacão do VI Governo.

As dificudades na formação do novo gabinete parecem centrar-se na presença do PPD, cujos dirigentes, nos últimos dias, assumiram posições declaradamente contra o MFA e Conselho da Revolução, cuja dissolução pediram. Estas afirmações, violando frontalmente o pacto há tempos assinado com o MFA, e as declarações do seu secretário-geral Emídio Guerreiro, que ameaçou poder o seu partido armar 50 000 homens (quantos estarão já?), veio de novo trazer a público uma imagem do PPD que os seus responsáveis sempre tentaram esconder com todo o cuidado. O PC, que já se recusava a sentar à mesa com o PPD endureceu naturalmente a sua posição. Enquanto isto o V Governo Provisório preparava-se para abandonar S. Bento Esta manhã o general Vasco Gonçalves chegou às 10 horas ao seu gabinete, devendo abandonar definitivamente as suas instalações ainda hoje, conforme anunciou no último comunicado emitido pelo Conselho de Ministros, que acedera a manter-se em funções até hoje, data em que se julgava ir ser anunciado o novo Governo. Entretanto, esta madrugada, cerca das 2 horas, a Presidência da República divulgou o seguinte comunicado:

«Tendo em consideração a necessidade de informar a opinião pública sobre as diligências em curso para a formação do VI Governo Provisório, esclarece-se qu durante o dia 10 de Setembro de 1975 foram efectuados encontros entre o Presidente da República e o Primeiro-Ministro indigitado, por um lado, e representantes do PCP, PS e PPD, em reuniões separadas, com o objectivo de estabelecer uma plataforma programática comum para uma definição política do VI Governo Provisório.

«Em 11 de Setembro de 1975 recomeçarão os contactos com os partidos, dada a reconhecida urgência de dotar o País com um Governo de unidade nacional.»

António Amaro de Oliveira

MISSA DO 7.º DIA

Sua esposa, filhos, noras e netos, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade, que mandam rezar missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 2, pelas 19.15 horas, na Igreja dos Anjos, agradecendo a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA ALMEIDA

Espectáculos

MICKEY

Pela oitava vez, o actor americano Mickey Rooney vai ter as alegrias do casamento. Casar-se-á no fim do ano, nos Estados Unidos, com uma jovem de 25 anos, loura, que tem por nome Jan Chamberlain e escreve canções que ela própria canta. Foi o que ele comunicou em Hong Kong, onde está a rodar «From Hong Kong Whith Love».

A próxima sr.ª Rooney está convicta de que todas as suas predecessoras não souberam compreender o Mickey. «Pela minha parte, vou ser diferente, compreender o outro é muito importante», diz ela acrescentando a respeito do noivo: «É absolutamente genial, adoro-o e sinto-me extremamente apaixonada por ele».

NEGÓCIO

Os Estúdios Universal revelaram que apenas em 78 dias «Jaws» se tornou no filme mais rendoso na história do cinema norte-americano.

A película — a respeito de uma estância balnear insular aterrorizada por um enorme tubarão branco — tinha no passado dia 5 excedido as receitas de «O Padrinho» (até então o recordista neste aspecto) nas bilheteiras dos Estados Unidos e Canadá. Segundo a Universal havia já produzido a importância bruta de 124,3 milhões de dólares.

O filme não será apresentado noutros países antes de Dezembro quando se esperam ainda novas receitas recorde.

SENTENÇA

O actor David Chow, de 45 anos, que se confessou culpado de ter sonegado ao fisco 40 000 dólares de impostos, foi multado em 5000 dólares e posto sob vigilância judicial durante três anos.

Todavia, o juiz federal Malcom Lucas suspendeu a sentença na condição de o réu contribuir para a comunidade com 200 horas de trabalho.

Chow desempenhou o papel de Hop Sing, o cozinheiro chinês da série televisiva «Bonanza» e interpretou também outras figuras em vários filmes.

ATAQUE

Morreu na sua residência de West Fulton o actor de cinema John Mcgiver, intérprete, entre outros, dos filmes «O Cowboy da Meia Noite» e o «Candidato Manchuriano».

Mcgiver, que foi vítima de um ataque cardíaco, contava 62 anos e deixa dez filhos.

«FAENAS»

O presidente Ford recebeu o «matador» de touros espanhol «El Cordobés» que lhe ofereceu fotografias de algumas das suas «faenas».

«El Cordobés» visitava como turista a Casa Branca e o presidente convidou-o a ir ao seu gabinete oval, onde se deixou fotografar na companhaia do «Diestro».

Submarino sem comandante por "razões patrióticas"

. Uma dançarina que se exibiu a bordo de um submarino norte-americano de busto nu explicou que o fizera por «razões patrióticas» e sublinhou:

. «Foi a maneira de ter a certeza de que o navio sairia do porto com todos os seus tripulantes.»

. A exibição proporcionada por Cat Futch, de 23 anos, que trabalha num clube nocturno de Fort Pierce, custou o comando do submarino «Finback» ao capitão-tenente Connelly Stevenson, agora entregue à sinecura de trabalho de secretaria no Comando Naval de Norfolk, Virginia.

Stevenson alegou que consentira o espectáculo para contentar a tripulação e também para impressionar o pessoal rival do submarino «Alexander Hamilton».

LORCA EM ÚLTIMOS DIAS

Termina no próximo domingo a representação da peça «Mariana Pineda», de Federico Garcia Lorca, que a Companhia de Teatro hoje está a levar à cena no Teatro de Bolso da Sociedade Portuguesa de Autores, todos os dias às 21 e 15. Recorda-se que «Mariana Pineda» é o primeiro trabalho de encenação da poetisa Fiama Hasse Pais Brandão que é também a tradutora desta peça do célebre poeta e dramaturgo espanhol assassinado pela Guarda Civil Espanhola. O espectáculo conta ainda com a colaboração plástica de Manuel Batista e música original de Jorge Peixinho e é interpretado por: Ana Paula, Batista Fernandes, Carlos Fernando, Elisa Lisboa, José Manuel, José Tavares, Josefina Silva, Leonor Poeira, Júlio Cleto, Marta Isabel, Maria Emília Correia, Nuno Carinhas, Paula Oliveira e Rui Furtado. Na foto, uma fase do espectáculo em que intervêm Josefina Silva e Ana Paula.

SANTARENO NA TV

Foi já gravada — com direcção de TV de Henrique Pavão e representada pela Companhia Rafael de Oliveira — a peça teatral de Bernardo Santareno «A Traição do Padre Martinho», com encenação de Rogério Paulo.

«Narrativa dramática» assim a considera o próprio autor, a peça é uma das mais representadas em todo o País nestes últimos meses, dado que tem sido levada em digressão pela companhia que agora a gravou para a RTP. O cenário é adaptado do de Hector Lechuga.

ERMELINDA DUARTE NA "CIA DOS CARDEAIS"

. Uma cooperativa de trabalhadores é sempre uma forma de luta.

Recusam-se os patronatos e os monopólios. Cria-se o espírito de comunidade e de companheirismo. Ninguém decide sozinho. Ninguém age por conta própria.

Neste clima, se resolvem conjuntamente os problemas que se deparam a um grupo.

Por vezes, pode até acontecer o acidente imprevisível. E aconteceu com Anabela, que à altura, ensaiava «A Cia dos Cardeais» — uma revista da cooperativa Ádóque — Grupo de Teatro. O desastre de automóvel. O hospital. A impossibilidade de continuar a ensaiar. De estrear.

Para o Ádóque foi o grande problema. Querem contar com Anabela.

Sabem que Anabela está com eles e estão com ela.

Mas há compromissos de estreia. Há decisões colectivas a tomar quando surge o imprevisto. Há, também, que contar com quem está solidário. Assim, Ermelinda Duarte dispôs-se a fazer parte do elenco de «A Cia dos Cardeais» e da cooperativa do Ádóque. De acordo com Anabela. De acordo com todos os trabalhadores da cooperativa.

Desta forma imprevista, «A Cia dos Cardeais», terá a presença de Ermelinda Duarte, uma actriz até aqui conhecida através do teatro declamado e da canção de protesto (todo o País canta «uma gaivota voava voava», de «Somos Livres», de sua autoria e interpretação).

«A Cia dos Cardeais» marca a estreia de Ermelinda Duarte em revista. Por circunstâncias muito especiais.

Mas sobretudo, por solidariedade. Por espírito de grupo.

Contrato Colectivo Vertical do Comércio Retalhista

Comunica-se a todos os trabalhadores abrangidos por este Contrato que se realiza novo plenário, no próximo dia 12, sexta-feira, às 21.30 h., no salão da Voz do Operário, com a seguinte ordem de trabalhos:

— CONTINUAÇÃO DA APRECIAÇÃO E APROVAÇÃO DO PROJECTO DO C.C.T.

É indispensável a tua presença e participação!

De contrário, não poderá haver novo Contrato Colectivo!

Todos os trabalhadores à assembleia, independentemente da sua profissão, pois o Contrato é vertical!

Os Sindicatos Outorgantes

(do Comércio, Metalúrgicos, Cobradores, Rodoviários, Telefonistas, Electricistas, Construção Civil, Marceneiros, Têxteis, Contínuos e Porteiros)

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRESIDÊNCIA

EDITAL N.º 89/75

Eu, Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital, intimando a Sr. D. Gertrudes da Conceição Sopinha Garcia, residente em parte incerta, proprietária do prédio situado na Travessa do Conde de Avintes, 39-41, de que nos termos do art.º 12.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, deverá proceder à revisão e reparação de toda a canalização de esgotos que serve o prédio desobstruindo e substituindo as peças que for necessário para que fique funcionando em boas condições.

As obras deverão ser iniciadas no prazo de 48 horas findo o dos éditos, e concluídos nos 8 dias seguintes.

Foi determinada a ocupação do prédio para execução coercisa ao abrigo do disposto no artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas no caso de as obras não serem iniciadas ou concluídas nos prazos para o efeito respectivamente fixados.

NOTA: Obras isentas de licença nos termos da alínea a) do n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70.

Paços do Concelho de Lisboa, 11 de Setembro de 1975.

O PRESIDENTE,
Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues

CENTRO DE PRODUÇÃO
Teatro Maria Matos
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco
«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»
Desc. às 2.as Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

LIDE ALAGADA

A quinta corrida da Feira de Múrcia foi, ao finalizar a lide do quarto touro, interrompida por chuva torrencial que transformou o «ruedo» num lago.

Dâmaso Gonzalez, o único que pode completar a tarefa, obteve uma orelha do primeiro e as orelhas e rabo do quarto.

José Maria Manzanares (palmas) e Alfonso Romero (orelha) tiveram de ficar pela metade do trabalho.

Não destoaram os touros estoqueados — um do marquês de Ruchena e três de Pablo Romero.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

M.P.L.A. — ANGOLA VENCERÁ (E O MAIS QUE ADIANTE SE VERÁ)

Oficiais de serviço em Angola, e que participaram na Assembleia do Exército, preparatória de Assembleia do MFA em Tancos que, como se sabe, não se chegou a realizar por motivo dos «golpes de força» do Exército e da Força Aérea, estiveram ontem em mesa-redonda na televisão. Oficiais Sabino, Simões, Ramos, Martins, Azevedo e Brito. Tónicas: censura aos órgãos de comunicação social pela reduzida atenção prestada aos problemas da descolonização, censura aos partidos pelas mesmas razões, a situação calamitosa a todos os níveis (foi dito: sem uma ajuda efectiva poderemos vir a assitir em Angola a uma das maiores catástrofes da História), o problema dos retornados, as relações entre os três movimentos que lutam em Angola, a grave questão dos militares que se recusam a embarcar para a Angola.

Algumas referências: *Em Nova Lisboa, a FNLA conta com o esquadrão Chipenda, formado por brancos, na sua maioria militares portugueses e outros vindos de Moçambique todos superiormente orientados por um italiano.*

«Só gostaríamos de saber como foram lá parar os tais portugueses brancos. Se calhar foi por culpa dos órgãos de Informação. Sim, foi por isso.)

. Mais:

. *Este esquadrão Chipenda possui bastante armamento pesado.*

(...) *Armamento muito sofisticado que não foi obtido durante 14 anos de guerra e que agora, em curto espaço de tempo, o foi. Aumentou de forma muito rápida o potencial militar de cada um dos movimentos de Angola.*

(...) *No terreno verifica-se por vezes uma aliança Unita-FNLA, mas na nossa análise essa aliança só é possível em virtude de ambos encararem um inimigo comum.*

Perdoem os leitores mas, a este respeito de ajudas externas aos movimentos que actuam em Angola, tendo algo a acrescentar. Peço-lhes uns minutos de atenção para extractos de um texto publicado na revista *Afrique-Asie*, há pouco tempo.

O MAO NÃO ESTÁ BOM

Uma informação que acaba de nos chegar merece a nossa atenção.

Ela reveste-se na realidade de um profundo significado, não só para o povo angolano e as forças progressistas e revolucionárias que o apoiam na sua luta de libertação nacional, mas também para todos aqueles que, inspirados pelo exemplo histórico da revolução chinesa, continuam o seu combate libertador.

Confirma-se, com efeito, que, aquando da sua última viagem a Pequim, Lúcio Lara, membro do Bureau Político do MPLA e chefe da delegação de Luanda, foi informado pelos dirigentes chineses de que «para evitar o exarcebamento do conflito que devasta Angola», eles tinham decidido acabar com toda a ajuda militar à FNLA de Holden Roberto, à Unita de Jonas Savimbi e ao MPLA do dr. Agostinho Neto. Em contrapartida o Governo chinês não tomou qualquer decisão a respeito da retirada dos tecnicos militares que treinam as tropas de Holden no Zaire e no norte de Angola.

Durante muito tempo evitámos tomar uma posição sobre este assunto. Quando interrogávamos os diplomatas chineses em missão nas capitais do Terceiro Mundo, as suas respostas eram vagas, nunca definitivas. Salvo raras excepções, abstivemo-nos mesmo de reproduzir uma correspondência, apesar de tudo volumosa, que nos chegava de todas as partes do Terceiro Mundo, e particularmente do continente africano, por receio de que assentasse em boatos não confirmados.

E isto até ao dia recente em que um chefe de Estado africano de prestígio, nos deu a conhecer as suas próprias diligências oficiais em Pequim, com vista a pôr termo à ajuda chinesa à FNLA: «Fiz ver ao primeiro-ministro chinês, disse-nos — que não compreendíamos que o país de Mao pudesse prestar qualquer ajuda a uma organização criada, financiada, teleguiada pela CIA e cujo verdadeiro objectivo é esmagar uma verdadeira independência do povo angolano.

As explicações que pude recolher não me deram nenhuma satisfação e, com a minha franqueza brutal de militante revolucionário, não o escondi...»

. Face a esta política que provoca o desânimo e suscita, porque não dizê-lo? uma profunda desilução na opinião africana em relação à China, não é possível calarmo-nos. Nem fecharmos os olhos enquanto se desenrola diante de nós o drama do povo angolano que o imperialismo procura esmagar. Como é que uma potência socialista, e ainda por cima revolucionária, como é que um país cujas vitórias galvanizaram os nossos povos, como é que a China pode apoiar os coveiros de Angola?

. Se « a política deve estar no posto de comando» como preconiza o presidente Mao Tse-tung na «Carta de Anchan», será possível, como parecem admitir os camaradas chineses, separar o aspecto «técnico» da ajuda aos fascistas da FNLA do seu aspecto «político», sem trair o pensamento de Mao? A decisão do Governo chinês de apoiar criaturas imundas, traidores do seu próprio povo, como Holden e Savimbi, poder-se-á explicar de outro modo senão como um acto político longamente reflectido? Como justificar a opção de considerar os três movimentos em pé de igualdade, quando o MPLA é a única organização que luta por uma verdadeira libertação política e económica de Angola, como justificar então esta opção senão como uma tomada de posição desconcertante? (É o menos que se poderia dizer).

Como interpretar enfim, a manutenção dos técnicos e especialistas chineses junto da FNLA, senão como uma recusa de analisar correctamente a natureza da luta e os objectivos de cada um dos movimentos?

. Os camaradas chineses teriam podido pensar, por exemplo, em apoiar a luta de libertação da Indochina, enviando instrutores a Thieu e a Lon Nol? Porque onde está então a diferença entre estes dois fantoches e Holden-Savimbi? Tanto uns como os outros não são agentes estipendiados do imperialismoamericanoeocidental? Não são o instrumento escolhido há longo tempo para assegurar e estender a sua hegemonia?

. . O Comité de Libertação da OUA, diz-se em Pequim reconhece apesar de tudo a FNLA. sim, mas desde quando o apoio de uma organização de Estados foi um critério para determinar a política de um país revolucionário como a China?

. O reconhecimento de Chang Kai-chek pela ONU durante quase vinte e cinco anos alguma vez influenciou no que quer que seja a titude ou o julgamento dos países que não se cansaram de votar a favor dos direitos inalienáveis da China Popular?

. Mais de uma vez a nossa revista defendeu a política chinesa.

Quando estávamos conscientes de que poderia tratar-se, da parte dos responsáveis chineses, de «posições tácticas» destinadas a quebrar o isolamento diplomático no qual o imperialismo americano procurava encerrá-los. Sempre recusámos fazer coro com os maldizentes. A experiência chinesa reveste-se de um tal valor de exemplo para o Terceiro Mundo, que não poderíamos entrar em querelas bizantinas sobre o fundamento de tal ou tal tomada de posição táctica. Mas, no caso de Angola, as circunstâncias são tais, que não pode tratar-se de táctica; seria desonesto refugiarmo-nos atrás de considerações tácticas: não hostilizar o Zaire, ou dar crédito a uma pretensa aliança entre o MPLA e a URSS — o que não é senão uma teia de mentiras intencionalmente urdidas por Mobutu e os seus aliados americanos — ignorando a estratégia que o imperialismo desendadeia na Africa Austral onde estende por todo o lado os seus tentáculos.

Face a esta estratégia, tem de se opor uma estratégia revolucionária. Caso contrário, é nosso dever lembrar aos camaradas chineses que vão no mau caminho, e que, dada a persistência dos factos, estão em contradição com os próprios ensinamentos do presidente Mao.

Sim, a política deve estar no posto de comando. Para nós, como para todos os progressistas revolucionários, não há senão um único caminho possível em Angola nesta fase decisiva: o apoio sem reservas à luta libertadora conduzida pelo MPLA e o fim de toda a ajuda, qualquer que seja, aos inimigos de uma verdadeira independência: os Holden, Savimbi, Mobutu, e os seus mentores, quer estejam em Washington, Londres, Paris ou Bona.

Não faço comentários. Para quê? As palavras que aí ficam já falam o suficiente. Mas há mais alguma coisa a referir sobre a presença dos militares na televisão.

O QUÊ! DEIXAR AGITAR ANTES DE USAR?

Diz respeito à atitude a tomar relativamente aos retornados de Angola, face ao que os militares mostram, como não podia deixar de ser, a máxima compreensão.

Alguns avisos sérios lhes deixam, no entanto, para seu governo. Importa que entre si reconheçam aqueles que foram verdadeiramente explorados pelo colonialismo e aqueles que, pelo contrário, se aproveitaram da exploração colonial.

Mais: os retornados de Angola devem exercer uma aper-

Continua na pág. 18

Hoje

TV Palco: programa de actualidades teatrais

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Telejornal** 1.ª edição
19.05 **Vamos Ver Como se Fazem Caricas e «As Aventuras do Rucas»**
19.25 **«Smith»** 4.º episódio série filmada para jovens.
19.55 **TV Palco** — programa de Igrejas Caeiro.
20.30 **Telejornal** 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Relatório** Salvador Allende
21.40 **Histórias da TV Cubana** «Adriana em Dois Tempos» de Freddy Artiles. Realização de Severino Puente.

«Adriana em Dois Tempos», obra que mereceu ao seu autor o Prémio de Teatro Uneac (União dos Escritores e Artistas Cubanos — 1971) satiriza a sociedade de consumo e os seus prejuízos sociais e detém-se com especial interesse, na repercussão deste ambiente, na personalidade de uma mulher Adriana, que no ano de 1971 nos conta a sua história (desde 1945 a 1971). Adriana consegue o rompimento com o seu pequeno mundo burguês, neurótico e frustrado e entrega-se à sociedade revolucionária. Freddy Artilles, o autor não se limita apenas ao reflexo crítico do passado ou a um sucesso particular mas também nos transporta a uma acção dos nossos dias, — com a imagem da realidade actual as problemáticas sociais da colectividade, representada por quatro actores que além de ajudarem na narração da história de Adriana, recreiam o mundo exterior e as suas transformações. Tudo isto a que se deve juntar o terreno da expressão, um ágil movimento de diálogo e uma estrutura dramática experimental alcançada por espontaneidade fez com que esta obra obtivesse o Prémio Nacional de Teatro Cubano-1971.

23.30 **Telejornal** — 3.ª edição

II PROGRAMA

21.00 Abertura e o 4.º episódio da série **«Smith»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.00 **«Serviço Especial»** — série policial com George Sewell, Roger Rowland e Peter Jeffrey.
22.45 **Sabe o que é a Malacologia?** — 2.ª parte — um programa realizado e apresentado por Ruy Ferrão.

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **19.00**: Abertura e Telejornal; **19.05**: Ver e Pensar; **19.25**. «Dois Anos d Férias»; **19.55**: Relatório; **20.30**: Telejornal; **21.00**: Afinal como é? problemas relacionados com os consumidores; **21.25**: Eurovisão — Jogos Sem Fronteiras. **23.00**: Telejornal; **23.20**: Fecho

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e «Dois Anos de Férias», **21.30**. Telejornal; **22.00**: Noite de Cinema — «De Boca no Asfalto»; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Boletim Boletim Boletim Bo

Do Brasil, sem amor

Isto parece castigo: a gente manda para o Brasil uns tipos e eles vingam-se, exportando para estas bandas tudo o que está à mão. Não vêm carques (como Leivinha ou Luís Pereira, que esses preferem as pesetas espanholas): mas, aí estão, aptos a **defenderem as cores do Sporting**, os ilustres chutadores Picolé (rotulado de **fazedor de golos**), Gilson Paulino (defesa, capaz de esquecer tudo quanto a antiga musa conta) e Robervai (extremo com a velocidade de uma seta). Curiosamente, o pontapeador Picolé foi reomendado aos «leões» por um almirante.

E aqui fica o nome do proponente, para evitar confusões com outros almirantes que moram por aquelas áreas: o sr. Helénio Nunes é o responsável por este abre-latas das cortinas contrárias.

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

. Tinhamos dito aqui: Caló interessava a um grupo primodivisionário. Pois é: já assinou contrato com o Estoril Praia. Por seu lado, um ex-estorilense parece nas cogitações do Belenenses: trata-se de Raimundo, que alinha na dianteira e faz golos. Atenção: o posto de Quinito está vago...

Uma informação recolhida hoje: há três semanas que o Belenenses não efectua treino de conjunto, por não ter 22 jogadores aptos a fazerem (no mínimo) ofício de corpo presente.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

O presidente federativo de uma modalidade de expansão internacional declara, alto e bom som:

. — *A actual política da Direcção-Geral dos Desportos matará, rapidamente, o voleibol.*

Palavras de Luís César, em «A Bola», de hoje.

ONTEM

. Em Viareggio (Itália) prossegue o campeonato europeu de uma modalidade que (pelos vistos) nem com muita propaganda de alguns interessados consegue qualificação olímpica, permanecendo nas covas da prática familiar: o hóquei em patins. A turma representativa da Federação alinhou perante os modestos suíços (12-1 no «placard»), formando (e marcando) deste modo: Ramalhete, Rendeiro (2), Garrancho (1), Livramento (4), Chana (5), Casimiro e Gomes da Costa. Aos interessados, informamos: hoje, os portugueses jogam com uns moços da Alemanha, que representam o organismo da modalidade lá do sítio.

Concluiu-se a Volta à Catalunha em Bicicleta: José Martins (3.º lugar) foi o melhor português. Os restantes, ficaram por esta ordem: Joaquim Sousa Santos (17.º), Mário Silva (37.º), José Sousa Santos (46.º), Pedro Rodrigues (47.º) e Joaquim Moreira (48.º e antepenúltimo). O vencedor da corrida foi o italiano Bertoglio. Na última etapa desistiu Domingos Barbosa.

PORTUGAL

A 13 de Outubro, em Alvalade, um jogo de futebol entre a reserva do Sporting e o First Portuguese Canadian Club.

Os «leões» já concretizaram a inscrição na «Taça dos Clubes Campeões» de hóquei em patins.

O chutador júnior Santa Clara mudou-se de Olhão para o Sporting.

O Spartak Varna (Bulgária) pretende efectuar jogos de râguebi (lá e cá) com «quinzes» portugueses. Ainda desta modalidade desportiva: duas novas filiações na Federação (do Liceu Nacional da Amadora e do Clube de Acção Cultural e Desportiva Torralta).

Com o êxito do Portimonense, terminou a disputa da «Taça de Honra» da Associação de Futebol de Faro, que teve como novidade a má colocação do Farense (3.º) e Olhanense (último) num cotejo em que o Esperança de Lagos conseguiu o segundo posto.

A Federação de Ginástica efectuou um curso de reciclagem e actualização para treinadores de ginastica desportiva. Dos 54, inscritos, 46 completaram o curso. Nomes dos finalistas: Alda Maria Oliveira Gomes, Elsa Franco Viegas, Isabel Ferraz Costa, Maria Albertina Coelho, Maria Silvia Mineiro, Madalena Santos, Maria Edite Duarte Rodrigues Faria, Maria Madalena de Fraga Norton, Maria Manuel Homem Ferreira, Ivone Maria Garcia Alvarez, Adelino Resende Barbosa, Adriano Rodrigues, Alexandre Corte Real, Américo Solipa, António Pinto da Silva, Carlos Alberto Santos Leal, Gentil Custódio Silvestre, João Caldeira Romão, João Ilídio Setúbal, João Nevrão Belo, Joaquim Manuel Martins, José António Pereira Mendes, José Barbosa, Serafim de Castro Duarte, José Mós Barbosa, Ricardo dos Santos Maia, Valdemar Martins Ferreira, Virgílio Ferreira Dias, Artur José Pereira dos Santos, Carlos José Lameira Bule, Carlos Manuel de Sousa Marques, Eurico Luís dos Remédios, Hermenegildo Candeias, Inácio Manuel da Visitação Pires, João de Moura e Sá, José Aires Garcia Alvarez, José Luís Azevedo Fernandes, Luís Mendes Queirós Correia, Sidónio Serpa, Rolando Martins Costa, Rui Augusto Nogueira de Carvalho, Telmo Vítor Fernandes, Vítor Manuel Bouzó Garcia, Manuel Henrique da Cruz Barros, Vítor Manuel Jorge Gomes e António Garcez Palha.

Numa reunião, em Évora, de um grupo de trabalho constituído por árbitros de Portalegre, Setúbal e Évora, foi aprovada uma proposta a propor o seguinte: «Que todas as comissões de árbitros que não tenham sido eleitas democraticamente, por todos os árbitros, sejam demitidas pela D.G.D. até ao dia 30 de Outubro próximo e, em seu lugar, nomeadas comissões administrativas».

. Alcino (médio reservista do Académico de Coimbra) firmou contrato com o União de Tomar.

Começou o trabalho da Comissão de Disciplina da Federação de Futebol: uma enorme lista de castigos foi, esta noite, tornada pública. Dela constam, por exemplo, repreensões a Fraguito (Sporting) e ao treinador Crispim (Académico de Coimbra), advertências a Gervásio (Académico), Alfredo (Vitória de Setúbal) e José António (C.U.F.) além de um jogo de suspensão a António Augusto Elias Abade («Os Elvenses») por «comportamento incorrecto para com o treinador da sua equipa».

HOJE

Na Associação de Futebol de Lisboa efectua-se hoje uma reunião de clubes com futebol profissional abrangidos por matéria disciplinar em relação à obrigatoriedade de vedarem os campos com redes de arame. A iniciativa partiu do Alhandra Sporting Clube.

RARIDADES

. Deverá ser batido em Manila, no próximo dia 1 de Outubro, o «record» das receitas por combate de boxe, quando ali de defrontarem Mohamed Ali e Joe Frazier, para o campeonato mundial dos pesos «pesados». Efectivamente, os organizadores calculam que a receita deverá cifrar-se em 1 600 000 dólares, devendo registar-se a presença de 25 mil espectadores.

O «record» actual de receitas pertence ao Madison Square (de Nova Iorque) tendo-se registado em Março de 1971, quando 20 455 espectadores deixaram 1 352 000 dólares nas bilheteiras, para assistirem ao primeiro combate de boxe entre os dois famosos lutadores.

Uma totobolista britânica, cujo nome não foi revelado (a seu pedido), ganhou 500 000 libras (cerca de 30 000 contos) por ter acertado em todos os resultados dos encontros de futebol. Desde que existe totobola na Grã-Bretanha foi esta a 15.ª vez a haver um prémio de 500 000 libras.

É de assinalar que esta semana dois outros apostadores dividiram entre si um outro prémio de 200 000 libras (cerca de 6000 contos para cada um) o que também não é nada mau...

Continua na pág 17

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 2 DE 14 DE SETEMBRO DE 1975

. Badaladas, 22x 1x1 x11 2x11; Boa Nova, 221 x11 111 x221; Cardeal Saraiva, 211 111 111 11xx; A Comarca de Arganil, 221 x11 1x1 1xx1; Cavalgada do Ritmo, 2x1 211 111 1121; O Distrito de Setúbal, 221 x1x 111 1111; Estação Rádio da Madeira, 22x x1x 111 1x21; Música e Desporto, 221 xx1 1x1 1xxx; O Concelho de Estarreja, 221 x11 1x1 1x1x; Correio dos Açores, 221 2x1 111 22x1; Correio dos Açores, 221 111 111 12x1; Ecos do Desporto, 221 x11 1x1 xx11; Correio do Vouga, 221 111 111 1111; A Defesa, 22x 111 1x1 12x1; Diário de Coimbra, 2x1 x11 111 x111; Ecos de Cacia, 221 x11 111 11x1; Estrela da Manhã, 221 111 111 1x11; Eu Sei Tudo, 1x1 111 112 1x21; Folha do Domingo, 2x1 x11 111 11xx; Gazeta das Caldas, 221 x11 111 12x1; Jornal Desportivo, 2x1 x11 111 1x21; Jornal da Beira, 221 x11 111 1xx1; O Jornal de Felgueiras, 221 111 1x1 1211; O Jornal da Lixa, 221 x11 1x1 1xx1; Jornal de Sintra, 2x1 1x1 11x 1xx1; Jornal de Lafões, 22x 111 1x1 112x; Notícias de Viseu, 22x 111 1x1 112x; O Mensageiro, 22x 111 1x1 1x2x; Linhas de Elvas, 221 xx1 1x1 1xxx; Litoral, 221 x11 111 1121.

. Diário de Lisboa, 211 xx1 1xx xx21; Manchete Desportiva, 221 111 111 1111; Mundo Desportivo, 221 x11 111 1x1x , O Norte Desportivo, 22xx11 1x1 1xx1; Notícias do Douro, 221 1x1 111 11x1; Notícias de Évora, 221 x11 111 x2x1; Notícias de Felgueiras, 22x x11 1x1 1xx1; Notícias de Guimarães, 221 211 1x1 1221; Peça que não Maça, 221 x11 111 11x1; Penalti, 221 211 111 1111;Presença Coimbrã, 221 211 111 x2x1; Rádio Altitude, 221 xx1 1x1 1xx1; Reconquista, 221 x11 111 1x21; Renovação, 22x 211 111 11x1; Encontro Musical, 221 x11 111 1xx1; A Voz das Beiras, 2x1 x11 11x 121x; A Voz de Domingo, 2x1 111 111 11x; Voz de Lamego 221 111 111 1x21; A Voz de Palmela, 22x x1x 111 x221; TAlismã Desportivo, x21 11x 1x1 11x2; Tudo Pode Acontecer-1, 221 xx1 1x1 1x2x; Tudo Pode Aconecer-2, 22x 111 111 1xx1; Tudo Pode Acontecer-3, 221 1x1 1x1 112x; Tudo Pode Acontecer-4, 22x xx1 111 xx11; Tempo de Totobola, 221 211 11x 11xx; Alvo Desportivo, 1x2 x11 x11 2xx1; Auto Rádio, 22x x11 1x1 xx21; O Comércio de Leixões, 221 x11 111 1xx1; O Comércio do Porto, x21 x11 x11 11x1; Estúdio 64, 221 2x1 111 1xx1; Jornal de Notícias, 221 211 111 11xx; Placard Desportivo, 2x2 x11 111 1111; O Primeiro de Janeiro, 22x x11 111 1111; Rádio Alvo, x1x 11x 11x 2x11; Panorama, 2xx 211 11x xx11; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 221 111 111 1111; Jornal de Gaia, 221 x11 1x1 11xx; Sporting, 2xx x11 111 12x1; A Voz do Casa Pia, 221 x11 1x1 1x11.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. UNIÃO TOMAR-BENFICA	3	3	64	1	1	10	
2. ACADÉMICO-PORTO	4	12	54	1	2	9	
3. BELENENSES-SETÚBAL	51	17	2	8	3	1	
4. FARENSE-GUIMARÃES	22	38	10	4	6	2	
5. BRAGA-ESTORIL	58	12	0	10	2	1	
6. CUF-ATLÉTICO	65	5	0	11	1	1	
7. BOAVISTA-LEIXÕES	67	3	0	11	1	1	
8. FAFE-SANJOANENSE	48	22	0	8	4	1	
9. VARZIM-GIL VICENTE	63	6	1	10	1	1	
10. VILANOVENSE-CHAVES	56	10	4	9	2	1	
11. SINTRENSE-MARITIMO	26	32	12	4	6	2	
12. UNIÃO LEIRIA-BARREIRENSE	21	32	17	3	6	3	
13. ORIENTAL-OLHANENSE	54	16	1	8	3	1	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será :

221 X11 111 1XX1

Desporto

Continuação da pág. 16

Ângelo Pintado recusou o lugar de inspector de andebol, em que ficaria directamente dependente da DGD.

A turma de futebol do Domingos Sávio tem, neste momento, 13 praticantes castigados pela Associação de Lisboa.

. Didi, treinador do Fenerbache, esteve ontem, na Luz, a «espiar» o Benfica próximo contendor do clube em que trabalha na 1.ª eliminatória da Taça dos Campeões. O curioso é que (gordinho como está) pouca gente o reconheceu...

COMENTÁRIO

. Duas figuras bem conhecidas do público benfiquista estiveram ontem à noite, na Luz. Inesperadamente. Surpreendentemente. Foram o antigo «capitão» António Simões e a antiga «vedeta» do futebol «encarnado» e português: Eusébio.

Não estiveram juntos: enquanto Eusébio preferiu ver o encontro bem junto à linha lateral, perto do «banco dos responsáveis», Simões escolheu a tribuna dos dirigentes onde estavam Borges Coutinho, Fernando Neves, Martins Canaverde. Disse-nos Simões:

. «Foi com estranha emoção que voltei ao estádio da Luz, agora na qualidade de mero espectador. E nessas condições, posso dizer que não é impunemente que alguém, que durante 16 anos deu o melhor de si próprio a esta equipa, se senta numa tribuna para ver um jogo em que participam os seus colegas de tantos anos. Senti uma coisa estranha, quando o jogo principiou: senti-me lá dentro, na febre da luta, na glória do lance ganho, na tristeza do golo falhado.

Regressei ontem a Portugal: e a primeira coisa que fiz foi vir exactamente ao jogo, ver este novo Benfica: um Benfica que se mostrou ainda muito ao princípio da época e frente a um Boavista que jogou muito bem, com a cabeça muito fria.

Foi um belo espectáculo. Valeu a pena fazer a viagem...

Agora vou ficar por cá uns tempos. Estou desvinculado de qualquer contrato, mas vou regressar aos Estados Unidos, logo que resolva alguns problemas particulares que tenho pendentes em Lisboa.

Não tenho clube ainda para a nova época: mas, há várias propostas em estudo.»

. Eusébio? Ele é muito calado, muito reservado. Talvez vá para o México, talvez fique nos Estados Unidos. Ele é que sabe e resolverá de acordo com a melhor proposta...

OPINIÃO

. O brasileiro Salvador (ao serviço do futebol do Boavista) é categórico:

. — *O jogo de ontem, na Luz, serviu-nos de belo treino com vista ao encontro com o Spartak...*

PERGUNTAS

. Segundo lugar para José Carvalho, numa corrida de 400 m. efectuada num «meeting» em Varna (Bulgária). Tempo registado: 50,6s. O parceiro de viagem (António Cachola) foi 7.º colocado nas provas de 100 e 200 metros, com os tempos (respectivamente) de 11,2 e 22,5s, francamente muito fracos. Fica no ar a pergunta: fomos até lá (gastando uns dinheiros do erário público) a que propósito?

Em que é que o Inatel aplica o dinheiro recebido do totobola? Que verdadeiro desporto é feito pelos trabalhadores o veteranos que usufruem os montantes financeiros colocados à disposição do Inatel? Que apetrechamento desportivo lhes é conferido? Que frutos saíram, para o País, dos (muito mais de) vinte e tal mil contos que para lá são escorridos da bolsa dos apostadores totobolísticos?

A MELHOR DO DIA

. Esta é de morte e podia (até) ser a melhor do ano: na lista de corpos gerentes eleitos para a Associação de Patinagem do Sul figura um morto. Exactamente o defunto sr. João Cruz, que tinha sido proposto para o lugar pela Associação Desportiva de Oeiras mas que, em face de ter falecido, talvez passe a dar despacho ao expediente num cemitério da zona, a horas que permitam a entrada de piedosos em romagem.

AGENDA

. Se mora em Sintra (ou tem as suas simpatias presas ao Hockey Club de Sintra) aqui fica a notícia: um dos clubes de maior prestígio na localidade (que foi paradoiro de Moreira Baptista e Melos) tem, esta noite, a sua assembleia geral, para eleição de novo elenco directivo.

Na noite de amanhã, realiza-se uma assembleia geral do Académico de Coimbra, que inclui na ordem de trabalhos a «justificação do aumento do preço das quotas».

TELEFONEMA

. A respeito do embate na Luz (Benfica-Boavista) diz-nos Peres Bandeira, treinador do Belenenses:

. **Os pontos estão bem repartidos. Pedroto soube encontrar o antídoto para combater os valores da casa. Alves foi fantástico.**

António Medeiros, técnico do Estoril Praia, é mais incisivo:

. **Creio que o Benfica foi deficientemente orientado do banco. Um dia explicarei melhor porque digo isto: na devida altura, contarei coisas sobre estes e outros assuntos...**

LÁ FORA

. Os tenistas chilenos não irão à Suécia disputar um jogo da «Taça Davis», com a selecção sueca. Os tenistas Jaime Filliol, Patrício Cornejo e Belus Prajoux (da selecção chilena), que tinha recebido ameaças de morte de um movimento da extrema-esquerda sueca, tomaram, a decisão de não se deslocarem a Bastaad (localidade do sul da Suécia) onde, a 19, 20 e 21 do corrente se disputaria aquela eliminatória.

. Xadrez em Manresa (Espanha): o português Joaquim Durão cedeu ante o melhor jogo do barcelonês Marco, com a mesma facilidade com que o francês Debarnot se desenvencilhou de Cordovil.

COMENTÁRIO POR NEVES DE SOUSA

Benfica,0-Boavista,0

Messias e Vítor Baptista ao ataque: Taí e Botelho chegam (e sobram) para a defesa

O ABC DO XADREZ

Xeque ao mestre: Mário Wilson, na primeira apresentação pública ante os seus novos patrões, saiu muito combalido pelo empate (em branco) conseguido pelo «team» que é superiormente treinado por José Maria Pedroto. O ABC do xadrez jogado na Luz assentou, fundamentalmente, em três personagens: Alves, Botelho e César Correia. O médio das luvas negras foi, apenas e simplesmente, o autor de uma das mais belas exibições que até hoje presenciámos a jogadores portugueses, Botelho defendeu tudo o que os benfiquistas conseguiram carrilar até à sua área e o juiz algarvio (nitidamente em má forma) não reparou num (mais que flagrante) «penaltie» cometido por Messias sobre Salvador. E, aqui está: um homem a atacar, outro a defender e um terceiro de olhos fechados, escreveram uma história que rendeu 1200 contos ao Benfica mas, em contrapartida, lhe sacou um ponto que julgava fácil de conquistar perante «turma da província».

Boavista: um «team» a sério

Porém, que é isso de turma provinciana? O Boavista não o é, com toda a certeza, pois está perfeitamente capaz de conseguir coisas lindas neste campeonato. Na linha (aliás) do que costuma prometer o patrão-timoneiro, desde que saiu pela porta grande, no Porto como em Setúbal. Ontem, perante uns quarenta e tal mil (ah, esta tremenda alienação que é o futebol...) Pedroto desensarilhou as armas e bloqueou, completamente, um Benfica positivamente às malvas, sobretudo após o momento em que (por lesão) o louro e excelente defesa Artur abdicou da sua parcela no espectáculo.

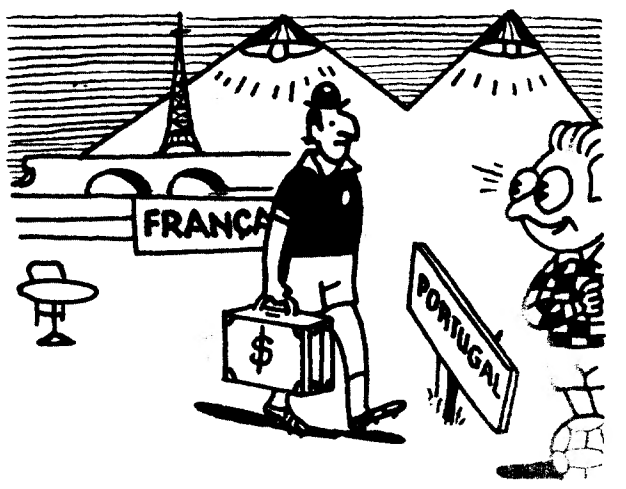
O Boavista (números nas camisolas verdadeiramente «impraticáveis» mesmo para visão de génio) desceu em Lisboa com uma ideia fixa: reduzir o espaço do relvado a 50 metros, polvilhar com tentáculos todo o meio do terreno e, a partir daí, tentar a «chance» de um remate fatal para os prémios a auferir pelos contrários. Teve um belo aliado: Nené que, com o medo de entrar nas 18 jardas, foge tanto para a lateral que ainda acaba a carreira em fiscal-de-linha. Mas, em contrapartida, os axadrezados viram escamoteada uma autêntica grande penalidade, na mais que evidente falta (empurrão, abanão, derrube) de Messias sobre o cabeludo brasileiro das hostes contrárias. Uma falta entre dois estrangeiros que um algarvio, ainda português, desconheceu com soberana apatia pela verdade do jogo.

O Benfica viveu, enquanto contou com Artur, de progressões conduzidas pelo flanco direito, onde (lá à frente) estava Moinhos, já que Nené alinhava no outro extremo. Mário João (rapaz de barba rija) parecia um Freitas ou um João Carlos: aliviava tudo, cortava tudo, não dava um palmo de terreno para os outros membros da festa verem a sombra. E aquele portentoso Alves, que o Benfica (sabiamente...) dispensou, era um pequeno portento: de batuta nas asas, parecia uma andorinha a poisar sempre onde a bola ía ser cruzada. O Benfica, mesmo com um guarda-redes atento (Bento) e uma defensiva onde Messias é mal visto pelos que pagam o seu trabalho, tinha pela frente um quebra-cabeças de todo o tamanho. Isto, porque, incipiente ainda, Eurico não colocava Humberto no olvido e, também, porque Barros acertava mal o tempo de entrega e, na faixa esquerda, parecia com um erro fundamental de colocação. Por seu turno, a tripla média (Toni, Vitor Martins, Vitor Baptista) era um simulacro: o ex-futuro francês envolvia-se em quesílias que so o árbitro não notava, Martins andava por ali ao sabor das ondas e Baptista saltava e corria mas não produzia. Na dianteira, evidentemente que existiam apenas dois chutadores: o desafortunado mas batalhador Moinhos mais o antigo-próximo Bétis, que não tinha talento para ultrapassar a barreira. O outro, como se disse, andava a cumprimentar os sócios, a ver se notava nas bancadas algum antigo associado em negócios.

O Boavista (esse, sim) tinha estrutura de alto a baixo. Depois do impressionante Alves e do coriáceo Mário João, via-se um Botelho sem qualquer falha e uma trindade defensiva (Carolino, Taí e um próprio Trindade) que não ficavam pecos em nenhum momento. Como o turbulento e faltoso Celso ia aviando a clientela que passava no bico dos pés e o relampejante Francisco Mário servia optimamente o dueto da frente (Mané-Salvador) não se notava que Acácio era o mais fraco integrante na excursão que trazia ainda na bagagem um jovem espectacular (Jorge) que, substituindo Mané (início da 2.ª parte), provaria que tem futebol nas veias e sede de ganhar dinheiro à custa da sua arte.

Nem o apelo encarnado lançado a Malta da Silva valeu de muito: o Benfica (estoirado, talvez por andanças em Franças e Araganças) soltava os bofes pela boca. Enfim: o Benfica a fazer passes de centímetros, o Boavista a galgar metros como se fosse pudim para a boca. De um lado, a fama a rebentar pelas costuras. Do outro, no grupo dos operários, o êxito da camaradagem, o triunfo da vontade sobre a soberania. É bonito, pelo menos uma vez, notar que é do povo anónimo que vem a vontade maior.

O TRAÇO DE PARGANA



Regresso que não rendeu muito

Geral

A TRAGICOMÉDIA DO SAHARA

Continuação da pág. 3

voritas, vários dirigentes do partido governamental faziam a cisão e anunciavam a formação de um novo partido, o Berjaya. Este partido afirmava a sua obediência ao Governo Federal, acusava Mustapha de ser um ditador e de querer fazer a secessão, pedia a sua demissão e também novas eleições. Mustapha regressou com a maior urgência, enquanto os jornais locais, transformados em porta-voz dos adversários que se enfrentavam, começavam a contar as mais sórdidas histórias. Os principais protagonistas eram homens de negócios muito ricos, e muito havia a dizer sobre as operações de uns e de outros.

Beneficiando da evidente ajuda de Kuala-Lampur, o Berjaya foi admitido no seio da Frente Nacional — coligação no poder, — enquanto se descobria muito oportunamente que a USNO já não fazia parte dela. Começou imediatamente uma vigorosa campanha de propaganda no Sabah, o que não teria sido possível havia alguns meses, antes da substituição do chefe da polícia local e da retirada de poderes especiais que davam a Mustapha, entre outros direitos, o de mandar prender os seus adversários. Em todo o caso Berjaya não conseguiu reunir mais de cinco dos trinta e oito membros da Assembleia local. Estes, unidos por sólidos laços materiais a Mustapha, tinham do passar férias ao estrangeiro, a expensas do Governo, isto para que não mudassem de opinião.

As relações de Mustapha com o governo Central tinham vindo a ser mais tensas desde 1969. Tendo grandes poderes, em especial no domínio da emigração — os malaios precisam de um passaporte para irem ao Sabah — fez tudo para reforçar a sua autonomia. O ano passado recusou ao primeiro-ministro Abdul Razak o cargo de ministro da Defesa, que ele próprio solicitara. Exigia ser o «número dois» do governo e ser o candidato à sucessão de Abdul Razak. Mais recentemente, em Abril, reuniu os seus amigos políticos da USNO em Kota-Kinabalu, a fim de discutir uma independência eventual.

Como por outro lado reforçava os elos com a velha guarda do partido do primeiro-ministro — em particular com o antigo primeiro-ministro, príncipe Abdul Rahman, o ministro do Interior Ghazali Shafie, e outros —, e que, pela primeira vez, devido às suas extravagâncias e à mà venda das madeiras tropicais, oscofres do Sabah estavam vazios, em Julho o Governo Central resolveu avançar. Mas não podia agir directamente, para não pôr em perigo o frágil equilíbrio da Federação e não acordar os velhos demónios raciais e religiosos.

O vice-ministro junto do primeiro-ministro, Abdullah Ahmad foi, disseram-nos, encarregado da operação «com a bênção de Abdul Razak», para utilizar os termos usados por uma alta personalidade, e sem que o ministro do Interior fosse posto ao corrente. Como nos espantassemos com a lentidão do caso e a aparente indecisão do chefe do governo que, se o quisesse, teria podido meter Mustapha na cadeia por sedição, ou proclamar estado de emergência, um alto funcionário respondeu-nos:

. «O primeiro-ministro nunca ataca de frente, prefere conciliar, mas verá que daqui por dois meses tudo estará terminado e Mustapha terá pedido a demissão. Senão, temos outros meios.»

. Com efeito desde que em 1971 substituiu o príncipe Abdul Rahman, Abdul Razak, homem de 53 anos, com ar fatigado e doentio, numca pareceu dominar a situação. De facto, tal como disse um dos seus colaboradores, «é certo que ele contemporiza e manobra, mas cada crise o torna mais forte.» Depois dos debates do recente congresso da USNO, onde fez eleger os seus candidatos contra numerosos opositores,e depois do caso do Sabah, Abdul Razak parece nunca ter sido tão poderoso. Não se irá decerto embora antes de uma dezena de anos «a menos que Deus decida de outro modo», diz-nos Abdullah Ahmad. Tanto mais que a nova geração de políticos malaios sabe que ainda são precisos vários anos para se afirmar, e que o desaparecimento prematuro do primeiro-ministro lhe seria desfavorável. Entre eles encontra-se o ministro das Indústrias Musa Hitam, o muito controverso director da companhia petrolífera nacional Petronas, príncipe Razaleigh, o dr. Maha-Hrir, ministro da Educação, considerado extremista pelos não malaios, e Abdullah Ahmad.

Pode pensar-se que a solução da crise do Sabah permitirá a longo termo reforçar a Federação e reduzir a autonomia de que dispõem os dois ESTADOS DA Malásia Oriental, Sabah e Sarawak.Mas ela não resolve o espinhoso e fundamental problema das relações inter-raciais.

Cada vez menos representado na vida política e no governo, onde perderam o controlo da economia e das finanças (que detinham desde a independência), os chineses que formam, com a comunidade indiana, metade da população, não se sentem satisfeitos. O desenvolvimento económico faz-se quase exclusivamente a favor dos Malaios. Chineses e indicanostambémestãodesprovidos — tanto na maioria como na oposição — de dirigentes de valor, capazes de rivalizar com a nova vaga malaia.

Obrigado a navegar entre as exigências das principais comunidades, confrontado com uma insurreição comunista que não consegue reduzir, e que parece estender-se à capital, perseguido pela recordação dos sangrentos motins raciais de Maio de 1969, Abdul Razak pode contar com a prosperidade económica do país. Mas não está, decerto, no limite das suas dificuldades, e, antes de mais, tem de fazer face ao descontentamento dos camponeses, os menos favorecidos pelo desenvolvimento, o que bem mostrou o motim de fins de 1974.

C. «Le Monde»

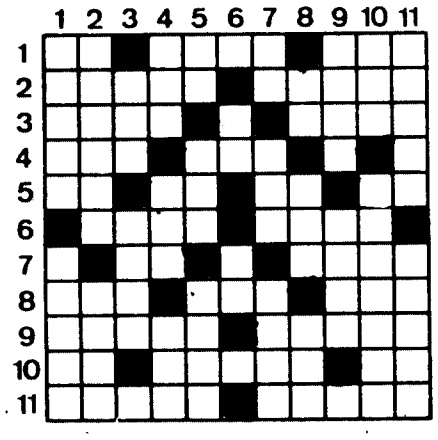
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 182

HORIZONTAIS:

1 Basta. Caminha. Extremidade do braço.
2 Soluçai. Costumara.
3 Vassourar o forno depois de aquecido. Passados. Graúdos.
4 Sapo do Amazonas. Trama.
5 Zomba. Pronome pessoal. Sódio (s.q). Manuscrito.
6 Homem de baixa estatura. Rio de Espanha.
7 Nesse lugar. Parte de uma luva correspondente a cada dedo.
8 Medicina. Catedrais. Rio da Europa central que atravessa a Áustria e desagua no Dravo, na Hungria.
9 Louco. Avarenta.
10 Batráquio. Prendia com elos. Prata (s.q).
11 Estimara. Desenrugo.



VERTICAIS:

1 Sacar. Fruto silvestre.
2 Desejaria. Estavam.
3 Interjeição usada para obrigar os distraídos a descobrir-se depois de levantado o pano, numa representação teatral. Flutuą.
4 Rio da Suiça. Rio da Escócia. Possuir
5 Niquel (s.q). Vendo a crédito. Carimba.
6 Suspiro. Germânio (s.q).
7 Campeão. Nome de mulher. Ordem sériva fundada or Milano Obrenovitch, para incitamento das ciências, letras e artes.
8 Alternativa. Doutora (inv). Forma apocopada e proclíticada de vale.
9 Terror. Gomo.
10 Anel. Reflectidas.
11 Um gosto no meio de muitos dissabores. Oráculo.

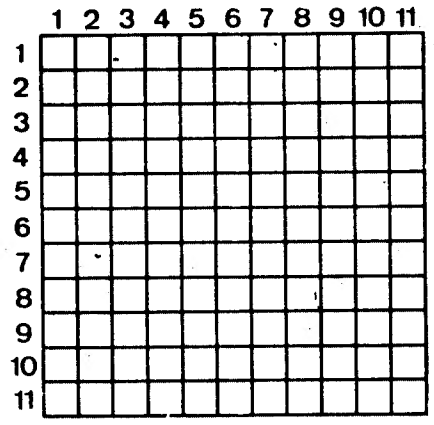
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7341

HORIZONTAIS:

1 Letra árabe. Terçado. Crómio (s.q).
2 Ilha do Estado da Baía. Mediana. Imperatriz bizantina filha de Constantino VIII.
3 Colarinho. Cidade da Colômbia, à margem de Cauca, na cordilheira Ocidental.
4 Ataca. Seguiam.
5 Costumara. Receava.
6 Feche as asas para descer mais depressa.
7 Viração. Aqui.
8 Vês. Gosta muito de. Nome de astro.
9 Estimais. Malhado igualmente de branco e preto (diz-se do cavalo).
10 Instrumento de sopro. Nome de algumas palmeiras de sítios humidos que fornecem fibras.
11 Cidade de França. Língua vernácula indiana.



VERTICAIS:

1 Povo antigo da Ásia. Inunda.
2 Velho. Mover os remos.
3 Ilha do mar Báltico. Ir para fora.
4 Rio da Suiça. Sufixo que designa pequenez.
5 Antes do meio dia. Pêlos de certos animais. Pegas.
6 Palavra inglesa que significa «Melhor» e que serve para designar uma carta de jogar que tem a figura de um jogral. Tempo do verbo ir.
7 Tadio (s.q). Preposição. Ilha do Pequeno Belt.
8 Oceano.
9 Cavaleiro da milícia turca. Cidade e orto de Marrocos.
10 Uni. Gastava.
11 Bruma. O mesmo que aleia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 181

HORIZONTAIS:

1 Saim. Afinar.
2 Pão. Saram.
3 MORRA. Ratos.
4 Alara. Trará.
5 Só. Arrá.
6 Ossa.
7 Raer. Impa.
8 Em. Orou. Ba.
9 MARTA. Ralar.
10 Areai. Reata.
11 Asso. Árias.

VERTICAIS:

1 MAS. Rema.
2 Apolo. Amara.
3 Iara. Fé. Res.
4 MORRA. Rotas.
5 Aar. Raio.
6 As. Raio.
7 FARTA. Murra.
8 Irar. Op. Aer.
9 Nata. Sa. Lai.
10 Amoras. Bata.
11 Sã. Araras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7340

HORIZONTAIS:

1 Feira. Fiães.
2 Anão. Raso.
3 Rampa. Polpa.
4 It. Impós. Ri.
5 Maçã. Ores.
6 Ro. Em.
7 Pa. V. A. Ar. És.
8 Sal. Gás.
9 Isara. Aramá.
10 Aula. Abar.
11 Olaia. Usada.

VERTICAIS:

1 Farim. Paião.
2 Enatara. Sul.
3 Iam. Co. Sala.
4 Rópia. Varai.
5 Am. Rala.
6 Pê.
7 Po. Gaga.
8 Iroso. Raras.
9 Aal. Re. Sabá.
10 Espreme. Mad.
11 Soais. Suara.

PROVÉRBIO: Morra Marta, mas morra farta.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

tada vigilância nas situaçoes em que pretendam manipulá-los. Foi dito textualmente: *Estão já referenciados a liderarem determinadas acções de retornados, conhecidos agitadores que em Angola actuaram ao longo de todo o processo de descolonização, a soldo de interesses que, de modo algum, são os dos povos de Angola e de Portugal.*

Este pequeno trecho deixa-nos algumas esperanças. Há organizações que estão despertas. A quem não fazem o ninho atrás da orelha. Podemos, ao que parece, ficar um tanto descansados. Várias coisas são do conhecimento das autoridades. Assim: 1 — Agitadores já foram referenciados. 2 — Os agitadores são conhecidos. 3 — Já actuavam em Angola. 4 — Não defendiam os interesses dos povos angolano e português.

Com estes conhecimentos todos, por exemplo, espanta que os agitadores actuassem em Angola, sendo para mais conhecidos (qualquer coisa assim com o que se está a passar na Madeira e nos Açores, será?); espanta que continuem a actuar no nosso país; espanta que já estejam referenciados — e que a pesar disso continuem a liderar a agitação dos retornados...

De quem é a culpa? Mas vê-se à vista desarmada, a culpa é dos órgãos de comunicação social. De quem havia de ser?

BARS BOITES

RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
COIMBRA	17º
PORTALEGRE	17º
LISBOA	19º
FARO	25º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 29,5º

FIGUEIRA DE CAST. RODRIGO
Mínima 7,6º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	15,2º
Atmosfera	16,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.54	3,7 m	1.07	1,2 m
20.26	3,5 m	13.36	1,3 m
Dia 12			
8.54	3,4 m	2.04	1,5 m
21.37	3,2 m	14.15	1,6 m
Dia 13			
10.10	3,3 m	3.19	1,8 m
23.02	3,1 m	16.17	1,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Noroeste; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal.

AMANHÃ

NASCER ÀS 7.15
OCASO ÀS 19.51

DIA 12 — DIA 20 — DIA 28 — DIA 5

rádio

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Música popular
19.25 Melodias
20.00 Jornal da noite
21.00 Música variada
21.40 Fados
22.00 Música variada
00.00 Ultimo jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saida e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
03.05 Miniteatro

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?
17.45 Solos de órgão
18.10 Orquestras de câmara
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.30 Música de câmara
00.00 Entra o 2.º Programa — a grande música negre, por José Duarte
01.00 Fecho

Programa em FM 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de câmara de Beethoven
21.23 Música de bailado
22.00 Concerto de câmara
22.30 Um conjunto instrumental
23.00 Música coral sinfónica
00.00 Junção com o Programa Estereofónico

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
20.50 Diálogo
21.03 Programa do M.F.A.
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Mensagens bíblicas
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Teatro
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Programa em FM
22.02 Clube à gó-gó
00.05 Em órbita-2

01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **10.00** e das **22.00** às **02.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Graça

Das **14.30** às **19.30**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704).

ALVALADE
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (tel. 712070); **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (tel. 726848).

AVENIDAS NOVAS
Dalva, Avenida Duque de Ávila, 125 (tel. 45225).

BAIXA
Cortez, Rua S. Nicolau, 93 (tel. 325378).

BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454).

BENFICA
Progresso, Estrada da A-da-Maia, 64-C (tel. 702226).

CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (tel. 840125).

LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-A/B (tel. 660720)

OLIVAIS
Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7-C (Olivais Norte) (tel. 315539).

PICHELEIRA
Marluz, C.da Picheleira, 140-B/C (T.720703/728395)

REGO
Prates e Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel. 773728)

TURNO B-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quarteis, 25-27 (tel. 637777).

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro 36 (tel. 866126).

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (tel. 681515).

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (ao Bairro Social) (tel. 770324).

AREEIRO
GASPARINHO; Rua dr. Gama Barros 54-A (tel. 710465)

ARROIOS
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-33 (tel. 46843).

BAIXA
Brites Moita, Rua da Alegria, 33 (tel. 321149).

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429-431 (tel. 780027).

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul 23-B (tel. 671667).

CONDE REDONDO
Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (tel. 42239).

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (tel. 790704).

POÇO DO BISPO
Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B (tel. 382180)

S. BENTO
Valentim, Rua Poço dos Negros, 88-90 (tel. 679453).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. dos C.G.Guerra, 166 (T.213953)

PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 horas

OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite

CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Toda a noite

S.JOÃO DO ESTORIL
S.João, Quinta da Carreira, 29-A (T.261186)

MONTE ESTORIL
Lopes, R.Hangar, 3 (T.260008). Toda a noite

CASCAIS
Nova, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Até às 22 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T.280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S. Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)

DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)

MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 39 (T.2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (T.2073023)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R.Padre Manuel Bernardes, 1 (T.2764466)

MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)

MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)

SETÚBAL
Costa, L.da Misericórdia (T.22760); **Brasil**, P.do Brasil (T.24788)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 16

ATÉ ÀS 22 HORAS

Vilarinha, Rua da Vilarinha, 161; **Bonfim**, Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua de Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos**, Praça de Carlos Alberto, 31; **Liga das Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286; **Castro Carneiro**, Rua do Padre Cruz, 146; **Henriques**, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Ld.ª** Largo de S. Domingos, 44; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Castro Carneiro, Rua do Padre Cruz, 146; **Henriques**, Praça da Batalha, 64-A e **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645

COIMBRA

Cruz Viegas, R.do Brasil, 154 (T.22961); **Donato**, R.Ferreira Borges, 2 (T.22603); **Rainha Santa**, R.Figueira da Foz, 11 (T.24737)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»

A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«A Noite dos Assassinos»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Maneta de Ferro»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Equilíbrio Instável»

PROMOTORA
21.00 (13 anos)
«Tensão em Nova York»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Os Malditos»

IDEAL
21.15 (18 anos)
«A Marca do Passado»

LINHA DE CASCAIS

Oxford
21.15 (13 anos)
«Gigantes do Mar»

PAREDE Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Outono Escaldante»

ESTORIL Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Pão e Chocolate»

CASCAIS S.José
21.15 (18 anos)
«A Freira de Monza»

LINHA DE SINTRA

SINTRA Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«A Vida Alegre de Colinot»

OUTRA BANDA

ALMADA Incrível
21.15 (18 anos)
«A Mulher das 1000 Caras»

LARANJEIRO Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
«Tequilla»

COVA DA PIEDADE Sociedade
21.30 (18 anos)
«O 4.º Casamento»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corvo»

PORTO/Cinemas

BATALHA
2.15 (18 anos)
«Amar não Mata»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Primos Carnais»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Tamanho Natural»

RIVOLI
21.15 (10 anos)
«A Mania das Grandezas»

S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«As Sobrinhas»

VALE FORMOSO
21.15 (6 anos)
«O Hotel da Barafunda»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Spártacos»

TRINDADE
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Os Galãs Atacam»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«A carga da Brigada Ligeira»

TERÇO
21.30 (18 anos)
«Empresta-Me o Teu Motorista»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«A Brigada Louca»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Natalie Grançer»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Arena»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS

IMPÉRIO

REVÓLVER

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19. 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

o filme de Norman Jewison

JESUS CRISTO SUPERSTAR

37.ª Semana

O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BALBURDIA NO OESTE

ÁS 24 — Grupo D. M. 18 anos

O HOMEM COM A MORTE NOS OLHOS

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

4.ª semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos

CARROCEL WALT DISNEY

3.ª Semana

Uma dança maravilhosa de desenhos animados

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

FILME DE AMOR E ANARQUIA

De Lina Wermuller

CARLOS MANUEL

T. 2930394 21.15

Interdito a menores de 18 anos

A VIDA ALEGRE DE COLINOT

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

RESTELO

T. 610375 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

JESUS CRISTO SUPERSTAR

EDEN

T. 32076 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Int. a menores 18 anos

4.ª Semana!

PECADOS EM FAMÍLIA

Colorido

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Um drama de impacto explosivo!

VEREDICTO

2.ª Semana

Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL

T. 264621 17 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

PÃO E CHOCOLATE

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

INICIAÇÃO

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

O TIGRE DO KARATÉ

A melhor farsa do ano

ROMA

T. 727778 15.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A MATRIARCA

Todos os dias às 18.30

NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15 e 24

Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

2.ª semana de sucesso

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

2.ª semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Não acons. a men. 18 anos

ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

2.ª semana de sucesso

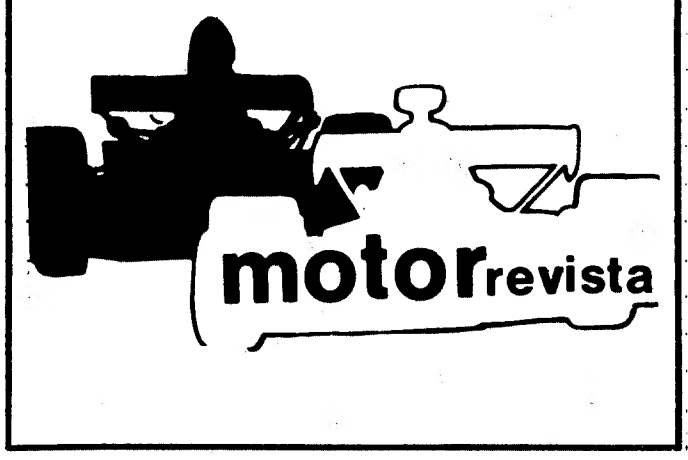
D. JOÃO V

DAMAIA

T. 971794 21.00

Grupo D. Maiores de 18 anos

UM HOMEM DE SORTE



CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos - colorido

Clássicos de comedia

PINTORES E RAPARIGAS

com Jerry Lewis e Dean Martin

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

BURCH CASSIDY E O KID

DOIS HOMENS E UM DESTINO
c/ Paul Newman, Robert Redford

3.ª semana

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interd. a menor. 18 anos.
4.º mês de êxito sensacional
15.ª semana de enchentes

DECAMERON PROIBIDO

com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas

ERAM 4 INSACIÁVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JOHN AND MARY

c/Dustin Hoffman

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O último filme de Pasolini em 2.ª semana

AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

2 SAMURAIS PARA 100 GUEIXAS

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

7.ª semana

CINEARTE

T. 660446 Ás 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

O PROSTITUTO

Colorido!

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a men. de 18 anos

CONTOS IMORAIS

Este filme contém cenas event. chocantes 7.ª semana

EUROPA

T. 661016 15.15 e 21.15

Grupo A M. 6 anos

MÚSICA NO CORAÇÃO

Colorido!

IMPÉRIO

T. 555134 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

REVÓLVER

18.30 Para menores de 6 anos
A TIA CAROLINA

MONUMENTAL

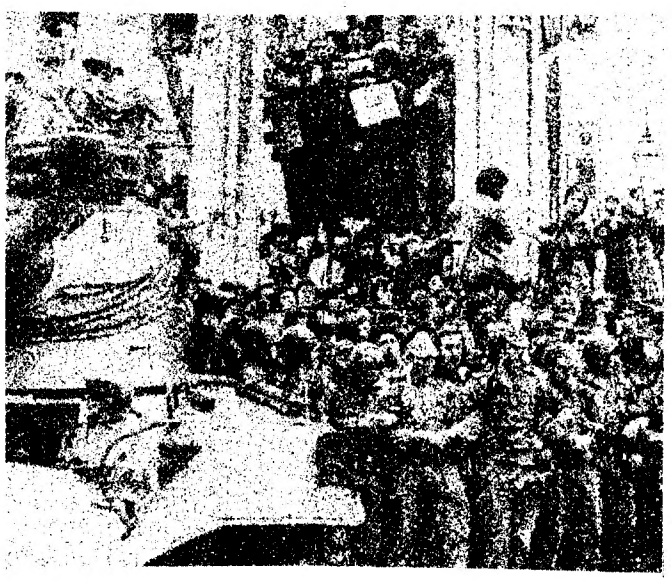
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Grupo B. 10 anos em 70 mm.
LOUCA DA MULTIDÃO

A projecção do filme inicia-se após a abertura da sessão

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TEELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL



GRÂNDOLA, VILA MORENA

. Há um ritmo que, subitamente, se rompeu. O nosso ouvido, que se tinha habituado a tantas canções, a tantas palavras de ordem, a tanto ânimo, apercebe-se de um certo silêncio que nos faz retroceder até um tempo escuro de triste memória. Quebrou-se a alegria da construção. «Até quando?» — perguntamos nós todos.

Porque uma coisa é certa: «Grândola, vila morena», deixou de ser entoada, transmitida, assobiada em surdina. E uma grande tristeza, todo um coração feito em água, se agigantam dentro de nós e nos atiram pela cidade fora como náufragos autênticos, nas mãos um poema salvo das águas com um aviso à navegação de que nem tudo está perdido.

«A revolução está fechada para obras» — disse-me um amigo.

No fundo, no fundo, talvez seja isso mesmo. Cremos acreditar que sejam obras que estão a decorrer para o bem da comunidade. Mas, ó meus irmãos portugueses, que espécie de obras são essas? Boas? Más? Quem as determina? E como? Que silêncio é este que se vai entornando pelo País todo, moldando as pessoas uma a uma?

. «Obras são obras:..» — dirá certo leitor, um sorriso nos ombros encolhidos.

Só que, muitas vezes, o andaime dá de si, despenha-se, fica a construção em meio — e todo um povo (fardado e civil) queda-se à beira-mar plantado sem ter mergulhado no caminho do socialismo. De quem é a culpa? A História será implacável — e já há dedos que se erguem apontando os culpados... Urge, cidadãos, um passo em frente: cantemos todos, com a raiva do amor pátrio, «Grândola, vila morena!»

PEDRO ALVIM

CORRIDA
ANUAL DOS TOUREIROS
COM PICADORES
a favor do seu Fundo de Assistência

CAVALEIROS
MESTRE BAPTISTA
EMÍDIO PINTO
MALDONADO CORTES
CORREIA LOPES

ESPADAS
ARMANDO SOARES
RICARDO CHIBANGA
MÁRIO COELHO
FORCADOS AMADORES DA CHAMUSCA capitaneados por António Timoteo

PICADORES
ANGEL CALVO CANELAS
ANTÓNIO CANAVA

7 TOIROS 7
Oferecidos por:
Palhas, Cunhal Patrício
José Andrade, Eng. Grave
D. Luis Passanha e A. José Teixeira

CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 22 HORAS

PORTO

Militares e povo numa das maiores manifestações unitárias de sempre

. PORTO, 11 — Milhares de soldados, marinheiros e civis desfilaram ao fim da tarde de ontem, pelas principais ruas do Porto, numa manifestação unitária que, segundo muitos observadores foi das maiores efectuadas nesta cidade. A manifestação que só viria a terminar depois das 23 horas, quer pelo número de participantes, quer pelas palavras de ordem gritadas e por todo o ambiente que a rodeou, quer ainda pelas circunstâncias da sua convocação e pelo modo como decorreu, ganhou uma força que ultrapassou todas as espectactivas.

Por outro lado, o seu significado político atingiu uma dimensão particular, dado que foi promovida, preparada e dirigida por soldados, sargentos e oficiais progressistas. Esta circunstância, invulgar ao nível das lutas dos trabalhadores de qualquer país, parece ter sido entendida por outros milhares de pessoas que ao longo do extenso percurso, nas ruas, nas portas e nas janelas, repetiam as palavras de ordem dos manifestantes ou batiam palmas à sua passagem. Nessas alturas também os manifestantes se voltavam para as portas e janelas retribuindo as palmas: «Soldados, sempre, sempre ao lado do povo», e «reaccionários fora dos quartéis», eram em regra, os termos desta mútua saudação. Aliás, todo este ambiente de apoio aos manifestantes surgido ao longo do percurso, a começar pelo Hospital da Ordem da Trindade, foi uma das suas notas mais salientes, reforçando o seu carácter unitário e apartidário em torno de objectivos concretos e fundamentais ao avanço da revolução, ali simbolizados pela presença dos militares progressistas, dos trabalhadores fardados, ao lado de muitos outros milhares de trabalhadores.

Torna-se assim explicável o facto de, durante o trajecto percorrido pelas ruas do Porto, a manifestação ter registado a incorporação de grande número de pessoas. Sucedeu isso, por exemplo, na faixa ascendente da Avenida dos Aliados e nas ruas de Santa Catarina e de D. João IV.

Marcada para as 19 horas, a manifestação começou uma hora antes. Com efeito, pouco depois das 18 horas, surgiu na Praça da Liberdade um numeroso grupo de militares (talvez umas cinco a sete dezenas) que começou a subir a Avenida dos Aliados. De dentro do que parecia ser um rolo de jornais surgiu então um cartaz onde se lia: RIC (Coimbra) está presente. Na Praça Humberto Delgado já centenas de pessoas seguiam esses militares que voltaram a descer a avenida, registando-se sucessivas adesões e aumentando a força das vozes e das palavras de ordem. Até às 19 horas toda esta zona da baixa portuense foi um nascer de cartazes, muitos dos quais de comissões de moradores e trabalhadores e de grupos de militares que surgiam, em pequenos grupos ou isoladamente, de todas as artérias vizinhas.

ABAIXO O PRÉ DE MISÉRIA

Entre palmas e palavras de ordem gritadas de punho erguido, os militares começaram então a tomar lugar na faixa descendente da Avenida dos Aliados, enquadrados por outros manifestantes. Meia hora depois começaram a deslocar-se. Cartazes com os dísticos «Reaccionários fora dos quarrão», «Soldados sempre, sempre ao lado do povo» abriam a longa coluna de manifestantes, a qual para se fazer uma ideia da sua extensão, se aproximou da Praça Humberto Delgado, passando pelos Aliados e Praça da Liberdade, quando os últimos manifestantes ainda começavam a descer aquela Avenida. A manifestação seguiu pela Rua de Camões, Gonçalo Cristóvão, Santa Catarina, Firmeza e D. João IV para alcançar a Praça dos Poveiros já cerca das 22 horas. Descidas as ruas de Passos Manuel e Magalhães Lemos voltaram à Praça Humberto Delgado. As palavras de ordem estabelecidas e gritadas foram as seguintes: «Abaixo o pré de miséria; «Transportes gratuitos já»; «Trabalhadores, soldados, moradores, assembleias populares»; «Morte ao ELP e a quem o apoiar», «Reaccionários fora dos quartéis». «Portugal não será o Chile da Europa», «Soldados sempre, sempre ao lado do povo», «Operários, camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos».

Na Praça Humberto Delgado seguiu-se um comício em que os militares leram diversas moções e deram informações sbre as tentativas para impedir a manifestação por parte de alguns comandantes de unidades do Norte (nomeadamente Lamego) tendo sido gritada novamente a palavra de ordem «Reaccionários fora dos quartéis». Foi também informado que o general Fabião havia transmitido ordens aos quartéis para a não realização desta manifestação que considerava «contra-revolucionária». Pelas informações dadas, havia representações de militares da quase totalidade dos quartéis do Norte e vários do Centro e Sul do País, incluindo Lisboa. O nome do brigadeiro Corvacho foi várias vezes gritado por todos os manifestantes. Foi igualmente lida uma moção aprovada pelos trabalhadores da Informação de recusa das medidas censórias recém-decretadas pelo Conselho da Revolução.

Só uma vez as palavras de ordem estabelecidas sofreram alteração: em frente do Consulado de Espanha, na Rua D. João IV, os manifestantes gritaram «Franco fascista assassino».

Segundo várias opiniões que registamos a manifestação terá reunido entre mil a mil e quinhentos militares fardados e cerca de 60 mil manifestantes civis. Grande número de estrangeiros presentes no Porto, incluindo trabalhadores da Informação, tomaram parte nesta manifestação.

MANIFESTAÇÃO EM ALMADA

. «A Lei agora publicada pelo Conselho da Revolução representa um avanço das forças reaccionárias sobre as massas populares visando calar as vozes revolucionárias de milhões de explorados e oprimidos» — assim se lê num dos cinco pontos da moção do secretariado da manifestação unitária, antifascista e anti-imperialista ontem efectuada em Almada, convocada pelas comissões de trabalhadores e moradores de empresas e centros populacionais da margem Sul. Participação: LUAR, MES, OCMLP, UDP, PRP/BR e ORPCML. Objectivo: repudiar em medida repressiva e antipopular, pelo que aquelas organizações apelam para que a classe operária e todo o povo trabalhador se insurja contra ela.

Entre os vários considerados, a mesma moção(uma das muitas, civis e militares, lidas defronte do tribunal e no decorrer do comício em Almada) assinala que «as medidas tomadas contra os soldados da PM que se recusam a aceitar a intervenção portuguesa em Angola, e a proibição de divulgar qualquer posição tomada em unidades militares significam o aumento da escalada reaccionária e repressiva na Imprensa e uma Nova Censura».

Numa outra moção (uma das duas militares) em que são consideradas as últimas medidas tomadas e que «pretendem fazer calar a voz dos soldados e marinheiros, impedindo a divulgação das suas lutas e aspirações pelos órgãos da Informação», representando a «mais descarada e frontal violação da luta dos soldados e marinheiros», bem como medidas para reprimir a luta do povo trabalhador e prosseguir a guerra colonial», os soldados da BRT (Trafaria) solidarizam-se por «todos os meios contra qualquer repressão, venha ela de onde vier», salientando que não estão dispostos a «avalizar» a criminosa guerra colonial e impedir a libertação completa e total do povo angolano».

FAZER A REVOLUÇÃO EM PORTUGAL

Há, ainda, outra moção militar, dos soldados do Depósito Geral de Adidos (Ajuda), dirigida a todo o «povo explorado e oprimido», que, coincidindo num ou outro ponto com a anterior refere que a «nossa posição é a de fazer a Revolução em Portugal» e «lutar contra todas as formas de opressão, pelo que os militares do DGA alertam todas as comissões de trabalhadors, moradores, sindicatos e outros órgãos de base como proposta aprovada em plenário de unidade em que foi recusado o embarque de soldados, pelas razões atrás aduzidas, para aquele território».

O mesmo tema seria, depois, escalpelizado por um dos oradores do comício, que apontou o decreto como «o primeiro de uma longa série que se vai seguir e, como medida repressiva, procura calar e suster a luta dos soldados e marinheiros».

Moções para a posse da RR nas mãos dos trabalhadores (contra o que o PS sustenta e reivindica para participar no VI Governo), assim como o «República», nas mesmas circunstâncias, intervalaram outras duas, de apoio aos antifascistas chilenos, «dois anos após a queda de Allende e o retorno ao fascismo», e outra contra a condenação à morte de Garmendia e Otaegui, que na sua proposta defende a libertação imediata dos mesmos e, também, dos cinco elementos da FRAP (Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica)

A INFORMAÇÃO CONTRA A CENSURA

PLENÁRIO ESTA TARDE

. Os trabalhadores da ANI, reunidos em plenário, e os trabalhadores da Redacção de Lisboa do «Jornal de Notícias» decidiram, à semelhança do que haviam decidido os seus camaradas do «Diário Popular», «Capital», Rádio Clube Português, Rádio Renascença, «Alfabeta», «República», «Jornal do Comércio», «Século», e «Diário de Lisboa», não acatar a lei do C. S. R. proibindo a divulgação de notícias que envolvam tomadas de posição individuais ou colectivas de militares.

Posteriormente aderiram também os trabalhadores da RTP e da Emissora Nacional.

A tomada de posição dos trabalhadores da ANI foi aprovada por unanimidade, enquanto que a dos trabalhadores da Redacção de Lisboa do «Jornal de Notícias» foi tomada «sem prejuízo da posição que possa vir a ser tomada pelo plenário dos trabalhadores da empresa».

Os trabalhadores da ANI afirmam que lutam por uma «informação livre ao serviço das classes trabalhadoras, não dando a palavra a fascistas e reaccionários», e não por uma «informação livre abstracta», e, mais, «que a sua luta e a de todos os trabalhadores da Informação em geral é a de pôr o seu trabalho ao serviço das classes exploradas e oprimidas do nosso país, sob a direcção da classe operária».

Por seu turno, afirmam os trabalhadores da Redacção de Lisboa do «Jornal de Notícias» que «os soldados são o povo a quem não se pode negar o direito fundamental de expressão de pensamento».

Entretanto, o Secretariado coordenador da luta contra o decreto-lei que institui a refereida censura convoca os trabalhadores da Informação para uma reunião que terá lugar esta tarde, às 16 horas, nas instalações do jornal «A Capital», para discutirem em conjunto o documento censório.